

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
SOCIAL E INSTITUCIONAL

**JUVENTUDE & UTOPIA: experiências nas varandas de  
uma Escola Pública**



[www.gejc.hpg.com.br](http://www.gejc.hpg.com.br)

**Eliana Dable de Mello**

**Porto Alegre, abril de 2004**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
SOCIAL E INSTITUCIONAL

**JUVENTUDE & UTOPIA: experiências nas varandas de  
uma Escola Pública**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia  
Social e Institucional.

**Orientador: Dr. Edson Luiz André de Sousa**

**Eliana Dable de Mello**

Porto Alegre, abril de 2004

Catálogo na Publicação

M527 Mello, Eliana Dable de  
Juventude & utopia : experiências nas varandas de uma escola pública / Eliana Dable de Mello ; orientador: Edson Luiz André de Sousa. - 2004.  
162 f.

Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

1. Adolescência : Aspectos psicossociais 2. Espaço público  
3. Subjetividade 4. Escola I. Sousa, Edson Luiz André de II. Título

CDD 305.23

(Bibliotecária responsável: Viviane Castanho - CRB-10/1130)

*À minha filha Antonia e aos  
'julianos de espírito' de todos  
os tempos.*

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho teve o apoio financeiro da CAPES através da concessão de bolsa de estudo.

À professora Clary Milnitsky-Sapiro, pela carinhosa acolhida neste Programa e por sua generosidade.

Ao orientador Edson Sousa, pela oportunidade privilegiada de compartilhar idéias, inquietações e alegrias neste percurso – e pela autorização da experiência de liberdade que marcou esta produção.

Aos colegas da turma de 2002, pela convivência prazerosa e instigante em que o confronto de idéias e teorias foi sustentado no respeito e admiração mútua. E, particularmente, a Angélica Giacomel, por tão significativo encontro.

Aos colegas do grupo de pesquisa, em especial a Ana Marta Meira, Janaína Bechler e Márcia Goidanich, mas sem esquecer de Vinicius, Márcio, Ana Lúcia, Caroline, Daniela, Júlio, Bianca e Gisele, pelo compartilhamento de questões e discussões enriquecedoras.

A Eduardo Mendes Ribeiro, pela contribuição no momento de qualificação do projeto de pesquisa.

A Dino del Pino, pela revisão.

A Heloisa Helena Salvatti Paim, amiga tão querida e atenciosa, pela leitura cuidadosa e crítica, que ainda tanto me dá a pensar.

A Marta Denise da Rosa Jardim que, mesmo estando tão longe, marcou sua presença neste trabalho.

A Egidio Antonio Demarco, pela paciência em escutar meu “mono-assunto”, pelas sensíveis contribuições de sua leitura e por dar sustentação em todas as frentes, possibilitando-me trabalhar com tranquilidade.

A Antonia, pelo privilégio dos momentos intensos e pela compreensão e carinho com que suportou a mãe mestranda.

A meu pai Manlio Cunha de Mello, recentemente falecido, pela descoberta em tempo do Manlio/Manabu.

## EPÍGRAFE

Em “Entre o Passado e o Futuro” Hannah Arendt nos conta uma parábola de Kafka:

*"Ele tem dois adversários: o primeiro acoessa-o por trás, da origem. O segundo bloqueia-lhe o caminho à frente. Ele luta com ambos. Na verdade, o primeiro ajuda-o na luta contra o segundo, pois quer empurrá-lo para frente, e, do mesmo modo, o segundo o auxilia na luta contra o primeiro, uma vez que o empurra para trás. Mas isso é assim apenas teoricamente. Pois não há ali apenas os dois adversários, mas também ele mesmo, e quem sabe realmente de suas intenções? Seu sonho, porém, é em alguma ocasião, num momento imprevisto – e isso exigiria uma noite mais escura do que jamais o foi nenhuma noite –, saltar fora da linha de combate e ser alçado, por conta de sua experiência de luta, a posição de Juiz sobre os adversários que lutam entre si".*

E comenta:

*[...] A história registra, em sua extrema simplicidade e concisão, um fenômeno mental, algo que se poderia denominar um evento-pensamento. [...] Penso que, sem destorcer o pensamento de Kafka, é possível dar um passo adiante. [...] Visto Kafka conservar a metáfora tradicional de um movimento temporal e retilinear, “ele” mal tem espaço bastante para se manter, e, sempre que “ele” pensa em fugir por conta própria, cai no sonho de uma região além e acima da linha de combate [...] o que falta à descrição kafkiana de um evento-pensamento é uma dimensão espacial em que o pensar se possa exercer sem que seja forçado a saltar completamente para fora do tempo humano. O que há de errado com a estória de Kafka, com toda a sua grandeza, é que [...] a inserção do homem, interrompendo o contínuo, não pode senão fazer com que as forças se desviem, por mais ligeiramente que seja, de sua direção original, e, caso assim fosse, elas não mais se entrecrocariam face a face, mas se interceptariam em ângulo [...] [para] resultar em uma terceira força: a diagonal resultante que teria origem no ponto em que as forças se chocam e sobre o qual atuam. [...] Essa força diagonal, cuja origem é conhecida, cuja direção é determinada pelo passado e pelo futuro, mas cujo término jaz no infinito, é a metáfora perfeita para a atividade do pensamento. Fosse o “ele” de Kafka capaz de exercer suas forças no sentido dessa diagonal, em perfeita equidistância do passado e do futuro [...] teria encontrado um lugar no tempo suficientemente afastado do passado e do futuro para lhe oferecer a “posição de juiz”, da qual poderia julgar com imparcialidade as forças que se digladiam. É tentador acrescentar, porém, que isso “é assim apenas teoricamente”. O que muito mais provavelmente pode vir a acontecer – e que Kafka descreveu amiúde em outras estórias e parábolas – é que “ele” [...] “morra de exaustão”, deperecido sob a pressão do constante embate, esquecido de suas primitivas intenções e apenas cômico da existência dessa lacuna no tempo que, enquanto ele viver, será o território sobre o qual terá que se manter, muito embora não se assemelhe a um lar, e sim a um campo de batalha. [...] Apenas na medida em que pensa, isto é, em que é atemporal – “ele” como tão acertadamente o chama Kafka, e não “alguém” -, o homem na plena realidade de seu ser concreto vive nessa lacuna temporal entre o passado e o futuro. Suspeito que essa lacuna não seja um fenômeno moderno, e talvez nem mesmo um dado histórico, e sim coeva da existência do homem sobre a terra.[...] Este pequeno espaço intemporal no âmago mesmo do tempo, ao contrário do mundo e da cultura em que nascemos, não pode ser herdado e recebido do passado, mas apenas indicado; cada nova geração, e na verdade cada novo ser humano, inserido-se entre um passado infinito e um futuro infinito, deve descobri-lo e, laboriosamente, pavimentá-lo de novo.*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>UM CAMPO EM CONFIGURAÇÃO</b> .....	<b>8</b>
2.1	Das Lógicas e do Olhar .....	9
2.2	O recorte do campo chamado Julinho .....	17
2.3	Ouvindo histórias .....	23
2.3.1	<i>Sobre a Escola</i> .....	23
2.3.2	<i>Sobre o Grêmio Estudantil</i> .....	33
<b>3</b>	<b>VETORIZAÇÕES E DISPUTA DOS SENTIDOS</b> .....	<b>38</b>
3.1	Ordem Dominante e Subjetivação: o totalitarismo no presente ...	39
3.2	A Juventude e a Adolescência do nosso tempo .....	53
3.3	Juventude e Política: o espaço público .....	65
<b>4</b>	<b>UMA TERRITORIALIZAÇÃO PARA O IMPROVÁVEL</b> .....	<b>76</b>
4.1	Julianos no tempo de experiência do agora .....	77
4.2	Bricolagem: esboços julianos sobre vários temas	118
4.2.1	<i>A juventude e a ditadura da futilidade na sociedade Mcdonalds</i>	119
4.2.2	<i>A educação e a sala de aula: quem tem medo de rupturas?</i> .....	127
4.2.3	<i>Movimento estudantil: Davi x Golias</i> .....	133
4.2.4	<i>Política: campo de embates</i> .....	141
4.3	Utopia: Estação Julinho .....	149
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>153</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>157</b>



## RESUMO

A dissertação se constitui na tentativa de responder a indagações sobre as possibilidades da juventude, no mundo contemporâneo, mais especificamente sobre as condições de travessia que a operação adolescente implica e em sua relação com as experiências no espaço público. A noção de espaço público é entendida, através de Hannah Arendt, como o lugar onde a liberdade compartilhada entre os homens permite a ação política que revela o ser, entrelaçando ato e palavra, fundamentos do mundo humano. O texto discute a emergência contemporânea, em que a esfera midiática assumiu a função de legitimar fatos, valores e pessoas, o que leva a constatar que a mídia hoje é que detém a autoridade sobre o campo público, em detrimento das instâncias intermediárias que cumpriam essa função. Destaca, ainda, que alguns poucos locais, por suas particularidades histórico-sociais, contrapõem, ainda, ao que é publicizado pela mídia, os efeitos de um ordenamento público calcado em seu sentido político primordial. O Colégio Estadual Júlio de Castilhos (Julinho), que se notabilizou, no estado, pela propagação de pensamentos críticos e manifestações da juventude, no transcurso de sua história centenária, é o local que territorializa a pesquisa, revelando-se como espaço público ainda remanescente, por ter na liberdade seu fundamento principal. A escuta de depoimentos de estudantes vinculados ao grêmio estudantil da escola permitiu embasar a reflexão sobre a importância que as experiências de pertença a um campo público operam na passagem adolescente, que, enquanto inscrições de traços singulares num mundo comum, são compreendidas como resistência ao modo individualizante de subjetivação hegemônico nas sociedades capitalísticas.

## **ABSTRACT**

The dissertation is constituted in the attempt to answer to questions about possibilities for youth in the contemporaneous world, more specifically about the conditions of crossing implied by the adolescent operation and in its relation with the experiences in the public space. The notion of public space is understood, according to Hannah Arendt, as the place where freedom shared among men allows the political action that reveals the being, interlacing act and word, foundations of the human world. The text discusses the contemporaneous emergence in which mediatic sphere assumed the function of legitimating facts, values, and people, what leads to the evidence that the media today is the one that possesses the authority about the public field, in detriment of intermediate instances that used to accomplish this function. It also highlights that some few places, due to their historical-social uniqueness, oppose, yet, to what is publicized by the media, the effects of a public ordering molded on the primordial political meaning. Colégio Estadual Júlio de Castilhos (Julinho), renowned in the state by the spreading of critical thoughts and youth demonstrations along its centennial history, is the place where the research has its territory, revealing itself as a still remainder public space, for having in freedom its main fundament. The listening of student's depositions linked to the union students of the school allowed to base the reflection upon the importance that experiences of pertaining to a public field operate in the adolescent crossing, which, while unique traits signs in a common world, are understood as resistance to the individualizing way of hegemonic subjectiveness in capitalistic societies.

## 1. INTRODUÇÃO

Embora a epígrafe seja definida, no dicionário Aurélio, como a citação curta que antecede um texto, a transcrição, relativamente longa, do trecho da obra intitulada *Entre o Passado e o Futuro*, de Hannah Arendt (2000, p.33-40), se deve à reverberação que essas palavras têm produzido no meu pensamento e a seu desdobramento nas interrogações que pretendo aqui trabalhar.

O encaminhamento de tais questões, até a forma final desta dissertação, passou por muitas transformações. Desde há muito tempo pergunto-me pelas condições de possibilidade da emergência de um espaço de singularização para o pensamento da juventude em nosso mundo contemporâneo – tão caracterizado pela transmissão de ideais massificados, que se enunciam à exaustão nesta sociedade que se diz de consumo. Trabalhando em assessoria junto à Secretaria de Educação do município de Charqueadas, por três anos, observava que o encontro da juventude com a escola merecia ser melhor problematizado, devido ao potencial que proporciona, tanto para incremento da alienação quanto para abertura a novas posições subjetivas. Num primeiro momento, pensei em centrar meu estudo no encontro entre professor e aluno adolescente, a fim de captar, dessa relação, os fatores que fossem capazes de influenciar os jovens, ensejando-lhes possibilidades de penderem para uma ou outra direção. Meu interesse em pensar a complexidade de aspectos envolvidos pela questão escolar estava em

examinar suas relações com a operação adolescente, já que, nas palavras de Maud Mannoni (1996, p.14), *a única forma de passagem da infância para o estatuto de adulto que se oferece às crianças é o modelo escolar*. Hoje, ao rever esta frase, ela me parece deixar elementos importantes de fora, sem desmerecer a riqueza das contribuições da autora. Mas, se a configuração do problema, para mim, sofreu profundas modificações, mantém-se constante o interesse em situar o olhar nas produções juvenis que possam refletir a inauguração de caminhos próprios, apesar das condições de subjetivação impostas pelo modo capitalista de produção que é inerente à modernidade. O que revolucionou minha proposta inicial foi a inesperada conjunção entre o aporte teórico a que tive acesso, através das disciplinas cursadas nos dois anos de Mestrado, e a entrada no campo escolhido para esta pesquisa. Ambos me levaram a reconhecer que a intensidade do que ali acontecia conformava uma nova figurabilidade.

Se forem tomados isoladamente, os termos que integram o título desta dissertação — *juventude & utopia: experiências nas varandas de uma escola pública* — possivelmente remetam a reflexões de certa forma independentes, ainda que interligadas, pois cada um, devido à peculiaridade de seu significado, pode assumir uma via própria. Juntos, porém, apontam para o recorte de um campo que se funda num endereço escolar, e este endereço é o do Julinho. E, se chamo por seu diminutivo o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, faço-o já para indicar que o campo que me interessa investigar, neste momento, não é a instituição de ensino em seu aspecto formal; assim como também não pretendo produzir um estudo exaustivo sobre a juventude contemporânea, em suas múltiplas condições de emergência. Mas é como referente espaciotemporal que o endereço Julinho vem permitir uma territorialização, a qual, articulada às noções de juventude, de experiência e de público, dá forma a novo objeto de reflexão, que me possibilitará ainda algumas palavras sobre o constituir-se da utopia na história.

As considerações a serem tecidas nesta dissertação constituem a tentativa de responder a algumas indagações sobre as possibilidades da

juventude em nosso mundo contemporâneo, mais especificamente sobre as condições de travessia que a operação adolescente implica, e em sua relação com o político. Pretendem, dessa forma, interrogar o valor das experiências de espaço público como potência de transmissão simbólica que possam reverberar na constituição de um passe para uma inserção social em nome próprio. A importância do tempo e da história, em seu encontro com o espaço no presente, está colocada, portanto, na base de todo o desenvolvimento do trabalho.

É preciso observar que a noção de espaço público sofreu, nos tempos atuais, profundas transformações em relação ao sentido advindo da Grécia Antiga, que lhe deu origem, quando, vinculado à expressão do político, configurava o lugar em que a liberdade compartilhada entre os homens permitia a ação que revelava o ser, entrelaçada em ato e palavra, fundamentos essenciais do mundo humano (Arendt, 2001). Esse sentido hoje pode ser visto, ainda que um pouco apressadamente, como anacrônico, pois a emergência contemporânea da esfera midiática foi gradativamente tomando para si a função de legitimar fatos, valores e pessoas, até o ponto de sermos obrigados a constatar que é a mídia, na atualidade, que detém, à sua maneira, a autoridade do campo público, em detrimento das instâncias intermediárias – como a família, a escola e os partidos políticos – que cumpriam esta função (Fischer, 1996, 2002). Mais do que isso, programas atuais, como *Big Brother*, escancaram também o papel da mídia no reordenamento das fronteiras entre o campo público e o privado, constantemente operado no tecido social, em que a supervalorização do último produz importantíssimos efeitos a serem considerados no primeiro.

Mas, se o fascínio emanado pelos refletores dos meios de comunicação abrange todos os segmentos da população, a despeito das condições etárias, de gênero ou mesmo de classe social, uma resistência “gaulesa” ainda pode ser localizada em alguns poucos espaços públicos dotados de especiais particularidades históricas e sociais. Trata-se de casos em que os efeitos de um ordenamento público calcado ainda no sentido político primordial se contrapõem ao que é *publicizado* pela

mídia. Tais lugares, embora não sejam ilhas isoladas e impermeáveis aos imperativos da ordem hegemônica, preservam, em suas remanescências, no presente, realizações humanas regidas por outras lógicas. Nesta dissertação, a expressão *espaço público* está investida dessa conotação e pretende embasar uma reflexão sobre o significado que seus efeitos operam na travessia adolescente, permitindo-nos visualizar justamente as conseqüências de sua maciça – mas felizmente ainda parcial – supressão no campo social.

Posso dizer, portanto, que este estudo foi provocado por duas grandes inquietações. Frente a uma lógica dominante, calcada na homogeneização subjetiva – sustentada pela indução ao consumo como valor máximo da existência em uma narcísica sociedade individualista –, a primeira consistiria na pergunta sobre que brechas potencializariam a emergência da constituição do singular. A segunda preocupação deriva da primeira, e diz respeito à atual propagação de conhecimento que a mídia veicula para a juventude, e sua ênfase nas produções juvenis que se apresentam como sintomatologia. Autores contemporâneos, como Fischer (2001), têm apontado a apropriação, pela esfera midiática, de discursos especializados – especialmente discursos do campo médico, psicológico e pedagógico – que determina a inflexão dos saberes acadêmicos para estabelecer ligações entre juventude e violência, juventude e drogas, juventude e apatia, juventude e hiperatividade, etc.. Com isso, alimenta a propagação destas identidades totalizadoras para o ser jovem, ao mesmo tempo em que fornece as pautas dos comportamentos que pretende adequados. À revelia das intenções que a motivam, a produção de conhecimento sobre a juventude corre, portanto, o risco de trabalhar a favor do que pretende denunciar. Em outras palavras, adere, muitas vezes sem se dar conta, a uma lógica dominante de prescrições identitárias que, naturalizadas, encobrem a pergunta sobre a real potência deste momento da existência. Uma afirmação de Hannah Arendt, em *Entre o Passado e o Futuro*, tem funcionado como baliza fundamental deste trabalho: diz ela que *nossa esperança está pendente sempre do novo que cada geração aporta; precisamente por basearmos*

*nossa esperança apenas nisso, porém, é que tudo destruímos se tentarmos controlar os novos de tal modo que nós, os velhos, possamos ditar sua aparência futura (p.243).*

Tomo como pressuposto que o sujeito humano é efeito das formações sociais de sua época, que engendram os processos de subjetivação que o constituem. O *indivíduo*, que a modernidade vem forjando, não existia anteriormente. Philippe Ariès, em *História Social da Criança e da Família* (1981), descreve com minúcia a construção da noção de idades da vida e sua variabilidade no transcorrer dos séculos, através dos quais a infância e a família foram ganhando um *sentimento* e uma importância que a Antigüidade e a Idade Média não conheceram. Hoje, o que constatamos no imaginário social é a exaltação da juventude como idade ideal da vida, que os adultos resistem a abandonar e à qual as crianças têm pressa de chegar. É a ela que a mídia endereça sua constante sedução, pela oferta de efêmeras identidades que o consumo de determinados objetos passa a sinalizar. Os informes anseios juvenis encontram nas produções midiáticas uma configuração que lhes dá o sentido e a direção, modeladores de padronizados modos de ser jovem. Ao mesmo tempo, a juventude representa o epicentro da idéia socialmente enunciada de crise das instituições, como a família e a escola, responsáveis por sua educação.

Ser jovem pressupõe o abandono da posição de ser criança; e se, nas sociedades tradicionais, os rituais de passagem garantiam a economia simbólica na conquista de um lugar na comunidade dos adultos – através do oferecimento de papéis mais bem definidos – os dispositivos societários de hoje não garantem este reconhecimento e, portanto, impõem a cada um a solidão de um labor psíquico *vivido entre pares*, que busca sua inserção própria no social. É este trabalho de constituição de um novo lugar de enunciação – convocado pelo olhar do Outro – o que a psicanálise chamará de *operação adolescente*, e não uma etapa do desenvolvimento humano cronologicamente delimitável. É no discurso que endereça aos seus semelhantes, portanto, que reside a aposta que o adolescente faz de ser reconhecida sua afirmação subjetiva. Podemos

metaforizar a adolescência como um trabalho de lançamento de cordas entre duas posições, onde um vazio emudecido pelo espanto frente ao impacto das transformações do real pubertário e às promessas não cumpridas da infância deve ser minimamente transposto para que cada sujeito singularize seu recorte, revolucionando ativamente os ideais transmitidos. Esta transição se dá entre o sujeito referenciado no familiar e o sujeito da cultura. Dito de outra forma, configura uma segunda entrada, agora em nome próprio, do sujeito no social, e depende fundamentalmente das experiências que lhe dão referência.

Chamo atenção para o fato de que, aqui, a experiência não deve ser entendida como mera vivência prática ou psicológica. Jorge Larrosa (2002), na leitura que faz desta noção em Walter Benjamin, a define como um território de passagem aberto à sua própria transformação. Por isso, o sujeito, ao passar pela experiência, está sempre exposto aos riscos de uma travessia que sublinha o saber da experiência no campo da paixão, no que esta suporta de tensão entre a vida e a morte. Trata-se, dessa forma, de um saber que não pode prescindir de alguém que o encarne numa sensibilidade singular de estar no mundo, configurando, portanto, uma ética – um modo de conduzir-se – e uma estética – um estilo. Esta descrição da experiência aponta também uma precisão para o termo *passagem*, que utilizo em vários momentos deste escrito, alertando para o fato de que a transformação não se restringe a uma simples mudança de lugar, mas está determinada sobretudo pela construção arriscada de uma travessia.

A escolha do Julinho como campo de pesquisa deu-se pelo reconhecimento da importância que esta escola tem tido na propagação de pensamentos e manifestações da juventude, no transcurso de sua história centenária. Embora o discurso social, alavancado pela mídia, apontasse sua decadência, a mim parecia que, como espaço público de tanto valor na história e como lugar de confluência de milhares de jovens em seu pressuposto momento de adolescência, ainda abrigaria, quem sabe, a possibilidade de nele encontrarmos algumas experiências de singularidade e resistência à ordem dominante. O que ali se me deparou,



porém, em muito superou minha expectativa, pois a intensidade das experiências vividas neste local, ainda hoje, por alguns jovens, constitui um acontecimento de rara grandeza e de difícil descrição, pois tenho muito presente o risco de cair ou num ufanismo simplório, que nada acrescentaria, ou numa descrição asséptica, que não fizesse jus ao que ali pode se revelar. Para contorná-lo, a posição a ser assumida pelo olhar do pesquisador precisa evitar tanto o consolo da crença quanto o reducionismo de um racionalismo tautológico.

## 2. UM CAMPO EM CONFIGURAÇÃO

A escrita de um texto pressupõe uma tomada de posição no campo discursivo para o recorte de um objeto de interesse a ser iluminado pela palavra. No entanto, a folha em branco que serve de suporte a este ato será, de fato, branca? Tudo o que já lemos ou escutamos sobre nosso assunto, de alguma forma preenche antecipadamente a página em que nos debruçamos, obrigando-nos ao trabalho prévio de esvaziamento dos enunciados que se cristalizaram como verdades. Mas nos leva, também, ao reconhecimento de que nosso texto é sempre um palimpsesto no qual ressoam as muitas vozes que apontaram caminhos para nosso pensamento, nomeadas ou não por ele. As verdades dos especialistas, baseadas na evidência de regularidades sujeitas à replicação, e corriqueiramente reprocessadas pela mídia, apresentam-se como naturalizadas certezas. Estas pretendem tudo saber sobre os acontecimentos do mundo, e nos deixam escassas brechas onde possamos insinuar o acaso e a singularidade dos eventos que presenciamos ou de que participamos, e que com outros compartilhamos, temporalizados em um presente que transversaliza o passado assim como o futuro.

Por esta via, quero abrir algumas questões: quantas lógicas, em seu sentido *lato*, regem nosso mundo humano? Em quantas posições discursivas as linguagens reverberam, produzindo diferentes efeitos de sentido? Da lógica da linguagem técnico-informacional, de razão instrumental, à da palavra poética, de razão sensível, é no registro da

multiplicidade que testemunhamos sua existência. Falamos em lógica da ciência, do inconsciente, do mercado, da globalização, do espetáculo, dos discursos, entre tantas outras. A melhor imagem que já encontrei para expressá-la é a da alegoria, no sentido benjaminiano<sup>1</sup>, pois me permite compreender a lógica enquanto indeterminação plural, embora talvez não infinita, como nos sugere Nietzsche (1987) ao falar das forças que atuam no mundo, mas dependente das formas, visíveis e invisíveis, para revelar seus múltiplos sentidos e racionalidades. A estas formas, que se constituem no infinito cruzar das diferentes temporalidades que nos habitam, direcionarei primeiramente o meu olhar, para a seguir traçar os contornos do campo que territorializa as questões que irão sendo trabalhadas neste estudo.

## 2.1. Das Lógicas e do Olhar

*Especialista, espectador, especulador, especular, espectro, espetáculo*, são algumas das palavras que têm sua origem na raiz *spec*, que significa *olhar*. Será que todos olhamos o mundo da mesma forma, mesmo numa mesma época? Será que nosso próprio eu olha o mundo sempre do mesmo modo? O filósofo e fotógrafo Evgen Bavcar (2001) busca nas figuras míticas do universo greco-romano uma história do olhar em suas formas mais primitivas, e propõe tomarmos Ciclope, Ulisses, Tirésias e Argus para narrá-la. O Ciclope, provido de um olho só, interpretando a primitiva e rudimentar visão instintiva, vê o mundo de maneira unidimensional, apegado ao todo da natureza; por isso, para ele, o mundo ainda se apresenta dotado de unidade paradisíaca. Este é justamente derrotado por Ulisses e sua visão binocular, que, podendo diferenciar o nome da coisa, astuciosamente se nomeia como Ninguém, a quem o Ciclope denunciará aos seus irmãos como o autor do ato que o

---

<sup>1</sup> Para Jean-Marie Gagnebin (1994) o conceito de alegoria de Walter Benjamin cava um túmulo tríplice: o do sujeito clássico e sua pretensão a uma identidade coerente de si mesmo; o dos objetos que se decompõem em fragmentos e deixam de ser depositários de estabilidade; e do processo mesmo da significação, já que o sentido para Benjamin surge da corrosão dos laços vivos e materiais entre as coisas.

cegou (Ninguém o cegou), permitindo a Ulisses escapar mais uma vez. O sacrifício da visão do Ciclope, para Bavar, paga o privilégio de não se olhar permanentemente a mesma coisa, de criarmos distância para pensarmos o mundo, sem cairmos na fatalidade mítica. Afirma o autor que com Ulisses surge o olhar ligado ao saber, que não seria, no entanto, muito mais do que isso, sendo a visão comum que vê o que sabe: distinguir entre o significante e o significado, o objeto e seu signo, a pessoa e seu nome. Será com Édipo, e mais ainda com Tirésias, que, cegos, vêem o passado e o futuro no presente, que o olhar se expandirá para o invisível. Quanto a Argos, também chamado Panoptes, o monstro de cem olhos – dos quais só cinquenta adormecem, de cada vez – seria a encarnação da vigilância permanente.

É inegável que nosso mundo contemporâneo, herdeiro das proposições iluministas e fundado na ciência, privilegia o olhar que aqui atribuímos a Ulisses – sem com isso, obviamente, pretendermos atrelar a riqueza desse mito a esse único sentido – que permite separar e classificar, ordenar categorias e normatizar o real, enquanto pretende erradicar o erro, negar a incompletude e os intervalos que suspendem as certezas: *Exige-se da imagem, referência a um real visível. O olho escravizado quer a lógica figurativa, a representação do real. As imagens, exigidas à contenção, precisam ser verificáveis a qualquer preço* (Timm, 2003). Aparentemente, tudo é visível e reconhecível; mesmo nossa intimidade passa a ser cada vez mais falada e mostrada, e câmaras nos perscrutam desde o céu ou do interior dos prédios – qual Argos tecnológicos cumprindo com total eficácia a função de vigilância do Panóptico.

Neste sentido, toma grande relevância a afirmação de Hannah Arendt (2001) de que a invenção do telescópio, por criar condições de possibilidade para *o encolhimento do espaço e a abolição das distâncias* é um dos três grandes eventos que determinaram o caráter da era moderna – os outros dois seriam o descobrimento da América e a Reforma –, e que o preço dessa conquista, associada aos outros eventos, foi a alienação do homem de seu ambiente imediato e terreno. Para

Arendt, o pressuposto básico de toda a ciência moderna, a separação entre o ser e a aparência, levou ao descrédito do conhecimento trazido pelos sentidos como um todo – *reunidos e presididos pelo senso comum, que é o sexto e o mais alto de todos os sentidos* (p. 287) –, acarretando que tudo deve ser posto em dúvida, só sendo verdade aquilo que a ciência comprova. Em vista disso, diz, *os cientistas formulam hipóteses para conciliar seus experimentos e em seguida empregam estes experimentos para verificar as hipóteses* (p.300), sempre lidando, portanto, com uma natureza hipotética, demasiadamente afastada de nós para fazer parte de nossa experiência. Paradoxalmente, um mundo regido pela lógica dominante da verdade da ciência acabou nos lançando irremediavelmente na dúvida que irrealiza o mundo, e onde o senso comum foi esvaziado de qualquer sabedoria transformando-se no campo de meras familiaridades e consenso.

O domínio dessa lógica mostrou-se imprescindível na consolidação da formação social capitalista, e, para a sociedade de consumidores – vitória do *animal laborans* – por ela produzida, o valor da existência deslocou-se para a sobrevalorização da fabricação e posse dos objetos. No ofuscamento de um mundo público compartilhado, a relação com o objeto, que sempre esteve mediada por nossa relação a alguma referência terceira, vai, aos poucos, prescindindo desta presença simbólica (Melman, 1992a). Ao tornar-se se dual, fetichiza o objeto e, ao mesmo tempo, reifica os homens, do que resulta a formação de uma sociedade de indivíduos em compulsiva e imperativa busca pelo bem estar, dispostos a comprar a felicidade a qualquer preço.

Pergunto-me, então: será a capacidade de aparência um atributo dos próprios objetos, ou será o efeito de eventos, historicamente datados, que produzem a emergência de discursos, e vice-versa, que performam nosso olhar para ver aquilo que é mostrado, particularizando imagens como definidoras da realidade? O que é visível ou invisível parece depender, sobretudo, das incidências de luz que se produzem sobre algo. Pela explanação de Fischer (2001) aprendemos, com Foucault, que é no campo discursivo que se tramam as disputas da hegemonia do sentido.

São os enunciados prevalentes de uma época – captados nos murmúrios que provocam – que conformam os ideais que nortearão as práticas exercidas socialmente, numa relação de mão dupla que, ao mesmo tempo em que fixa, transforma os próprios enunciados, relançando constantemente as significações. É desta forma que entendo que linhas de fuga aos discursos dominantes não possam ser definitivamente evitadas pelo exercício do poder: pois *se existem relações de poder através de todo campo social, é porque em toda parte há liberdade* (Foucault, 1999). Percebemos como a unicidade de cada momento produz frestas virtualmente prenhes para a singularização do olhar, como potência de resistência à ordem dominante. É importante considerar, para isso, que o singular não se atém ao individual, pois o individual se sustenta na ilusão da autonomia, enquanto o singular faz parte de uma formação coletiva em que os traços fazem a inscrição da diferença.

Reconhecer as possibilidades de resistência não implica minimizar a magnitude prescritiva de nossa sociedade de controle (Deleuze, 1992), que aperfeiçoou todos dispositivos disciplinares (Foucault, 2002) para individualização e docilização dos corpos no espaço e no tempo, especializando-se como produtora de regimes de verdade totalizantes. Todos sabemos que o desenvolvimento tecnológico sofisticou, de forma antes impensada, esse controle, principalmente através da mídia, que se encarregou da domesticação dos corpos de forma imaterial. O que vestir, o que comer, como amar, que corpo exhibir, como ser mulher, homem, jovem, velho ou criança são, afinal, hoje, assuntos recorrentes e privilegiados nos meios de comunicação. Fischer (2002, p.86) aponta, nesse sentido, que

*Mais do que inventar ou produzir um discurso, a mídia reduplica-lo-ia, porém sempre a seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que ‘deve’ ser visto ou ouvido. Isto quer dizer então que ela também estaria simultaneamente replicando algo e produzindo seu próprio discurso, sobre a mulher, sobre a criança, sobre o trabalhador [...] sobre a juventude ou a adolescência.*

Uma cultura midiática do consenso vai assim, gradualmente, produzindo o empobrecimento das narrativas pela imposição da linguagem prático-comunicativa da informação, que desloca o sentido da transitoriedade – como experiência temporal – para a vivência psicológica de sucessivas aventuras descontínuas (Gagnebin, 1994). É dessa forma que vamos sendo modulados enquanto indivíduos narcísicos, buscando soluções também individualizadas para os problemas coletivos e visando ao reconhecimento imediato de nosso valor, sobretudo como imagem corporal. E o corpo jovem se coloca aqui não apenas como o grande ideal estético a que todos temos que nos submeter, mas também como o grande alvo da sedução capitalista, por sua particular predisposição a consumir os produtos culturais que vão sendo freneticamente lançados no mercado por criativas estratégias de propaganda e *marketing*.

Parece que à inquietante pergunta sobre *quem somos* – cuja resposta fomos instados a construir laboriosamente, com peculiar urgência desde o advento da modernidade, pelo nosso desamparo frente à perda das referências tradicionais que nos posicionavam de forma mais estável na organização social –, a contemporaneidade, ao travestir os dispositivos biopolíticos de regulação do poder, nos oferece uma possibilidade de resposta que poupa qualquer trabalho subjetivo. Diz que somos um corpo em constante trabalho de manutenção e aperfeiçoamento de suas partes. A indução do culto ao corpo vem a configurar a dupla captura do indivíduo ao que Guattari (1986) chama de modo capitalístico<sup>2</sup> de subjetivação: ao mesmo tempo em que neutraliza seu potencial *subversivo* à ordem vigente, fomenta o consumo da parafernália

---

<sup>2</sup> O que Guattari (1986) chama de modo de subjetivação capitalístico tem no sufixo ‘ístico’ a intenção de assinalar que essa produção não se restringe a sociedades capitalistas *stricto sensu*, mas configura um agenciamento de captura e modelização das subjetividades que o sistema Capitalista Mundial Integrado utiliza, na sua estratégia de absorção das diferenças, que, devidamente homogeneizadas, passam a se equivaler enquanto valor de mercadoria. Para este autor, o que se busca num modo de subjetivação é a estabilização da subjetividade em um particular tipo de relação consigo, coextensiva às configurações do campo social engendradas pelas relações entre forças produtivas e meio de produção.

estética que promete a perfeição das formas e a potência corporais que sustentarão a ilusão de beleza, vigor e juventude eternos, enquanto afiançam concretamente a saúde do soberano Mercado. A hegemonia da lógica de excitação técnica que se dissemina em todos os campos da sociedade atual encontra, portanto, no corpo, seu principal suporte, e produz uma força de achatamento das singularidades da experiência ao provocar a estandardização de todos valores.

Ao concebermos a subjetividade como produção do Outro, podemos dar visibilidade à tendência das sociedades capitalísticas em bloquear processos de singularização e engendrar processos de individualização que nos insensibilizam para o reconhecimento das diferenças e que têm como efeito concomitante, e não ignorado, a brutalização e a criminalização da pobreza, que escorre pelas franjas que lhe dão margem (Bauman, 1998). Como já disse Guattari (1986, p.26),

*se os marxistas e progressistas não compreenderam a questão da subjetividade, porque se entupiram de dogmatismo teórico, isso em compensação não ocorreu com as forças sociais que administram o capitalismo hoje. Elas entenderam que a produção de subjetividade talvez seja mais importante do que qualquer outro tipo de produção, mais essencial até do que o petróleo e a energia.*

Em vista disso, a violência, sintoma social gritante de nosso tempo, poderia ser aqui pensada, também, como a economia da dimensão trágica da existência, presentificada por uma lógica totalitária que instrumentaliza os homens e banaliza o mal.

É certo que, com estas colocações, poderíamos agora cair na tentação de entoar a ladainha dos horrores a que estamos destinados quando esta lógica totalitária triunfa, baseados nos terríveis exemplos, passados e presentes, que a história nos oferece. Mas minha intenção, com essa reflexão, é abrir algumas picadas que possam nos levar ao reconhecimento do novo – entendido aqui como abertura para o desconhecido – e não demonizar o que quer que seja. E não pretendo esquecer que a ciência, a tecnologia, ou mesmo a mídia, também podem estar voltadas ao interesse do bem-comum e à proposição de bens



culturais de valor inestimável: entendo que a perversidade da lógica que engendra seus mecanismos de inclusão e exclusão – de controle e instrumentalização, em suma – é que deve ser criticada. Além disso, penso que a hegemonia de uma lógica de subjetivação não a legitima como única, pois seria como tomarmos uma parte, por maior que ela seja, pelo todo, sucumbindo ao fascínio de suas produções discursivas, que relegam outras possibilidades de olhar, portadoras de outras lógicas e de outras racionalidades dotadas de força sensível, ao limbo da obscuridade.

Mas se o obscuro não é inexistente – e isso é o que a arte e a psicanálise continuam a nos confirmar – o sentido da visão não é suficiente para figurá-lo, pois a experiência do ato de olhar é também dependente do que em nós faz memória. Walter Benjamin, conforme Didi-Huberman (1998), propõe o conceito de *imagem dialética* como aquela capaz de sustentar o paradoxo de oferecer uma *figura inédita inventada de memória*; e a memória está aqui concebida não como a instância que retém, mas como a que suporta uma perda onde alguma coisa resta, um traço, um fragmento, que permite recolocar algo novo em jogo e transformar o mesmo em diferença. Este conceito, reabilitando a temporalidade e a historicidade do olhar, permitiu a Benjamin, segundo Didi-Huberman, refutar tanto a razão moderna (a razão cínica do capitalismo) quanto o irracionalismo arcaico preso à nostalgia das origens míticas.

A partir dos elementos abordados, podemos agora melhor explorar as conseqüências das diferentes formas de olhar propostas por Evgen Bavcar, acima descritas. Compreendemos que o olhar voltado para as formas míticas – referidas a um passado que naturaliza o presente e que nos faz ver sempre o mesmo – alimenta a ilusão de sempre podermos encontrar uma resposta tranquilizadora no já conhecido, ao negar a cisão constitutiva da imagem, que carrega sempre um ponto de invisibilidade no visível. É a crença numa verdade última a ser localizada num passado remoto ou num futuro distante, tão cara às concepções religiosas, que tem como conseqüência a negação do agora enquanto possibilidade de

transformação, mesmo que na fulguração de constelações fugazes que, contudo, produzem modificações no mundo.

Já o olhar da racionalidade instrumental – que nutre com tanta eficácia certo fazer científico – está voltado à tautologia, pretendendo só ver o evidente, confiando que suas lentes enxergam a coisa em si, como se o real pudesse ser apreendido diretamente. É o caso das concepções econômicas – e que norteiam a contemporânea visão hegemônica de educação –, referidas tão somente a dados quantitativos como indicadores da marcha do progresso, desconsiderando brutalmente a realidade social em todas as suas nuances e produzindo os efeitos de dessubjetivação tão freqüentes em nosso tempo. É o que leva, por exemplo, a sermos tomados por consumidores, ao invés de sujeitos, e faz com que nosso mundo seja tratado como uma inesgotável fonte de recursos, elidindo, assim, tanto a ameaça de sua finitude quanto a nossa responsabilidade frente aos dejetos produzidos nesse processo: o que primeiramente importa, quanto ao lixo que produzimos como consumidores, é que ele fique fora do nosso campo de visão.

Quando podemos admitir que o obscuro, o vazio, a decrepitude, a morte, a perda e o resto igualmente compõem a existência, construímos um olhar que se estende também ao invisível, mas que somente a imagem que se dialetiza em dupla distância – do que é e do que se perdeu – é capaz de figurá-la (Didi-Huberman, 1998). Na esteira do pensamento benjaminiano, podemos pensar essa imagem como fruto de uma tensão dialética sem síntese possível que a harmonize, mas como lampejo que nos destitui de nossas certezas e nos deixa, na força de um instante, no limiar de um olhar, cara a cara com o que faz enigma. A análise de Foucault (2002a) do quadro *As Meninas*, de Velásquez, elucida brilhantemente a impossibilidade de a imagem mostrar todos os elementos que a integram, pois um vazio essencial referido àquilo que a funda está inelutavelmente indicado: para o autor, o ato de ver implica considerar a latência de uma ausência. Como uma cisão sempre reconduzida, a dialética joga com a contradição, não para resolvê-la,

*nem para entregar o mundo visível aos meios de uma retórica. Ela ultrapassa a oposição do visível e do legível num trabalho – no jogo – da figurabilidade. [...] Aqui não há portanto ‘síntese’ a não ser inquietada em seu exercício mesmo de síntese (de cristal): inquietada por algo de essencialmente movente que a atravessa, inquietada e trêmula, incessantemente transformada no olhar que ela impõe (Didi-Huberman, 1998, p.117).*

Como citado anteriormente, para Benjamin não existe imagem dialética sem trabalho crítico da memória no confronto com o que resta como indício de tudo o que foi perdido, onde não se pode dizer nem que o passado ilumina o presente nem que o presente ilumina o passado, pois o passado se torna anacrônico enquanto o presente se apresenta reminiscente, num jogo sempre vivo em que a perda operacionaliza o desejo. Uma imagem, diz Benjamin,

*é aquilo no qual o Pretérito encontra o Agora num relâmpago para formar uma constelação. Em outros termos, a imagem é a dialética em suspensão. Pois enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, contínua, a relação do Pretérito com o Agora presente é dialética: não é algo que se desenrola, mas uma imagem fragmentada. Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas (isto é, não arcaicas); e a língua é o lugar onde é possível aproximar-se delas (apud Didi-Huberman, 1998, p.114).*

## **2.2. O recorte do campo chamado *Julinho***

Apoiando-me na reflexão feita no tópico anterior, necessária para situar as possibilidades de foco que podem apresentar diferentes visibilidades para a exposição de um objeto, devo lançar-me agora na empreitada de relatar o que meu olhar estabelece como recorte no campo chamado *Julinho*. A história desta aproximação talvez remonte à minha própria adolescência e à curiosidade despertada, já naquela época, por acontecimentos protagonizados por uma juventude inquieta e contestadora que fazia do *Julinho*, na minha imaginação, um lugar onde *as coisas aconteciam*. A operacionalização desta pesquisa, contudo, tem seu ponto de partida quando iniciei meu trabalho, em março de 2003, com total liberdade de circulação nas dependências escolares, durante os três turnos de seu funcionamento – oferecidos todos ao Ensino Médio –,

após ter vencido as etapas burocráticas necessárias, iniciadas em outubro de 2002, para que eu tivesse autorização para frequentar o Colégio Estadual Júlio de Castilhos e colher os dados para minha pesquisa – momento em que deixei clara minha intenção de promover a devolução de seus resultados, ao seu término. Ao me apresentar, em meu primeiro dia de contato, à coordenação pedagógica da escola, conforme o combinado, fui então encaminhada ao grêmio estudantil.

É claro que, nesse momento, eu já conhecia muito da história centenária deste tradicional colégio, fundado no ano de 1900, e também do seu combativo grêmio; inclusive já tinha tido acesso à publicação comemorativa dos seus 90 anos e às outras três que homenageavam seus 100 anos de funcionamento. Com exceção de uma, que busca analisar sua trajetória histórica em consonância com os acontecimentos políticos mais significativos desse período, as outras são todas livros de memórias de ex-alunos ilustres, que passaram por seus bancos escolares e que narram, em centenas de depoimentos, as lembranças subjetivas do tempo ali vivido por cada um, bem como as marcas que eles deixaram em suas vidas. Esse material<sup>3</sup>, sem dúvida comovente, referia-se, todavia, ao passado glorioso da instituição, conhecida como escola-padrão do estado por muitos anos, mas marcada, nos anos recentes, por um discurso social – alimentado principalmente pela mídia – que apontava sua decadência.

Registro, portanto, minha surpresa ao me deparar, no aqui e no agora do tempo presente em que me encontrava, com a mesma intensidade das experiências que os livros relatavam. No grêmio estudantil fervilhavam preocupações políticas (mas nossos jovens não são apáticos?) e iniciativas de cunho cultural (não são desinteressados?), num espantoso clima de construção coletiva (não são individualistas?), marcado pela ressonância histórica do espaço em que se encontravam e pelo orgulho de a ela pertencerem (não são alienados?), em luta pelo

---

<sup>3</sup> Não vou me deter, nesta dissertação, na análise desses livros de depoimentos embora configurem um rico material, que, por si só, serviria como campo para novas pesquisas.

direito de freqüentarem a escola fora de seu turno de aula (mas a escola não é um lugar de que os alunos querem se livrar o mais rápido possível?), e (pasmese!) falando bem de seus professores e da direção da escola. Sob o impacto do que ali começava a testemunhar e das questões que em mim emergiam (o que justificava tantas idéias preconcebidas?), percebi que o foco da minha pesquisa se deslocava: eu teria que tentar compreender as condições de possibilidade de tais experiências e o efeito por elas produzidas numa operação adolescente.

Ao adentrar o espaço físico da escola fui percebendo que o uso de grades, que se tornou característica das edificações escolares nos últimos anos, não encerra todas as aberturas da escola: no lado de fora existe uma grade cercando todo o prédio e observa-se que algumas salas do andar térreo têm grades internas às vidraças. Dentro, o gradeamento até existe, mas é discreto, e a visão nos disputados terraços dos andares superiores – destinados às salas de aula – que se comunicam com a praça em frente, não está mediada por elas. Na verdade, além dos dois acessos às escadas para os andares de cima apenas as salas equipadas com computadores e a biblioteca utilizam esses dispositivos de proteção. Embora o prédio necessite de alguns reparos, não observei marcas intencionais de destruição: poucos são os vidros quebrados e as paredes não estão pichadas, mas repletas de murais em que se sucedem desde informações científicas a manifestações de caráter cultural e político. Os dois leões alados e o busto de Júlio de Castilhos – sobreviventes do incêndio da antiga edificação do colégio – estão localizados ao fundo do saguão principal. Dali passa-se ao pátio, e minha primeira surpresa foi me deparar com muitas árvores na parte central, fazendo sombra a vários bancos de concreto espalhados em seu vão central, que costumam estar ocupados por diversos grupos de estudantes que conversam, namoram e não raro tocam violão. No horário de recreio, a rádio interna da escola, que na verdade pertence ao grêmio, mas ultimamente tem funcionado de forma independente, *bota som* (em geral *rock*) e anima o intervalo entre as aulas. O pátio é surpreendentemente grande, eu o chamaria, mesmo, imenso. O lado da esquerda está ocupado por um estacionamento para

carros, e o direito se espalha, fazendo ainda uma esquina com o prédio construído em anexo, depois do vão central, estendendo-se por cerca de 500 metros até o final do terreno. Esse anexo comporta o auditório, dois bares (um para os professores e outro para os alunos), a sede do DTG (Departamento de Tradições Gaúchas), laboratório e oficinas de arte; atravessando-o, chegamos ao ginásio de esportes. No terreno existe ainda um campo de futebol e quadras para esporte. Em toda a sua extensão, vários grupos de alunos usam preencher, de forma intercalada, seu espaço. Minha impressão geral era de que o clima reinante no pátio da escola assemelhava-se em muito ao que percebemos em acampamentos de juventude: todos sempre me pareceram bem à vontade, circulando livremente. Chamou-me atenção a ausência de gritos ou tumultos nestes espaços coletivos — uma alegria tranqüila parecia ser a tônica.

O Julinho envolve um universo de quase cinco mil estudantes e, com certeza, experiências muito distintas ali se desenvolvem. Meu interesse, nesse momento, não era compará-las, mesmo porque tal tarefa teria sido talvez impossível para um projeto de Mestrado. O que cativava a minha curiosidade residia na dimensão política das experiências juvenis. Essa inflexão articula-se, neste trabalho, com a tentativa de responder, mais precisamente à seguinte questão: um espaço público aberto a esta dimensão poderia potencializar passagens adolescentes, digamos, mais exitosas? Por isso, minha opção para o estudo foi centrar-me em um grupo de jovens, dentro desse universo, que tem na política o eixo de suas referências. Tomei, então, como recorte, o grêmio estudantil do Julinho, em sentido amplo, de forma a incluir as pessoas que ali circulavam, e não apenas sua diretoria, e, deixando-me conduzir pela intensidade dos acontecimentos que em suas bordas se desenrolavam, passei, então, a cartografá-los. Frequentei a escola todo o ano de 2003, e no final deste período registrei, ainda, em gravação, nove depoimentos<sup>4</sup> nos quais pedia aos meus entrevistados que contassem suas experiências

---

<sup>4</sup> Todos entrevistados assinaram termo de autorização de uso deste material para fins desta pesquisa.

na escola, no grêmio, e o significado que elas assumiam na vida de cada um. Frente à delimitação proposta para esse estudo, restringi-me a ouvir, além dos alunos, apenas os professores das disciplinas de Arte, pela implicação subjetiva do fazer artístico, e uma professora de História, por ser a pessoa responsável pelo museu do colégio.

Das escutas que ia realizando, e que dão corpo a este trabalho, fui aprendendo que a maior produção do Julinho são os *julianos*, que vão se constituindo como tais por uma operação em que a história está diretamente implicada. Ser *juliano* indica, nesta comunidade, fazer parte de algo que a ultrapassa, ao mesmo tempo em que lhe estabelece as fronteiras; é uma experiência de inclusão num fluxo temporal que se territorializa, a cada momento e para cada um, numa geografia singular. É importante assinalar que falar em história nesse contexto é mais do que se ater a uma historiografia gloriosa e, nesse sentido a teoria da exposição da história de Walter Benjamin (Gagnebin, 1994) nos permite ir além. Para esse autor, o tempo não deve ser apreendido apenas na noção de cronologia, mas também na de intensidade, criticando assim a idéia que vê as transformações no tempo como progresso. Para ele, trata-se mais de atualizações ancoradas em imagens dialéticas que acontecem na tensão entre o ocorrido e o agora, sempre que alguma perda for suportada e dela reste um traço, um fragmento. Por isso, para Benjamin, a exigência de rememoração não implica somente o desejo de restauração do passado, mas a tentativa de perseverar naquilo que nele pedia outro devir, sempre que essas lembranças não forem simplesmente enumerações vazias. Inscrevem-se, portanto, no presente, para transformá-lo. Dessa forma, o exercício da rememoração não emana apenas de posições nostálgicas; ao menos não necessariamente.

Como veremos, a este significante *juliano* não estão referidos apenas os alunos, mas também os professores – dentre os quais muitos são ex-alunos – e funcionários da escola. E, talvez por isso, as palavras mais usadas para definir a experiência de ser *juliano* sejam as palavras *liberdade* e *paixão*, afirmadas em testemunhos que também caracterizam esta escola como historicamente libertária. Se, obviamente, não posso

falar pela totalidade das pessoas, posso, contudo, afirmar sua forte generalidade pelo compartilhamento, ancorado na polissemia, que este significante possibilita ao manifestar sua potência de representar o sujeito para outros significantes, e que esta se encontra especialmente sublinhada nos grupos cuja compreensão de sua responsabilidade política está mais fortemente distinguida.

A grande diversidade dos grupos e a *mágica* de sua boa convivência são de reconhecimento geral. É importante assinalar, quanto a isso, que, segundo os alunos e professores que escutei, a escola apresenta índices baixíssimos de violência, considerando-se a magnitude de seu universo, e estes vêm na distorção da imagem pública do colégio o interesse explícito de neutralizar o impacto político das manifestações juvenis. Todavia, ouvi, também, que esta *chama mágica* não está sempre acesa, pois períodos de disputa por hegemonia entre seus sentidos a permeiam, e nos quais uma maior produção de cinzas parece, por alguns momentos, extinguir toda a chama. Mas a concepção de história de Walter Benjamin (1985, p. 229) como *objeto de uma construção cujo lugar não é constituído por um tempo homogêneo e vazio, mas um tempo preenchido por todos os 'agoras'*, permite compreendermos aqui, com este autor, a força da origem reconhecida como restauração de algo sempre aberto e inacabado, com potência para restituir a experiência do inédito.

No Julinho, a intensidade das novas formas e das imagens críticas interpenetradas de passado e presente nos dão, a meu ver, a possibilidade de testemunharmos a produção viva da história: história que se ancora, inequivocamente em fatos comprováveis, pois não podemos desconsiderar, como nos alerta Eric Hobsbawm (1998), a distinção entre o que aconteceu e o que não aconteceu, sem a qual não pode haver história. É, por exemplo, fato incontestável que a ditadura militar ceifou a vida de centenas de jovens no período que governou nosso país. Contudo, aprendemos também com Benjamin (1985) que os acontecimentos registrados pela historiografia oficial fazem sombras a restos, sonhos esquecidos pela história, passíveis ou não de recuperação.



Esta zona de sombras deve sobretudo ser levada em conta quanto à transmissão do passado para as novas gerações, pois a atribuição de sentidos que lhe será feita pelos jovens não depende unicamente dos fatos que podem ser verificados, mas também dos vagos murmúrios que os acompanham. Isto é o que os protagonistas atuais desta história já antiga demonstram na narração de suas experiências, ao dar visibilidade aos elementos que condicionam sua transmissibilidade e sua renovação num espaço público que não restringe a singularidade e faz da liberdade o seu fundamento principal. No que diz respeito à operação adolescente que está em causa no início da juventude a partir da modernidade, pretendo demonstrar que as experiências de exercício político, quando compartilhadas em um espaço que realmente mereça ser chamado de *público*, estão em estreita relação com uma travessia bem sucedida entre a infância e a condição adulta.

### **2.3. Ouvindo histórias**

Escola pública centenária, palco de acontecimentos humanos extremamente significativos que marcam a história da nossa cidade, do estado e até do país, o Julinho tem atravessado os tempos distinguindo-se por seu carisma, transmitido de geração a geração de estudantes, por histórias que ainda reverberam em seu fazer no presente. E, se não é fácil enumerá-las, depois de longo convívio em seu meio, mais difícil é a tarefa de eleger as que melhor o revelam. Inicialmente, para efeitos de compreensão, creio ser necessário estabelecer um pequeno resumo da história do colégio, como forma de possibilitar que as falas registradas nas entrevistas possam ser mais bem contextualizadas. Contudo, por entender que esta história concentra sua narração mais viva nos depoimentos realizados – e que encontrarão seu lugar ao longo desta dissertação – penso que posso me abster da tradução excessiva dos acontecimentos que a movimentam. Meu recurso para, preliminarmente, situá-los, será o da montagem, no sentido benjaminiano de privilegiar a construção de um mosaico feito de fragmentos de escuta, de percepções, de depoimentos, de sensações, enfim, de cacos suportados, pela

impossibilidade de tudo contar, escolhendo dar visibilidade aos fatos que ressurgiram na fala de muitas pessoas. Efetivamente, fala-se muito no Julinho.

### **2.3.1. Sobre a escola**

Fundado sob o nome de Gymnasio do Rio Grande do Sul em março de 1900, o colégio incorporou o nome de Júlio de Castilhos na própria denominação, em 1908, como homenagem póstuma ao antigo Presidente do Estado e líder do Partido Republicano Riograndense, idealizador dessa escola que nasceu para formar o quadro da elite de alunos que estudariam na Faculdade de Direito e na Escola de Engenharia. Defensor das idéias positivistas de Augusto Comte, Júlio de Castilhos entrou para a história como homem de convicções implacáveis, conhecido por seu autoritarismo e pela dureza dos métodos com que neutralizava seus adversários. A professora de história, responsável pelo museu da escola, opina, com humor, que o polêmico líder político foi privilegiado pela História, ao sofrer sua transmutação em *Julinho*, um nome tão carregado de paixão. Este apelido teve origem numa história curiosa: conta-se que nos anos 40, durante uma disputada partida de futebol estudantil contra o então arquiinimigo, Colégio Rosário, na qual o colégio Júlio de Castilhos perdia fragorosamente, a torcida adversária, pretendendo diminuir o outro time, entoou o grito “*Julinho*”. Mas o tiro lhes saiu pela culatra, pois os torcedores do *Júlio* devolvem a provocação incentivando o time com o mesmo apelido, “*Vai, Julinho!*”. Dizem, inclusive, que conseguiram virar o jogo, mas o certo é que, desde então a escola ganhou o apelido carinhoso que traz até hoje.

Concebido a partir da visão positivista, o colégio Júlio de Castilhos foi a primeira escola laica do estado, não tendo caráter religioso em momento algum da sua formação ou desenvolvimento. Destacou-se logo pela excelência de seu ensino e, por ser leiga, atraiu com isso a população judaica do bairro Bonfim, já que as escolas da época eram o Israelita, apenas feminino, ou o Rosário, ou o Anchieta,

escolas com distinguida influência da religião católica. Em vista da confluência de alunos com marcada visão cultural para ascender socialmente a partir do ensino, vai se criando no Julinho um ambiente mais liberal do que nos outros estabelecimentos de ensino. Inicialmente mais formadora em termos técnicos – embora já ensinasse Latim, Grego e Alemão –, a partir dos anos 50 se torna uma escola de caráter mais humanista, com a entrada da Filosofia e da Sociologia em seu currículo, sem sacrifício, porém, das demais matérias de caráter científico, que lhe garantiam excelentes índices de aprovação no vestibular.

Em função de ser uma escola pública com reconhecida qualidade de formação e com acesso de grupos de todas as tendências, vai se constituindo em grande atrativo para a juventude, caracterizando-se, ainda, como escola politizada, *sempre à frente de seu tempo*, onde os estudantes – em geral organizados pelo grêmio estudantil – eram, e veremos que ainda têm sido, extremamente atuantes em protestos, reivindicações e movimentos de resistência, como o da Legalidade em 1961 (que contam, aliás, que se iniciou no Julinho), e na oposição ostensiva à ditadura militar, que inclusive fechou o grêmio do Julinho por cinco anos e tirou a vida de três de seus estudantes. É oportuno situarmos, aqui, como estas histórias são contadas hoje pelos alunos. O Júlio<sup>5</sup>, 19 anos, cursando o 3º ano do 2º grau, é um que gosta muito de relatar estes *causos*. São falas dele o que vai abaixo transcrito:

*O Julinho é uma escola centenária; é uma escola que tem uma importância histórica incrível na história do Rio Grande do Sul. Na história do Brasil em si também, porque tem fatos que marcaram aí a história do Brasil e que aconteceram no Julinho, né. Eu acho que o maior exemplo disso é a campanha da Legalidade, que quando o Jango foi tomar posse e estava viajando, tentaram proibir que ele tomasse posse. Aí o Brizola, que era o Governador do Estado e até por sinal foi vice-presidente do grêmio [do Julinho] – aliás, foi o cara que fundou o grêmio em 43, e coincidentemente fundou o grêmio e depois na eleição ele perdeu, né, ficou em segundo lugar e ficou como vice porque a eleição pro grêmio, naquele tempo, era proporcional – então, na época*

---

<sup>5</sup> Nome fictício

*da Legalidade ele era Governador do Estado e foi assim que, nessa, um grupo de estudantes e o presidente do grêmio, na época, foram até a prefeitura, e aí o presidente e o pessoal falou: – o que a gente quer – não lembro quem era prefeito na época – é que o governo tome a liderança do grupo e parta para a defesa do Movimento –, e o cara não quis, né, aí então resolveram ir pro palácio Piratini. E o Brizola estava num momento político, assim, que tava em baixa, não estava muito popular, mas aí ele assumiu o Movimento e foi um salto na vida política dele, né.*

*Um outro fato assim importante também na história da escola, foi quando o grêmio foi fechado durante a ditadura; o grêmio foi fechado pela direção da escola – que durante a ditadura os diretores eram nomeados pelos militares – e teve um movimento de resistência; e aí tem o caso do Luis Eurico Tejera Lisboa, o Ico, que ele e o Cláudio Gutierrez e um grupo de alunos pegaram e abriram o grêmio na frente da praça, numa barraca: montaram o grêmio numa barraca! Daí numa passeata de protesto que teve na frente do Julinho, a Suzana Lisboa que foi esposa do Luis Eurico, com 15,16 anos apareceu na capa da Zero Hora, porque como eles defendiam o uso da minissaia ela levantou mais ainda a sua, e disse pra gente depois que adorou aquela passeata. Teve um episódio até, que como as coisas começaram a ficar na ilegalidade, então pra não despertar a atenção da polícia e conseguirem se manifestar, começou a ir um, dois, de cada vez pra uma passeata e se concentraram na praça da Matriz, e aí, quando a polícia começou a chegar eles correram para dentro da catedral, só que mesmo assim os brigadianos, dentro da catedral, bateram nos estudantes. Tiveram alunos do Julinho que foram assassinados na ditadura, como é o caso do Luis Eurico, do Nilton Rosa da Silva e do Jorge Alberto Basso, alunos do Julinho que tentaram reabrir o grêmio; foi assim, como o Luis Eurico era também da diretoria da UGES [União Gaúcha dos Estudantes] – aliás, a última diretoria de esquerda da UGES foi no ano do Luis Eurico –, então eles coletaram assinaturas para um manifesto e depois foram entregar na direção, e ele e o Gutierrez chegaram a ser presos sob a acusação de abertura de entidade ilegal, que no caso, era o grêmio do Julinho!*

A história da escola não transcorre, portanto, linearmente. Tendo sido fechada no Estado Novo, e reaberta com muita pressão três anos depois, sofre, em 1951, novo abalo com o incêndio – nunca totalmente esclarecido – do majestoso prédio da avenida João Pessoa em que estava sediada desde 1906, e do qual sobraram apenas, por serem de bronze, os dois grandes leões alados, que guarneciam as extremidades da escada, na

entrada, e o busto de Júlio de Castilhos, que hoje ainda nos recebem no saguão da escola atual. Passando a funcionar provisoriamente no prédio do Arquivo Público, neste período o Julinho já se abria para as meninas, em turno oposto ao dos meninos, com todas aquelas histórias que muitos gostam de lembrar, dos namoricos alimentados pelos bilhetes que se passavam nas classes e cadeiras. Ouçamos mais um pouco o Júlio, que nos traz ainda alguns esclarecimentos sobre a receptividade da história entre os alunos atuais:

*No primeiro ano que tu entra na escola é trabalhada a história do Julinho, e para as pessoas que se interessam, que ouvem com mais atenção, isto é pertinente, e isso acaba se tornando mais uma busca de querer saber o que é o Julinho, o que foi o Julinho; mas tem também muitas pessoas para quem isso não tem a mesma força. Acho que isso é uma questão complicada, acho que essa questão de força da história é bem inconsciente até, assim, para hoje; e tu só vê como é grande a história desse colégio quando tu vem pra cá. E esse é o quadro que a gente tem hoje: a gente tem as pessoas interessadas em saber da história do colégio, em saber do grêmio, como também tem gente que não está nem aí. E o grêmio do Julinho foi uma entidade marcada por lutas: quando foi fundado, a primeira bandeira do grêmio foi contra o acordo ortográfico, que não tenho muito claro o que foi, mas o Julinho esteve sempre contra a arbitrariedade, como a obrigatoriedade do uso de uniformes, a proibição do uso de minissaias; o Julinho sempre foi um colégio libertário. Se a gente for usar uma palavra só para falar do Julinho, a palavra é liberdade, porque o que o Julinho representa, acho que para qualquer um que estuda no Julinho, é liberdade. Mesmo que tu não saiba usar essa liberdade, tu tem essa liberdade; isso é o que o Julinho tem de forte, e normalmente isso acaba deixando as pessoas muitas espantadas.*

*O Julinho sempre esteve à frente de tudo que acontecia. Enquanto o Parobé era uma escola só de homens e o Instituto [de Educação] era um colégio só de mulheres, o Julinho era misto, apesar de ser de manhã as gurias e de tarde os guris. Então era diferente estudar no Julinho, que nem alguns ex-julianos – ex-julianos não, porque ser juliano é para sempre – falam, que só de sentir o cheiro das meninas da manhã já era diferente, e eles namoravam por cartas que deixavam embaixo das mesas ou das cadeiras, às vezes nunca se conheciam de fato. Moacir Scliar conta que a primeira namorada dele no Julinho foi assim, eles se conheceram só pelas cartas.*

Em 1958 a escola ganha seu endereço atual na avenida João Pessoa em frente à praça Piratini, ocupando o prédio projetado com este fim pelos arquitetos Demétrio e Enilda Ribeiro, e que é considerado um dos exemplos mais destacados dos inícios de uma nova arquitetura no Rio Grande do Sul. A preocupação dos arquitetos, como escreve a também arquiteta Nara Machado (s. d.),

*era buscar formas que fossem capazes de dizer algo aos usuários, que tivessem um conteúdo capaz de sensibilizar aqueles que utilizariam os espaços projetados (...) nas palavras de Demétrio Ribeiro, 'uma arquitetura que tivesse um caráter por assim dizer existencialista' cujos espaços não fossem sentidos com estranhos, desconhecidos, mas, sim, que evocassem algo próximo das vivências cotidianas dos usuários,*

Diferencia-se a obra, portanto, de muitas propostas modernistas que buscavam uma estética por ela mesma. E, continua a mesma autora,

*Neste sentido a força do ambiente proporcionado pelo pátio coberto, ligando os blocos da escola e o auditório. Ou a força da contribuição do espaço gerado pelos amplos corredores nos vários andares, interligando as salas de aula, corredores que constituem-se muito mais em galerias que têm continuidade nos terraços contíguos, conformando e oportunizando, assim, alpendres, varandas, pátios de convivência humana. Espaços fundamentais no âmbito de uma edificação destinada à educação.*

Além disso, a escola foi projetada para dialogar com a pequena praça, na qual não falta um singelo coreto, tão apreciado pelos alunos, acentuando a intenção dos arquitetos de fazer um colégio voltado para a rua, para a convivência, onde a rua entrasse e a escola saísse.

Para nos situarmos, agora, nos acontecimentos do presente, tomo as palavras da professora de história, já mencionada – e também vice-diretora do turno da tarde –, que faz uma análise, que entendo muito lúcida, do momento atual da escola:

*Acho que hoje a escola sofre um processo, acho que de modernização – que não têm como escapar, não é –, e sendo uma escola que, por ser pública, está atendendo hoje uma classe mais empobrecida, que entrou na escola, que superou o primeiro grau e que está desembocando no segundo grau. Acho que isso foi trazendo para escola um conflito muito*

*grande entre os professores: entre os já mais antigos, que vêem a escola como aquela escola-padrão, que quer uma escola formadora de vestibular, uma escola de conteúdos, e um novo grupo de professores que entende que a escola hoje tem que compreender a realidade do aluno que ela está recebendo, e que tem que mudar sua visão de educação. Acho que este é um conflito que a gente está se arrastando para resolver. Na verdade, nestes três últimos anos que eu estou aqui, é o que eu sinto, um grupo de professores quer voltar a ter o exame de seleção, quer preparar para o vestibular: então, na verdade, a gente tem quase que duas escolas disputando espaço para definir o caráter da escola.*

*Nós enfrentamos o problema de que hoje temos realmente uma classe extremamente empobrecida que vem dos Ciclos, que chegam muito despreparados para enfrentar uma escola que tem cara de escola de ensino médio, que quer trabalhar Filosofia, Química, Biologia, que quer Laboratório, que quer ensinar Matemática, Português, e chega um aluno que vem de uma visão muito diferente de escola; e acho que essa é a razão para nossa grande evasão. Este é um problema que a gente vem tratando, vendo com os pais: tu vê que realmente tem uma classe empobrecida, que vem daquele 1º grau em que recebem o caderno, recebem o livro, recebem a merenda, e que chegam aqui e não recebem mais nada – só tem a sala de aula e o professor. E esta escola que tem um enorme potencial, ela não tem um cuidado maior por parte do governo, ela é tratada como uma escola igual a qualquer outra. Porque eles não vêem que esta é uma escola que recebe 4700 alunos no início do ano, fora todas as rematrículas; é por assim dizer uma horda que chega de todos os lugares, com todas as formações, que devem se adaptar a este formato de escola. Então tu tem um aluno que não sobrevive aqui, porque aqui o aluno tem que se autogerir, ele tem que se mexer, isso aqui já é quase uma pré-universidade em muitas situações; e então eles, o governo, não pensam nesse tipo de coisa: que teria que se fazer um nivelamento dos alunos do primeiro ano, na liberação de horas para projetos, na liberação para mais reuniões para o primeiro ano; e eles não querem nem saber, é só professor e sala de aula, tu entra, vai dar aula e te vira. Uma escola que tem mais de 100 anos, e eles não permitem que se coloque gente para cuidar do museu, nós temos ali, do lado do museu, uma sala de livros raros, com livros de 1600, 1700 que conseguiram salvar no incêndio. Muita coisa se salvou, tem coisas que a gente não sabe como é que está aqui, temos um livro dos sermões do Padre Vieira, de 1680, que está até com o Noel do Arquivo Público que ficou apavorado quando viu os livros que estavam em caixas empoeiradas, atiradas. A gente achou um crime deixar o livro do Padre*

*Vieira nestas condições e emprestou pro Arquivo tomar conta. Quando a escola queimou, o nosso arquivo de alunos funcionava ali onde é a Casa de Estudante na João Pessoa, eram umas casinhas meia-água, e o nosso arquivo já estava ali porque estava já um pouco apertado o espaço, então temos todo o nosso acervo desde 1900, temos livrões deste tamanho, estão ali, tudo ali sem ser verdadeiramente cuidado; então este tipo de coisa eles não entendem. Não entendem que tu começas o ano com quase 5000 adolescentes, que é mais do que os eleitores que têm alguns municípios; e se tu olhar o nosso índice de conflitos, de atritos, de violência, é baixíssimo. Claro que tu vê brigas, mas não é uma constante a agressão entre os alunos. E aqui, como eles dizem, tem todas as tribos, tem os detegês [que participam do DTG], tem os darks, tem os punks, tu tem a gurizada politizada, tem as patricinhas, e todo o mundo convive, e é impressionante que nesta diferença eles têm uma unidade.*

*Isso foi uma coisa até que a gente disse pro Demétrio Ribeiro, quando ele esteve aqui e a gente conversou sobre a arquitetura da escola: a gente disse pra ele que ele tinha conseguido o que ele queria, porque ele falou que a idéia dele não era fazer um colégio apenas com um pátio interno, como o Rosário, o Bom Conselho, ele disse que queria fazer um colégio voltado para a rua, para a convivência, ele queria que a rua entrasse e a escola saísse: até a gente riu muito, que ele não precisava ter exagerado tanto, porque este é um dos nossos problemas, a rua entra demais e a escola sai demais. [risos] E, isso, acho que hoje é muito importante, nós não temos corredores fechados, que aumentam a tensão, tudo aqui é largo, então tu respira, tu caminhas por aqui; isso é uma das coisas, para mim, que ajuda a gente a evitar a questão do conflito, tem espaço para alunos que as vezes vêm de espaços muito restritos. E esta fama que o Julinho tem de ser uma escola violenta, com muitos problemas de drogas, na verdade não se confirma aqui. Acho que as pessoas, em geral, ainda têm uma visão de que a escola é uma coisa fechada, onde tu estás domesticando as pessoas. Como o Julinho sempre foi à frente, então ele sempre carregou esta pecha. Antigamente, ainda, pelo menos, diziam que era uma escola-padrão, mas na verdade é uma escola-padrão que sempre reproduziu esse comportamento; então durante um tempo era porque todo mundo era comunista, agora é porque todo mundo é drogado, e então ela vai com essa marca; e na verdade ela sempre teve uma grande diversidade, sempre foi uma escola extremamente aberta. A grande briga que a gente consegue ganhar na Secretaria de Educação é quando começa a levantar essa lebre, qual outra escola que tem 4700 alunos e que resolve seus problemas? Porque dificilmente nós chegamos até a*



*Secretaria de Educação levando problemas. E olha que não temos especialistas aqui dentro, contamos apenas com os serviços da orientação e supervisão, e mesmo estes são extremamente diversificados, um orientador tem uma visão, outro tem outra; claro que, às vezes, é difícil trabalhar com uma estrutura com tanta diversidade, pois parece mais fácil trabalhar numa coisa mais ordenada, mas ao mesmo tempo dá para todo mundo respirar e tu diminui o atrito.*

*Agora acho que é importante, acho que a gente deveria é tentar definir um pouco mais o que a gente quer com essa gurizada que está chegando, porque isso a gente não tem muito claro, até porque a gente tem desde o aluno da de classe média até o aluno paupérrimo: teria que tentar unificar um pouco isso. Aproveitar a riqueza que é a de um guri, de classe média, hoje, que frequenta os shoppings, conviver com alguém que vive lá na Lomba do Pinheiro, fortalecendo esse vínculo sem o preconceito. Acho que isso é uma grande coisa que a escola faz: quando tu vê o Zezinho lá da Lomba e tu vê que ele não é um marginal, que é um colega igual a ti, que tem os mesmos sonhos que tu, então eu acho que isto é uma grande coisa que a escola pública, no geral, perdeu, e que o Julinho ainda consegue, porque consegue misturar essa diversidade. Acho que junto com isso a gente tem que retomar um pouco a questão do aprendizado, que eu acho que escola não tem que trabalhar só a questão da cidadania, da socialização: a nossa função também é dar para essa geração que não têm contato com o mundo letrado, um pouco desse mundo que taí, certo ou errado, europeizado, globalizado, mas é o mundo que a gente está vivendo, e que eles têm que aprender a ler e têm que aprender a se expressar, porque o mundo vai exigir isso deles. O Pedagógico está pensando agora um projeto para os primeiros anos, porque de vinte e oito primeiros anos, chegamos em só quatro terceiros! Ao nível dos professores acontece também uma coisa preocupante, porque os professores hoje preferem dar aula para o primeiro ano porque acham que o aluno do terceiro ano é muito exigente, e acham que não estão prontos para enfrentar este aluno, preferem os do primeiro porque acham que aí ninguém vai lhes cobrar nada. São muitos os problemas, como tu vê, mas acho que o Julinho, por tudo que representa, merece que procuremos encontrar as suas soluções; nem que seja, gosto sempre de dizer, porque de chimangos e maragatos, republicanos e federalistas, a escola não reproduz o sectarismo, e transforma todos em julianos; esta expressão que apareceu nos anos 40 e tem vigência até hoje.*

Ainda devo dizer, que o colégio abriga, atualmente, em seu quadro, aproximadamente duzentos e quarenta professores; destes,

dezesseis são professores de Arte, abrangendo as áreas de teatro, música e artes visuais. Por seu caráter coletivo, não foi difícil logo perceber a atração exercida entre os estudantes pelo espaço de teatro, pois muitos prestigiavam essa atividade, seja no próprio exercício, como atores, seja como espectadores, ocupando o auditório mesmo fora do próprio período de aula. Os professores da disciplina confirmam o grande interesse dos alunos, demonstrando, eles também, muito entusiasmo com as encenações dos esquetes produzidos coletivamente; tudo acontecendo de forma muito improvisada, já que o material de suporte é bastante precário, o que parece ser compensado pelo perceptível envolvimento de todos. Contou-me uma professora de teatro, e referência unânime entre os alunos, que ela ingressou na escola no último concurso do Estado e começou a dar aulas à noite – pois já trabalhava o dia inteiro em dois outros empregos – e passou a reparar que *eu chegava no Julinho exausta, mas saía cantando, aí eu disse: ué, o que está acontecendo? É que o astral da escola é realmente especial de bom*. Acabou largando as outras atividades e hoje trabalha só no Julinho, tendo fundado um grupo de teatro da escola, aberto a todos interessados, que muitas vezes ensaia nos fins de semana.

A coordenadora atual da área de Artes – que envolve todas as modalidades –, ela mesma professora de cerâmica, me explica que os alunos do primeiro ano escolhem uma oficina de artes para participar durante o ano. Conta que entre os professores destas disciplinas comenta-se que trabalhar no Julinho representa para eles o recreio de sua jornada, referindo-se ao prazer proporcionado por este trabalho, que privilegia, num contato muito próximo e personalizado dos alunos, oficinas de produção de autorias, mais que um desenvolvimento de talentos: pois *no Julinho podemos trabalhar livremente, sem a prisão do currículo*. Entende que a Arte abre a possibilidade do olhar para o tridimensional, quando se tem uma visão marcada pela predominância do bidimensional, implicando uma abertura ao tempo da criação para os alunos. Estes sofrem com a questão do imediatismo, pois muitos acreditam ter que pensar e criar já, mas ali aprendem a sustentar um

olhar, para depois dizer: *eu nem sabia que era capaz de fazer isso*. Essa liberdade de trabalho, segundo a professora, não é comum nas outras escolas, mesmo as privadas. E, diferentemente do teatro, as oficinas das artes visuais (escultura, desenho, cerâmica, xilogravura e pintura) são muito bem equipadas e ocupam espaço adequado a este fim. O que todos lamentam é que a disciplina de Artes só seja oferecida ao primeiro ano, já que a Secretaria Estadual de Educação não proporciona professores para as demais séries. Além de deplorarem a oportunidade perdida para o desenvolvimento artístico dos alunos, referendam a posição da professora de história, assinalando que, em muitos casos, os alunos chegam à escola com muita dificuldade até de compreensão, fruto, por vezes, de alfabetização tão rudimentar que alguns não conseguem simplesmente ler ou compreender um pequeno texto. Isso, segundo os professores escutados, torna todo processo de aquisição de conhecimento bastante lento, além de insuficiente o tempo para a disciplina – especialmente porque *a arte é um espaço de elaboração onde se fala muito*.

### ***2.3.2. Sobre o Grêmio Estudantil***

Fundado em 1943, o Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de Castilhos notabilizou-se em toda sua história por sua presença expressiva nas manifestações dos estudantes e também por ser berço de lideranças políticas, extrapolando sua influência para fora dos muros da escola, uma vez que sempre se posicionou na cena pública, nos momentos decisivos da história do Rio Grande do Sul e do país. Não pretendo estender-me, aqui, em sua caracterização, já que os depoimentos dos alunos colocarão em destaque aqueles fatos que julgaram mais marcantes em sua história e a importância da entidade ainda nos dias de hoje. Parece-me mais essencial destacar, neste momento, os elementos que direcionam o interesse da atual gestão e que podemos acompanhar, se folharmos o jornal *O Julinho*, editado pela entidade em 2003, no mês de julho, na metade do seu período de mandato.

O jornal *O Julinho* teve sua primeira edição em 1945, e poucos anos não testemunharam sua impressão, a qual permite a divulgação das propostas de cada gestão. Se percorrermos as folhas desta edição de 2003, em que a chapa de composição *Ação Juliana* estava na direção executiva do grêmio<sup>6</sup>, encontramos como manchete principal a comemoração por *A maior passeata desde o fora Collor!*, realizada dia 28 de março em repúdio à guerra do Iraque e contra a Alca, que *botou mais de 5000 estudantes na rua*, e que relatava ainda sobre o seminário realizado com *a presença de intelectuais e ativistas do movimento anti-guerra e de 500 estudantes* onde foi lançado o Comitê Jovens Contra a Guerra. O editorial convocava: *O Grêmio é tu, vem colega!*. E uma grande matéria informava sobre a Reforma na Previdência e apoiava a greve dos servidores; outra esclarecia e apresentava a pauta de reivindicações da campanha *Não pago pra estudar, Rigotto tem que pagar!* – contra a obrigatoriedade de compra de livros e polígrafos; e outra, ainda, se posicionava firmemente contra o estabelecimento de horários para entrada e saída de alunos na escola. Uma outra reportagem comentava a comemoração *em grande estilo* do aniversário de 60 anos do Grêmio do Julinho, contando um pouco de sua história e registrando as atividades que marcaram esta passagem, como o mural de homenagem aos três alunos do Julinho mortos pela ditadura militar, o coquetel para 400 pessoas (vereadores, deputados, ex-dirigentes do grêmio, líderes de turma, funcionários, professores e imprensa, ex-alunos ilustres como Moacyr Scliar e o vice-governador Antonio Hohlfeldt, familiares e amigos dos homenageados, destacando a presença de Suzana Lisboa), e o show de bandas nos três turnos da escola. A página central foi toda ocupada com um balanço dos seis primeiros meses da gestão, onde focavam os objetivos de *Recuperar a imagem do grêmio*, seriamente abalada pela gestão anterior que *não fez absolutamente nada, e o pior*,

---

<sup>6</sup> A diretoria executiva do grêmio estudantil é formada por: Presidente e Vice-Presidente; Secretário Geral, 1º Secretário, 2º Secretário; Tesoureiro Geral, 1º Tesoureiro e 2º Tesoureiro, que compõem uma chapa eleita anualmente, em acirrada disputa, para a condução dos rumos da política estudantil e eventos culturais para este período.

*sumiram com todo nosso dinheiro e destruíram com a imagem do Grêmio Estudantil do Julinho que sempre foi combativo e de luta em defesa dos direitos da juventude e de ter A Educação como pauta permanente! Apontavam ainda a conquista da carteirinha escolar mais barata de Porto Alegre, e concluía com a apresentação do que já foi feito em uma lista com vinte e sete itens. O jornal apresenta, ainda, uma entrevista com o professor de Filosofia Mauro Soares, presidente do grêmio em 1973, quando da reabertura oficial da entidade, após ter sido fechada pela ditadura militar, e posiciona-se ainda contra o aumento das passagens de ônibus, contra o processo de desmonte da Universidade Estadual (UERGS) e contra as declarações da Igreja Católica condenando a homossexualidade. Além disso, o jornal presta informações sobre as oficinas culturais do grêmio (Capoeira, Grafitti, Teatro, Violão, Hip-Hop e Malabaris) e apresenta um artigo sobre o movimento *punk*, e outro questionando os malefícios da maconha; e, finalmente, faz a propaganda dos próximos eventos a serem realizados: torneio de futsal, Julinho em Cena e o Festival de Bandas da Escola, todos promovidos pelo grêmio estudantil.*

Considero que a menção aos assuntos abordados no jornal permite situar as principais preocupações e propostas veiculadas durante esse ano em que acompanhei a movimentação do grêmio do Julinho, estabelecendo referências para a contextualização dos depoimentos dos alunos que envolvem a entidade. Para complementar esta apresentação do grêmio estudantil, passo ainda a palavra a três alunas, que relatam o processo de constituição desta gestão, esclarecem os assuntos financeiros do grêmio e enfatizam a força de sua história:

*O Revolta Juliana foi um movimento político de oposição que a gente criou e que começou no ano que este presidente que viria posteriormente a roubar entrou no grêmio, quando a gente perdeu a eleição pra ele. Foi assim: em 2000 existia um grupo, digamos que político também, aqui no Julinho, que era o Articulação; em 99 pra 2000, o Articulação foi eleito e fez a sua gestão; no final de 2000 pra 2001 concorreu de novo, e neste cenário aí entrou o Alexandre que é o atual presidente do grêmio, como 2º Tesoureiro. Então, em 2001, fizeram a gestão até mais ou menos a metade do ano e aí rachou; aí o*

*peçoal do Articulação foi para um lado, e este grupo que estava com o Alexandre, e na época se denominou Revolta também, foi o grupo que ficou e levou o grêmio até o final de 2001. Então, depois deste racha entre o Articulação e o Revolta, houve mais um racha dentro do Revolta, e aí saíram mais duas pessoas que foram o vice-presidente e o secretário, e aí ficou o Alexandre e a Keila, e foi neste cenário que eu entrei no 2º semestre; daí, por todo este desgaste de ter tido dois rachas em 2000, a gente não conseguiu ser reeleito no final de 2001. Até porque a eleição foi uma baixaria, as acusações foram de cunho moral, nada políticas. Aí entrou um outro cara que era novo no Julinho, que era o Vilmar, com um discurso fácil, sorriso, simpático, só apresentando propostas, enquanto que os dois grupos que tinham rachado estavam fazendo acusações, coisa do tipo; foi nesta brecha que ele entrou. Mas foi um mal até que foi bom, hoje em dia eu acho que de todos os fatos que ocorrem a gente sempre tira alguma coisa de lição: por mais que tu tenha tido um trabalho político, aqui, e tudo mais, quando a coisa começa a ir pro lado da baixaria, o pessoal acaba não dando crédito; acho que não é só no Julinho, mas em tudo que é lugar, né. Basicamente, o racha foi isso que aconteceu, e depois que a gente perdeu a eleição, a gente criou o Revolta Juliana, e tinha também o Atitude Juliana, que foi dissidente do Articulação – que dentro do Articulação também teve um racha – e aí o Revolta e o Atitude se unificaram e criaram a chapa Ação Juliana, que é a atual gestão hoje do grêmio do Julinho. O que é prioridade pra gente? Eu meio que separo um pouco; pra mim, enquanto militante de uma organização política revolucionária, eu priorizo mais questões políticas e sociais, e enquanto tesoureira do grêmio do Julinho, também priorizo questões políticas e sociais, mas a gente também não pode esquecer as questões sociais, esportivas e culturais que são uma necessidade dentro de uma comunidade escolar, acho que as coisas andam meio que paritário assim (Renata, 18, 2º ano).*

*Quando se descobriu que a gestão anterior do grêmio estava roubando o dinheiro da carteirinha escolar, foi o Conselho de Alunos que destituiu o presidente, que chamou toda diretoria do grêmio para uma assembléia geral do Conselho, que é composto de todos líderes de turmas. Só que nessa assembléia-geral foram chamados todos os alunos, e no caso, veio uma grande parte dos alunos para a prestação de contas do grêmio estudantil. E o presidente do grêmio não sabia justificar no que tinha sido gasto mais de R\$ 8000, não tinha notas; e é praticamente impossível gastar em três meses R\$ 8000, tem que ter grandes eventos para isso, nosso gasto não é mais de R\$ 300 por mês. Esse dinheiro vinha das carteirinhas que fica todo pro grêmio, porque*

*o custo da produção tem patrocínio: o papel e a tinta da impressora é dado por um cursinho pré-vestibular; o plástico é a EPTC que dá, a gente manda para eles e eles devolvem plastificada e com o carimbo deles, e nós vendemos para os alunos por R\$ 3, que ficam pra nós. Este ano, a gente recolheu só R\$ 7000, que nem todos fizeram conosco porque muita gente ficou meio assim com o grêmio por causa da outra gestão. Mas a gente tem outras fontes de renda também: a gente vende ingressos, que nem hoje tá vendendo pro baile funk, que é um baile da cidade que não tem nada a ver com o Julinho, mas a gente pega os ingressos para vender e tem uma comissão: neste, por exemplo, vai dar uns R\$ 500, por uma semana de venda de ingressos. Então a gente sempre tenta fazer o máximo de atividades possíveis para arrecadar dinheiro para o grêmio, que é todo usado no material que a gente gasta em várias coisas que a gente faz: mobilizações, passeatas, a gente precisa de faixas, adesivos, material para a política externa do grêmio e pra política interna, também, que a gente tem que cumprir nossas promessas de campanha, né (Bia, 18, 2º ano).*

*O grêmio estudantil do Julinho sempre teve na história uma força muito grande, e o ano passado foi horrível, acho que foi o pior ano da história do grêmio. No início desse ano a gente não conseguia nem um patrocínio, a gente não conseguia nada porque o grêmio estava realmente queimado em todos os lugares que sabiam o que era um grêmio estudantil. E hoje em dia o grêmio do Julinho está novamente respaldado politicamente por todo o pessoal que está envolvido com o movimento estudantil, porque eles sabem que a gente é atuante, que o grêmio do Julinho se posiciona politicamente. É claro que o Julinho sempre foi um colégio aberto e sempre vai haver pessoas que vão nascendo e vão achar a novela chata e que só fala bobagem, e essas pessoas vão ter um interesse pela política. E o Julinho é uma escola que não permite que todas as pessoas sejam alienadas, até porque nós temos uma direção aberta a movimentos entende, tem escolas que não tem como tu ter um movimento dentro do colégio, porque a direção, se vê que tu vai fazer um movimento: – ó pessoal, não pode ficar sentado aí no pátio; não permite a democracia, entende, isso é a prática da direita, e direções de direita no Julinho só teve na época da ditadura; e é por isso que ele tem essa história, o Julinho faz política tanto dentro do colégio como fora. Mesmo que agora, por exemplo, entrasse na direção do colégio uma pessoa de direita, e o grêmio do Julinho não tivesse seu espaço, ia ter uma rebelião dentro do colégio. A gente ia fazer faixas, cartazes, e ia fazer o maior estardalhaço; no Julinho não tem ficar quieto, se estiverem te reprimindo aí mesmo que a gente vai se defender. A gente está dentro da história do Julinho, e essa história*

*te incentiva mais, te dá aquela força, aquela coragem de tu ir lá e falar o que tu quer e mostrar qual a sociedade que tu queria, e dentro da escola é um dos primeiros lugares que tu tem que fazer isso; tem que mudar a sociedade em cada ponto que tu estiver presente, se não está bom vamos mudar, e esse é o problema que a gente vê em muitos adolescentes, porque muitos adolescentes falam: – ah, essa escola é uma merda;– ah, esse governo é uma merda; tá, mas e as alternativas? Crítica só não adianta nada, tu tem que construir alguma coisa e é para isso que serve o grêmio do Julinho, para construir, para conscientizar muita gente de que é possível construir de fato muitas coisas. Assim que eu entrei no Julinho eu não pensava que ele tinha toda essa história, ai eu comecei a ler os livros da escola e me emocionei muito e vi que não dá para deixar essa história morrer (Mariana, 17, 2º ano).*



### 3. VETORIZAÇÕES E DISPUTA DOS SENTIDOS

Para fazermos frente aos acontecimentos que se apresentam na contemporaneidade — como é o caso de tentarmos iluminar o que se pode revelar no campo que delimitamos no aqui-e-agora das experiências de jovens em seu encontro com o espaço público — requer-se, como condição imprescindível, situarmos tanto a historicidade na qual se constituem, quanto os marcos teóricos de que nos valem para focar o objeto em investigação. Ao tratarmos do tema da juventude atual e de suas possibilidades de singularização, impõe-se a exigência de compreendermos as linhas de força dominantes, que condicionam hegemonicamente seu processo de subjetivação, para rastreamos, então, os pontos de fuga que nos possam conduzir àquilo que resiste a esta lógica. É necessário também esclarecermos de qual juventude estamos falando, e demarcarmos as fronteiras que a configuram. Simultaneamente, a noção de espaço público exige ser precisada, para que possamos ou não lhe atribuir a potência que tomamos como hipótese para esta pesquisa. No entanto, se as formulações teóricas se configuram como recurso absolutamente necessário para desenharmos os vetores em ação em nosso campo, receamos que possam também funcionar como obstáculo ao olhar, já que, inevitavelmente, *o conhecimento tende à supressão de todas as distinções, à redução de todas as oposições, de maneira que seu objetivo parece ser o de propor à sensibilidade a solução ideal de seu conflito com o mundo exterior*, como alerta Roger Caillois (1938, p. 119). O fato de tomarmos consciência deste risco

inelutável serve-nos, aqui, como advertência para o uso demasiado generalizante do corpo conceitual que utilizamos, assim como para recordarmos que um evento de qualquer natureza está sempre circunscrito por determinações singulares impossíveis de serem totalmente abrangidas por definições teóricas.

### **3.1. Ordem Dominante e Subjetivação: o totalitarismo no presente**

No título deste tópico faço referência à presença do totalitarismo no presente. Diante do senso comum, todavia, falar na existência de uma lógica totalitária vigendo, nos dias de hoje, pode soar como aberração. Afinal, a democracia não nos trouxe a garantia da liberdade? Não temos hoje o poder de decidir e de agir por nós mesmos? A independência frente aos valores da tradição não desamarrou os laços que nos constroem? Acredita-se que totalitários foram os regimes políticos fascistas e nazistas, que a democracia ocidental derrotou na II Guerra Mundial; que totalitário era o sistema de governo da antiga URSS, cuja derrocada foi atestada por cada tijolo posto abaixo do muro de Berlim.

Não obstante, se acompanhamos as argumentações desenvolvidas por alguns autores contemporâneos, podemos perceber que a realidade que se apresenta imaginariamente chapada é, na verdade, um prisma que se desvela à medida que recebe diferentes incidências de luz. Hannah Arendt, já em 1949, ao publicar *As Origens do Totalitarismo*, situa o *isolamento*, destruidor das capacidades políticas, e o *desenraizamento*, destruidor das capacidades de relacionamento social, como condições de possibilidade para a instauração do regime totalitário, que é por ela entendido como uma nova forma de governo e dominação que se baseia na organização burocrática das massas, no terror e na ideologia, cujo principal objetivo é

*tornar possível à força da natureza ou da história propagar-se livremente por toda a humanidade sem o estorvo de qualquer ação humana espontânea.[...] Culpa e inocência viram conceitos vazios; ‘culpado’ é quem estorva o caminho do processo natural ou histórico que já emitiu julgamento quanto ‘as raças inferiores’, quanto*

*a quem é 'indigno de viver', quanto a 'classes agonizantes e povos decadentes' (Arendt, 1989, p. 517).*

Para esta autora, o totalitarismo materializa a idéia de *mal absoluto*, que reside em tornar os *homens supérfluos* e, o que é pior, não desaparece nas democracias modernas invadidas pela automatização.

Ao fazer convergir os estudos de Hannah Arendt sobre os estados totalitários engendrados na modernidade e as pesquisas sobre biopolítica de Foucault, Giorgio Agamben (2002) propõe que foi a paulatina, mas radical, transformação da política em *espaço da vida nua* o que possibilitou a constituição de uma política totalitária, que tomou sua forma extrema em nosso século XX. Assinala que a formação da democracia burguesa, derivada da Revolução Francesa, trouxe como consequência a crescente inscrição da vida dos indivíduos na ordem estatal, e a persistente *implicação da vida natural nos mecanismos e cálculos do poder*, fundando uma *curiosa relação de contigüidade entre democracia de massa e totalitarismo*. À medida que a vida biológica e suas necessidades tornam-se o fato politicamente decisivo, afirmando uma biopolítica — onde direito e fato, norma e vida biológica apresentam-se em indistinção —, abre-se o espaço para que o campo de concentração, *como puro, absoluto e insuperado espaço biopolítico (e enquanto tal fundado unicamente sobre o estado de exceção)*, surja como o *paradigma oculto do espaço político da modernidade, do qual deveremos aprender a reconhecer as metamorfoses e os travestimentos* (p. 129). É o que Agamben sugere que observemos nas zonas de espera dos aeroportos, bem como algumas periferias das grandes cidades e o terceiro mundo em geral.

Segundo Foucault (1997), devemos ao liberalismo, enquanto prática de racionalização do exercício de governo, a implantação do princípio de *economia máxima*, que se apóia na sucessiva desregulamentação governamental ao que possa obstaculizar o funcionamento do mercado financeiro. Se este, durante algum tempo, gerou uma contrapartida de políticas sociais, especialmente na Europa, até mais ou menos meados dos anos 60, que visavam contrabalançar a

fragilidade do mercado como único fundamento da racionalidade econômica, o neoliberalismo americano da escola de Chicago – que, nos tempos atuais, vem exercendo mundialmente sua influência hegemônica no mundo economicamente globalizado – busca, mediante a regulação das formas jurídicas, *estender a racionalidade do mercado, os esquemas de análise que ela propõe e os critérios de decisão que sugere a domínios não exclusivamente ou não prioritariamente econômicos. No caso, a família e a natalidade ou a delinqüência e a política penal* (p. 96).

O aumento desenfreado da miséria foi, portanto, uma das mais visíveis conseqüências da emergência deste neocapitalismo globalizado que se consolida no mundo a partir dos anos 70, tendo sua interpretação deslocada pela circulação de enunciados que tomam a pobreza como um conjunto de infortúnios individuais, provocados pela indolência ou pela inadequação pessoal, na análise de Zygmunt Bauman (1998). Este autor afirma ainda que, para a lógica de mercado, os pobres de hoje não são mais as *pessoas exploradas* que produzem o excedente a ser transformado em capital; nem são também mais o *exército de reserva da mão-de-obra*, pois a própria noção de *emprego* tornou-se quase obsoleta. Se, antes, o estado de bem-estar precisava negociar políticas sociais que dessem sustentação aos desempregados, a fim de que estivessem aptos a reassumirem funções quando fosse conveniente (aos interesses do capital, é claro), hoje esta massa de *consumidores falhos*, como os denomina Bauman, deixa de ter interesse para o capital – e também para os governos politicamente eleitos, que passam a falar a linguagem da economia – e está entregue à própria sorte. Aponta o autor que a única resposta racional a esta presença, vista como *redundante e inútil*, seria o esforço sistemático de excluí-los da sociedade dita ‘normal’. E isso, porque a *incriminação parece estar emergindo como o principal substituto da sociedade de consumo para o rápido desaparecimento dos dispositivos do estado de bem-estar* (Bauman, 1998; p.78). Em conseqüência, o *problema dos pobres passa a ser remodelado como uma questão de lei e de ordem*. Dessa forma, a *brutalização e a*

*criminalização da pobreza* fomentam a rendosa indústria da segurança, que abarrotas as prisões, e cumpre, ao mesmo tempo, a função de fazer circular o medo.

Paul Virilio (2000), por sua vez, afirma que o fascismo está ligado à vontade de poder do Ocidente, à performance e à potência pura, e que dificilmente enxergamos o que há de profundamente contemporâneo no fascismo que vem por meio da performance técnica, detectável na idéia de uma humanidade superior, melhorada pela ciência, na qual se vislumbra a vontade implícita de descartar os menos bons. O homem não serve mais como procriador, produtor ou guerreiro: pode ser eliminado, é simples. E isso, para o autor, é fascismo também. Diz que se a revolução industrial promoveu a estandardização dos projetos e também das opiniões, a revolução informacional promove a estandardização do tempo no instantâneo, do tempo das relações, pois Virilio afirma que não podemos falar do tempo, como emprego do tempo, sem falar do emprego do espaço, ou seja, da socialidade que envolve tal temporalidade. Para ele, a instantaneidade imperativa da modernidade não é tempo que socializa, mas tempo dessocializante; não é tempo de reflexão, mas tempo de reflexo e de reação, que se torna cada vez mais violento. É por isso que o autor considera difícil encontrarmos ateus hoje, pois há aqueles que crêem em deus e aqueles que crêem no deus-máquina, por meio da ciência. Idealizando-se a ciência, diz ele, ela não será uma sabedoria, mas delírio místico, *deus ex machina*.

Pier Paolo Pasolini (1983) foi um dos primeiros a perceber as modificações trazidas pelo acirramento do capitalismo nas últimas décadas, observando que o nivelamento cultural – deflagrado pelo intenso processo de industrialização e pelo desenvolvimento econômico – tendia a suprimir as diferenças psicológicas e físicas entre os jovens. Para Pasolini, o que ocorreu foi uma *mutação antropológica*, pela desvalorização do velho universo agrícola e *paleocapitalista*, e o conseqüente enterro dos valores e modos de vida agrário e proletário, que foram submetidos aos imperativos de consumo de mercadorias, fundados no novo *hedonismo liberal*. Considera que este novo poder é

pior que o fascismo histórico, por ser violentamente totalizador: enquanto os *modelos fascistas* não estavam arraigados na mentalidade do povo e eram somente máscaras para botar ou tirar, este é um poder vazio

*que está na própria totalização dos modelos industriais: é uma espécie de possessão global das mentalidades pela obsessão de produzir, de consumir e viver em função disso. É um poder histórico que tende a massificar os comportamentos (essencialmente a linguagem do comportamento), a normalizar os espíritos simplificando freneticamente todos os códigos, especialmente tecnicizando a linguagem verbal. O fascismo histórico era um poder grosseiramente fundado sobre a hipérbole, sobre o misticismo e o moralismo, sobre a exploração de um certo número de valores retóricos: o heroísmo, o patriotismo, o familiarismo. [...] O novo fascismo é, propriamente, uma poderosa abstração, um pragmatismo que canceriza toda a sociedade, um tumor central, majoritário (p.160).*

Retornando ao pensamento de Hannah Arendt, encontramos que, para a autora, as condições para o *isolamento* e o *desenraizamento*, viabilizadoras do totalitarismo, são conseqüências das transformações do espaço público e privado e do surgimento da *sociedade*. Ensina-nos que o mundo tradicional estava referido à noção de autoridade: de uma autoridade que veio a ser encarnada no pai, mas era a autoridade da comunidade que este sustentava, configurando o patriarcado. Esta sustentação se dava no mundo em comum, público, unido em seu sentido político e em seu sentido de trocas, pelo exercício da fala, que confirmava a ordem da lei e realçava o propriamente humano da existência. O espaço privado caracterizava o lugar da preservação da vida e circunscrevia o que era próprio de cada cidadão, referendando-o no espaço coletivo. Na Antigüidade clássica,

*o surgimento da cidade-estado significava que o homem recebera, além de sua vida privada, uma espécie de segunda vida, o seu `bio politikos`. Agora cada cidadão pertence a duas ordens de existência; e há uma grande diferença em sua vida entre aquilo que lhe é próprio (idion) e o que é comum (koinon) (Arendt, 2001, p. 33).*

A modernidade, que começa a existir a partir da dúvida explícita – da quebra com o saber da tradição – instaura logicamente uma queda no lugar da autoridade. O gradativo avanço da laicidade, da democracia e da

ciência, com suas especializações – que encontram seu correlativo na fragmentação dos corpos registrada pela produção artística no transcurso dos séculos –, modifica a esfera pública, que passa da comunidade para a *sociedade*. Se a comunidade era o lugar onde se celebrava a pertença, onde o próprio de cada um era realçado pelo e no comum, a *sociedade* tem sua abertura ao *qualquer um* anônimo. Para Hannah Arendt, o que torna as coisas tão difíceis na sociedade de massas, que veio a ser conseqüência disso, é, mais do que o número de pessoas que ela abrange, o fato de que o mundo, entre tais pessoas, perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las e de separá-las. Este social moderno altera, portanto, profundamente a relação entre as esferas pública e privada, pois o anonimato do social induz à procura das referências de si no espaço privado – que podemos acompanhar pela modificação da arquitetura, que vai incorporando paredes internas e cortinas –, em cujo interior o sujeito busca se abrigar de um social anônimo que lhe representa cada vez menos e, ainda, tenta preservar a intimidade do encontro amoroso, que progressivamente se independiza dos casamentos por alianças que o regia.

Phillippe Julien (2000) chama nossa atenção para a paulatina disjunção entre conjugalidade e parentalidade, que vem a se afirmar no século XX. Isso quer dizer que, à medida que aquilo que respeita ao casal, à relação amorosa, foi se tornando assunto cada vez mais privado e de cultuada intimidade, o acento do saber sobre a educação dos filhos se foi deslocando do lugar parental para o lugar social. E com isso, a emergência de um lugar terceiro passou a responder sobre o que é melhor para o bem-estar das crianças e dos jovens, representado por professores, pediatras, psicólogos, assistentes sociais, juizes da infância e da juventude, os recentes conselheiros tutelares, etc.

No entanto, já foi mencionado que hoje assistimos a novos rearranjos entre as instâncias pública e privada. A superlativa influência da mídia, no que tange aos modos de existência, vem modificando aquela cultura do intimismo, de inspiração burguesa, testemunhada até há pouco tempo. Para Jurandir Freire Costa (2003) a comercialização do hábito das

confissões públicas de segredos sexuais e emocionais, visando a bens e serviços, já havia desferido duro golpe neste cultivo do intimismo sentimental, que se completou com a cultura somática, que *faz do corpo o espelho da alma*. Nas palavras de Costa,

*O indivíduo, protegido pelo decoro e pelo pudor, podia se entregar ao deleite clandestino de impulsos, aspirações, fantasias e prazeres que escondia de todos pela fachada de polidez e civilidade sociais. Hoje somos o que aparentamos ser, pois a identidade pessoal e o semblante corporal tendem a ser uma só e mesma coisa. Quanto mais a personalidade somática se impõe como norma do ideal do eu, mais revelamos nossa alma ao outro, sem chances de defesa pela ocultação.*

Tal tendência, a proliferação dos *reality shows* vem não só a confirmar, mas também dela se apropria, ao relançar novas nuances nesta hibridização dos campos público e privado. Esta modificação está também assinalada por Beatriz Sarlo, nesta citação trazida por Fischer (2002, p.89):

*A esfera midiática introduziu inúmeras modificações na apresentação dos problemas que magnetizam a sociedade, mas o que fez com maior originalidade foi o rearranjo de fronteiras entre o que é público e o que é privado. Como consequência disso, alterou-se a relação entre os fatos que afetam todos os cidadãos e aqueles cuja projeção diz respeito apenas aos que estão privada e diretamente envolvidos em um conflito. Emerge uma solidariedade do privado em uma sociedade que está perdendo critérios públicos de solidariedade.*

Conforme apontado anteriormente, essas transformações se entrelaçam e confundem com a emergência do modo de produção capitalista, que é privilegiado na sociedade ocidental, na modernidade. Tal relação merece, contudo, um aprofundamento. Vimos que o caráter da era moderna, conforme referido por Arendt (2001), é tributário da emergência de três grandes eventos que geraram, cada qual a seu modo, um tipo de alienação: a invenção do telescópio, que abriu caminho para a abordagem inédita de enfrentamento da natureza, pela experimentação; a descoberta da América e a subsequente exploração de todo o espaço terrestre, aproximando distâncias; e, finalmente, a Reforma e a expropriação dos bens da Igreja, que, ao despojar grandes grupos



humanos de seu lugar no mundo e expô-los *de mãos vazias*, às *conjunturas da vida*, criou o *original acúmulo de riquezas e a capacidade de transformar esta riqueza em capital através do trabalho* [...] *constituindo as condições para o surgimento de uma economia capitalista* [...]. É importante assinalar que tais acontecimentos, no entanto, *não resultaram simplesmente em novas propriedades nem levaram a uma nova redistribuição da riqueza, mas realimentaram o processo de gerar mais expropriações, maior produtividade e mais apropriações* (p. 267).

A sustentação do capitalismo, contudo, parece só ter sido possível através do uso de determinados dispositivos para adequar os modos de existência e as mentalidades a um modo de subjetivação que fosse coextensivo às novas configurações do campo social engendradas pelas relações entre forças produtivas e meio de produção. Nas palavras de Neves da Silva (2001, p.30), um processo de subjetivação traduz *o modo singular pelo qual se produz a flexão ou a curvatura de um certo tipo de relação de forças. Podemos dizer que cada formação histórica irá dobrar diferentemente a composição de forças que a atravessam dando-lhe um sentido particular.*

A noção de *dobra*, no sentido proposto por Deleuze (1988) para elaborações conceituais de Foucault e aqui utilizado por Neves, se usada como operador conceitual, permitirá que nos aproximemos com maior precisão das questões que envolvem a juventude atual e o processo capitalístico de subjetivação. Deleuze considera a existência de quatro linhas para compor a dobra capaz de operacionalizar um modo de subjetivação qualquer: a primeira consiste na parte material de nós mesmos, o corpo, que é apanhada na dobra; a segunda é a *regra singular* através da qual uma *relação consigo* é estabelecida; a terceira é a constituição da relação entre saber e verdade; e a quarta, como efeito da divisão entre dentro e fora, produzida pelas anteriores, é a forma como o sujeito se relaciona com o exterior. Neves da Silva (2001) utilizando-se de Foucault e Deleuze como intercessores em seu pensamento, propõe cotejarmos estas linhas de dobra com as três configurações do social

emergidas até agora, que são apresentadas como superfícies de inscrição de um conjunto de práticas que adquirem relativa consistência em determinado momento.

Para Neves da Silva, a *primeira configuração* estaria referida à criação dos primeiros dispositivos institucionais, como orfanatos, asilos e hospícios, propostos para resolver as disfunções que os antigos arranjos informais não mais acomodavam, configurando um *modelo assistencial* destinado a abrigar os incapacitados para o trabalho, que pertenciam a um território comum. E aponta, com Foucault, que a individualização, até esse momento, se dava de forma *ascendente*, pois eram as marcas ritualísticas, discursivas e de representação plástica que distinguiam os detentores de poderes e privilégios.

A *segunda configuração* do social, conforme Neves da Silva, começou a tomar forma através das contradições geradas a partir da Revolução Francesa e de seu corolário, em 1848: ao mesmo tempo em que se legitimava a relação de reciprocidade entre os indivíduos – tendo a noção de direito entre os fundamentos de sua soberania, e o Estado com a função de assegurá-la – o liberalismo econômico era erigido como um dos mais fortes ideais republicanos. Sabemos, desde Marx, que o capitalismo, em seus primórdios, dependeu da existência de um exército industrial de reserva, e que, portanto a reivindicação do direito de trabalho para todos não poderia ser atendida. A instauração de um poder biopolítico, através da disciplina e do confinamento dos corpos, será a estratégia utilizada como resposta a esta contradição – numa lógica de contenção e controle das multidões –, e a alternância de espaços como a escola, a fábrica e o quartel, dará condições ao *vigiar e punir*, necessário, conforme Foucault (2002), para a construção de corpos dóceis individualizados no espaço e no tempo, capturados assim na *primeira linha* da dobra – do qual o projeto do Panóptico de Bentham é a melhor expressão. A *segunda linha* se definiu dentro do projeto iluminista de sobrepor a razão a outras formas de conhecer e existir, assim como na fragmentação da subjetividade em diferentes *faculdades*, como razão, vontade, afetividade, em movimento de crescente interesse

no próprio eu. A objetivação de si e do mundo, em dicotomia, que constitui a *terceira linha*, é então inaugurada pela modernidade, através da inflexão das ciências humanas, que consolidam este regime de verdade dentro do preceito de objetividade próprio ao modelo de racionalidade das ciências modernas, fundando com novos dispositivos a transição das sociedades disciplinares para as sociedades de controle. A *quarta linha* desta segunda configuração do social é a operacionalização da subjetividade capitalística propriamente dita, que, pelo embaralhamento de códigos, produziu a armadilha semiótica de criar, ao mesmo tempo, a oposição e a aproximação entre dois registros artificialmente produzidos (indivíduo x sociedade) explicando um pelo outro, numa circulação de mensagens que se excluem mutuamente e que confundem sua discriminação.

A *terceira configuração* do social é apresentada por Neves da Silva como sinalizadora da plena vigência da sociedade de controle, que potencializa a individualização *descendente* inaugurada nas sociedades disciplinares pelo crescente anonimato e pela funcionalidade do poder, exercido agora de forma contínua e permanente. O advento da informática e da cibernética, associado à concentração do capital financeiro internacional e de sua instrumentalização enquanto valor virtual, dissociado, portanto, da produção material de riquezas, implica tanto a dissolução de fronteiras quanto a aceleração da velocidade dos acontecimentos registrados simultaneamente. Aponta a autora que, ao se instituírem ou potencializarem novas lógicas, assentadas na alteração do eixo espaço-tempo, uma vergadura é materializada, podendo ser visualizada nas linhas da dobra que operacionalizam esse processo de subjetivação e que destacam, nesta configuração, os tipos psicossociais do consumidor e do especulador.

A *primeira linha* desta terceira configuração opera, agora, uma docilização dos corpos de forma muito mais sutil e eficaz, pois conta com a onipresente mídia para postular o padrão de corpo e de relacionamento, avalizados por especialistas na correção de desvios que *sujam* a pureza da perfeição. O culto aos corpos e a valorização da

verdade interior são os investimentos individualizantes que definem a regra singular da *segunda linha* como de *flutuação*, de busca de realização de novas e cambiantes identidades oferecidas a todo momento como promessa de satisfação garantida, num movimento metonímico em que todos os valores se equivalem, produzindo o achatamento das singularidades. O regime de verdade, a *terceira linha* da dobra – que se impõe como hegemônico neste momento em que as grandes metanarrativas da modernidade têm seu poder de referência enfraquecido –, constitui-se do pensamento único de que nada é possível fora do neoliberalismo. Por isso, o valor se exercita na intensificação da busca de uma *verdade interior* através de recursos como a abundante literatura de auto-ajuda produzida na atualidade, ou como os diversos programas da mídia que nos *ensinam* a encontrá-la. Portanto, quanto mais perdidos e sem referências estivermos, quanto menos nossas instituições funcionarem, tanto mais dispostos estaremos a *comprar* as efêmeras e descartáveis soluções oferecidas como objetos de consumo. A volatilidade que alimenta este mercado é conseguida pela estratégia de *embaralhamento dos códigos*, que veicula mensagens absolutamente contraditórias, mantendo-nos com a sensação de permanente defasagem frente ao padrão instituído como ideal e cuja força de assujeitamento aponta a *quarta linha* da dobra da nossa configuração social atual. Como descreve Bauman (1998, p. 54),

*a responsabilidade pela situação humana foi privatizada e os instrumentos e métodos de responsabilidade foram desregulamentados. Uma rede de categorias abrangente e universal desintegrou-se. O auto-engrandecimento está tomando lugar do aperfeiçoamento socialmente patrocinado e a auto-afirmação ocupa o lugar da responsabilidade coletiva pela exclusão de classe. Agora, são a sagacidade e a força muscular individual que devem ser estirados no esforço diário pela sobrevivência e aperfeiçoamento.*

O que nos parece importante ressaltar nesta configuração contemporânea – que muitos chamam de pós-moderna – é a transformação do trabalho na lógica do capital, para a qual o fundamento da produção passa a ceder seu lugar ao mercado financeiro. Num mundo dominado pela lógica da ordem econômica, *onde os conglomerados*

*financeiros não-eleitos, desobrigados e radicalmente desencaixados, a questão da maior lucratividade e competitividade invalida e torna ilegítima todas as outras questões [políticas, sociais ou categoricamente humanas], antes que se tenha tempo e vontade de indagá-las...* (1998, p.61). As novas tecnologias permitiram que o poder se tornasse *extraterritorial*, pois o tempo requerido para o movimento se reduziu à *instantaneidade*. Bauman denomina este estágio presente da história da humanidade de *pós-panóptico*, já que agora as pessoas que operam as relações de poder podem fugir a qualquer momento para a pura inacessibilidade, pois a presença física dos encarregados do controle já é dispensável: afinal, na era do telefone celular qualquer um é imediatamente localizável para que a ordem seja cumprida.

É possível, portanto, afirmar, que as categorias de tempo e espaço que vamos vivenciando, a cada época, são efeito das produções sociais, políticas, econômicas e ideológicas que formam nossa existência e que as diferentes modalidades que delas experienciamos configuram distintas formas de existência. Apesar da prevalência do modo capitalístico de subjetivação, observamos ainda, especialmente nas grandes metrópoles, a convivência de diferentes temporalidades e espacialidades – referidas principalmente à situação de classe dos agrupamentos humanos –, embora sempre sob a pressão da lógica hegemônica. Jean Chesneaux (1995) propõe pensarmos a idéia de *sistemas fora do chão* como *um lugar de modernidade*, os quais, por injunções e interdições, balizam novos espaços em onipresença planetária, e, *num sobressalto ideológico*, mudam a natureza do espaço e do tempo, enquanto organizam as atividades e os mecanismos da sociedade moderna. Segundo este autor, o espaço, nesta lógica, é explodido em fragmentos esparsos e torna-se sistema: o *fora do chão* promove uma dissociação para com o ambiente (natural, social, histórico e cultural). As cidades, ao perderem suas prioridades topológicas (polaridade, centralidade e axialidade), se desarticulam sob a pressão das prioridades de circulação. Já o tempo, rigidamente programado e tarifado, é esmagado no imediato: a máquina econômica informatizada *gira* de acordo com seu melhor ritmo, que é

regido por sua lógica funcionalizada, indiferente às temporalidades próprias do sujeito humano.

Ainda conforme Chesneaux (1995), é o intervalo espacial e o intervalo temporal que cedem espaço aos prazos, ao processo de latência e espera, à maturidade de uma situação, enfim, à responsabilidade pessoal. Para o autor, na modernidade oblitera-se o sentido da duração e desloca-se o eixo que liga o passado ao futuro, retirando a razão das responsabilidades políticas, pois enfraquece a capacidade dos seres humanos, individual e coletivamente, de dominar sua condição presente em função da experiência passada e com referência aos projetos futuros. Observe-se que os relógios se digitalizam e assinalam apenas o minuto instantâneo, em detrimento do sistema analógico que marcava os intervalos: *a instantaneidade, no nosso mundo da modernidade, tornou-se um verdadeiro imperativo moral* (1995, p.24). É nesse sentido que o autor entende as manifestações violentas e a ingênua solidariedade vigente entre os pares de bandos de jovens de periferia dos cinco continentes: como protesto que simultaneamente os degrada, contra o mundo sem sentido e sem projeto em que estão imersos, e contra um social que os define como problema e a eles vem direcionando políticas públicas que os conceitua pelo negativo: carentes, vulneráveis, transgressores, delinqüentes.

Considerando a especificidade do caso brasileiro, devemos agregar, ainda, os vinte e um anos de autoritarismo do regime militar, em que direitos políticos e de cidadania foram cassados, caracterizando uma época de terror na qual a violência armada se plantava nas ruas, a prisão era arbitrária e a tortura corria solta nos porões da ditadura. O desencadeamento desta brutalidade em todos os níveis da vida social deixou ainda como herança a despolitização e a adoção de estratégias individualistas de sobrevivência, potencializando ao máximo, portanto, os efeitos da nova ordem mundial. E sabemos que a juventude brasileira constituiu-se como a maior vítima desse processo, não apenas porque muitos de seus melhores representantes – por seu potencial revolucionário – foram implacavelmente perseguidos e dizimados, mas

porque a constituição da dimensão pública sob o princípio do autoritarismo foi esvaziada de sua função de referência, desorientando as novas gerações, que assumem, então, com fervor, uma ideologia subjetivista como tentativa de recuperar sua condição de sujeitos da própria história, num contexto que os alienava da história de seu país e de sua consciência crítica (Souza, 1999).

É nessa conjuntura – delineada com traços quase caricatos que a destacam – que novos sujeitos continuaram e continuam nascendo e também transitando da infância para a vida adulta, do passado ao futuro. A paisagem, tal como traçada acima, é inegavelmente pessimista. A pergunta sobre o futuro das novas gerações se impõe: quais suas perspectivas? Que horizonte as orientará? Podemos esperar alguma renovação do mundo por parte da juventude atual? É alentador conjecturar que estes jovens não lêem nosso mundo através do mesmo prisma que descrevemos: não só por serem jovens num mundo já velho, e, portanto devem ter algo de novo a dizer sobre ele, como nos lembra Hannah Arendt (2000), mas também porque toda força gera necessariamente resistência, pontos de fugas para o inesperado.

É nesse sentido que podemos pensar que as linhas de fuga a essa lógica hegemônica do capital, acima descrita, tendem a se expressar como formulações utópicas, quando ousam promover a ruptura de uma seqüência cuja expectativa é a repetição, e ousam abrir-se para outras significações possíveis. Edson Sousa (2002a) aponta que as utopias têm suas condições de possibilidade justamente na suspensão do sentido já dado e que, ao proporem novas configurações para o social, funcionam como âncoras simbólicas que fundam novos lugares e interpretam seu tempo. Também não podemos esquecer que a sociabilidade cotidiana é passível de transformação por conta da intervenção humana, que, em suas ações concretas protagoniza um embate no qual a reificação de sua condição pode ou não ser a vencedora, pois as contradições sociais que medeiam a sociedade de produção de mercadorias criam, elas mesmas, brechas para sua relativização. Para finalizar, trago, ainda, uma observação de René Scherér (2002) que pode nos ajudar a enxergar, nesta

desterritorialização produzida pelo capitalismo, algo além da destruição de culturas e valores que deixa em seu rastro. Para Scherér, podemos aproveitar a unificação do mundo trazida pelo capitalismo, valendo-nos da supressão de valores e instituições que ele oportuniza – mesmo que de forma perversa e diferente da sonhada – para introduzirmos no coletivo políticas minoritárias, micropolíticas de desejo, que não têm representação no Estado, mas que permitem criar novos agenciamentos sociais. Não seria esta uma tarefa que parte de nossa juventude, minoritários protagonistas de novas utopias, já vem tomando a seu encargo, ao instituir novos territórios de sociabilidade, aos quais cabe ao mundo adulto dar visibilidade e reconhecimento?

### **3.2. A Juventude e a Adolescência do nosso tempo**

Tanto por sua ambigüidade conceitual quanto por se constituir num objeto bastante sujeito à naturalização de seu estatuto, a proposição de um tema como o da juventude requer alguns esclarecimentos relativamente à perspectiva com que é focado. A ambigüidade dessa noção parece resultar da impossibilidade de se conferir sentido único, como generalização conceitual, a uma multiplicidade de condições juvenis que emergem no tempo e no espaço, e nos quais *a biografia se cruza com a história*, segundo a evocatória imagem de Erickson (1987). Além disso, uma produção de saber finalista e não historicizado sobre a juventude a naturaliza como uma condição do ciclo de vida que se predestina a conteúdos, seja por contingências biológicas, seja por determinações sociais, e alimenta a percepção do senso comum de que essa fase da vida sempre foi mais ou menos do jeito como a conhecemos. Vale lembrar, que toda concepção produz – através dos enunciados que faz circular – efeitos de subjetivação que tendem à fabricação de identidades nos parâmetros propostos.

E se, na convocação deste estudo, preferi o termo *juventude* – apesar de sua maior equivocidade – ao de *adolescência*, que fica reservado para uma operação psíquica específica – foi justamente procurando evitar o abarrotamento de sentidos de uma palavra que, ao



dizer tudo, já não diz mais nada; ou melhor, diz, sim, da centralidade que esta noção tem adquirido em nossa sociedade. Em sua tese de doutorado, Rosa Fischer (1996) descreve, precisamente, como se constrói uma rede de poder sobre os jovens através de um discurso sobre a adolescência no qual transitam vários saberes especializados, mesmo que deslocados de seu contexto original. Seu estudo minucioso de diversas mídias destinadas a esse público expõe, de forma inequívoca, a participação dos meios de comunicação na construção de subjetividades em nossa cultura. Um grande elenco de reportagens, entrevistas, novelas, seriados e congêneres, que tem como centro o adolescente, incluem em sua pauta, através de informações educativas que diferenciam classe e gênero, uma multiplicidade de normas, regras e práticas que propõem determinados modos de *relação consigo* – especialmente no que se refere à sexualidade e à ocupação com o próprio corpo – que buscam, sobretudo, o equilíbrio e a medida que pretende anular as contradições.

As razões para esta centralidade da adolescência e da juventude, como fenômeno observado nas mais diversas manifestações culturais a partir do final do século passado, não pode ter uma única explicação simplificadora. Mas algumas delimitações histórico-culturais podem ser pensadas a partir das indicações de Eric Hobsbawm apresentadas em *Era dos Extremos* (1995), obra em que a mobilização da juventude é focalizada como o acontecimento cultural responsável pelas transformações mais radicais do final do século XX. A emergência da cultura juvenil configura-se, para este autor, como novidade, tanto porque a juventude deixa de ser vista como um estágio preparatório para a vida adulta – mas, em certo sentido, como o estágio final do pleno desenvolvimento humano – quanto porque a vertiginosa rapidez da mudança tecnológica, que se consolidava no período, dava à juventude uma vantagem mensurável sobre grupos etários mais conservadores. Além disso, os jovens passam a representar uma massa concentrada de poder de compra alimentado no espantoso internacionalismo de um estilo que teve no *blue jeans* e no *rock* seus traços mais emblemáticos.

Para Hobsbawm, a antinomia essencial da nova cultura jovem surgiu mais claramente nos movimentos em que encontrou expressão intelectual, como nos instantaneamente famosos cartazes e grafites dos dias de maio de 1968 em Paris, que se constituíram mais em animações públicas de sentimentos e desejos – *é proibido proibir* – do que em declarações políticas de princípios no sentido tradicional. A antinomia desse movimento informal revelava-se em que todo mundo tinha de *estar na sua*, com o mínimo de restrição externa, embora, na prática, a pressão dos pares e a moda impusessem tanta uniformidade quanto antes, pelo menos dentro dos grupos de pares e subculturas.

Compreende-se por que os laços sociais tradicionais se desarticulavam neste processo, cavando um abismo entre as novas experiências juvenis e as expectativas conscientes das gerações mais velhas. A estética da juventude, no entanto, passa a encantar todas as idades e continentes. O psicanalista Contardo Calligaris (2000) complexifica esta questão ao propor que:

*Em geral, o adolescente é um ótimo intérprete do desejo dos adultos. Mas o próprio sucesso de suas interpretações produz fatalmente o desencontro entre adultos e adolescentes. Pois se estabelece um fantástico quiproquó: o adolescente acaba eventualmente atuando, realizando um ideal que é mesmo algum desejo reprimido do adulto. Mas acontece que este desejo não era reprimido pelo adulto por acaso. Se reprimiu, foi porque queria esquecê-lo. Por consequência, o adulto só pode negar a paternidade deste desejo e se aproveitar dessa situação para reprimi-lo ainda mais no adolescente (p. 27).*

De acordo com este autor, os adolescentes se constituem em ideais para os adultos, por serem quem melhor encarna o sonho de liberdade do sujeito contemporâneo.

Mas se estamos aqui a falar em idades na compreensão contemporânea, é importante termos claro o aspecto de construção de tais noções. Já foi mencionado anteriormente que os estudos de Philippe Ariès (1981) desconstruíram qualquer pressuposto de continuidade para nossas atuais categorias de classificação das idades. Na Idade Média, por exemplo, vigorava uma terminologia erudita – ausente, portanto, na vida

das pessoas comuns, que, muitas vezes, sequer sabiam a idade que tinham, nem com isso se importavam – em que era comum fazer corresponder as idades da vida ao número de planetas, aos signos do zodíaco ou aos meses do calendário. Embora variasse significativamente quanto aos anos que compreendia, de uma forma geral o termo *juventude* estava associado ao período de plenitude das forças de uma pessoa, e o de *adolescência* marcava o período em que a pessoa, embora já apta à procriação, ainda se encontra em crescimento, pois *nessa idade os membros são moles e aptos a crescer e a receber força e vigor do calor natural, e por isso a pessoa cresce nessa idade toda a grandeza que lhe é devida pela natureza* (p. 36). Embora a infância, a adolescência e a juventude fossem reconhecidas como faixas etárias, nem por isso constituíam um grupo social distinto, muito menos um ideal da cultura. A cada época, diz Ariès, corresponderia uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: situa a juventude como a idade privilegiada do século XVII; a infância como a idade do século XIX; e a adolescência, do século XX. Para ele, essas variações de um século para outro são *testemunhos da interpretação ingênua que a opinião faz em cada época da estrutura demográfica, mesmo quando nem sempre pode conhecê-la objetivamente... [mas] exprimem a reação da sociedade diante da duração da vida* (p. 48).

Philippe Ariès observa ainda que, enquanto a *paidéia* helenística pressupunha uma diferença e uma passagem entre o mundo das crianças e o dos adultos, que se realizava por meio da iniciação ou de uma educação, a civilização medieval não estabelecia essa diferença, e, portanto, não possuiu esta noção de passagem, que somente reapareceu no início dos tempos modernos, quando a preocupação com a educação se instala paulatina, mas inexoravelmente. Pela influência constante dos moralistas, no século XVIII, os colégios, controlados por autoridades eclesiásticas, passam a se constituir no espaço, por excelência, para a educação de crianças e de jovens, que deveriam ser protegidos das tentações da vida leiga. Paralelamente, determinaram uma evolução dos sentimentos das idades e da infância, que delegava à família a função

moral e espiritual até então inexistente. Foi, portanto, o estabelecimento definitivo de regras de disciplina o que completou a evolução que conduziu da escola medieval, simples sala de aula, ao colégio moderno, instituição complexa, não apenas de ensino, mas de vigilância e de enquadramento da juventude. Esse fato foi transformando radicalmente o antigo corpo social, que englobava uma barroca variedade de idades e condições, concentrando *um número máximo de gêneros de vida num mínimo de espaço*, numa nova sociedade, que reservava um espaço para cada gênero de vida e onde *cada pessoa devia parecer com um modelo convencional, um tipo ideal, nunca se afastando dele, sob pena de excomunhão* (Ariés, p. 279). Os dados apresentados por Ariès reiteram a dimensão histórica da constituição da subjetividade do jovem e a concepção de que sua expressão não pode ser interpretada como um sentido contínuo e imanente, reencontrando-se com a análise efetuada, no tópico anterior, sobre o modo de subjetivação dominante nas sociedades capitalistas.

Hannah Arendt traz importante contribuição para que possamos precisar o sentido com que interessa trabalhar a noção de juventude, para desenvolver nossos argumentos, ao propor sua conexão com o fato da natalidade. Espero não simplificar a construção de um pensamento que busca em Santo Agostinho, em Aristóteles e em Nietzsche, seus fundamentos, ao já afirmar que, para esta autora, é porque existe um começo (*principium*) que o homem pode começar (*initium*), e que o simples fato de os homens nascerem num mundo já velho – em que a morte é o destino inexorável dos que aqui já se encontram – situa a liberdade humana no próprio caráter da existência humana no mundo. É a singularidade de cada nascimento que inaugura o *milagre da vida*, ao permitir a cada um – entendido como *um qualquer* – novos começos, sempre renováveis, de ações e narrativas (ato e palavra, para ela indissociáveis), que, cumprindo a condição de serem compartilhados com outros, estabelecem que o intervalo entre o nascimento e a morte se constitua como uma biografia, uma vida especificamente humana (Kristeva, 2002). Em suas palavras:

*o milagre que salva o mundo, a esfera dos negócios humanos, de sua ruína normal e 'natural' é, em última análise, o fato do nascimento, no qual a faculdade de agir radica ontologicamente. Em outras palavras, é o nascimento de novos seres humanos e o novo começo, a ação de que são capazes em virtude terem nascido. Só o pleno exercício dessa capacidade podem conferir aos negócios humanos fé e esperança (Arendt, 2001, p. 259).*

A psicanalista Julia Kristeva, que se dedicou, entre outros trabalhos, a analisar a vida e a obra de Hannah Arendt, afirma que

*ninguém mais, na modernidade, havia refletido, como fez Arendt, lendo Santo Agostinho sobre o nascimento enquanto eterno recomeço de uma história singular, de uma narrativa insólita, de uma biografia. Onde Nietzsche insiste num 'eterno retorno' que não é uma repetição enfadonha, mas 'a forma mais elevada de aquiescência que se possa alcançar', Arendt [...] afirma uma escansão: cada nascimento é o 'milagre' desse 'eterno retorno', renovador, arriscado, promissor (Kristeva 2002, p.52 ).*

Arendt enfatiza que, por ocupar uma nova posição num mundo preexistente, cada geração terá algo de novo a dizer sobre ele, sob esta perspectiva. Por isso, entende que

*a educação não pode desempenhar papel algum na política, pois na política lidamos com aqueles que já estão educados [...] às crianças que se quer educar para que sejam cidadãos de um amanhã utópico é negado, de fato, seu próprio papel futuro no organismo político, pois do ponto de vista dos mais novos, o que quer que o mundo adulto possa propor de novo é necessariamente mais velho do que eles mesmos. Pertence à própria natureza da condição humana o fato de que cada geração se transforma em um mundo antigo, de tal modo que preparar uma nova geração para um mundo novo só pode significar o desejo de arrancar das mãos dos recém-chegados sua própria oportunidade face ao novo (Arendt, 2000, p. 225-226).*

Considera, ainda, ser impossível determinar, por alguma regra geral, onde deve recair a linha limítrofe entre a infância e a condição adulta, já que, com respeito à idade, esta muda não só de acordo com cada civilização e com cada país, mas também de indivíduo para indivíduo. É justamente a esta linha que pretendo dirigir agora minha reflexão.

Todos sabemos que – com possíveis exceções, como a civilização medieval – a maioria dos povos e culturas deu especial atenção à passagem entre estas duas condições, através dos mais variados rituais de passagens que demarcavam, no campo social, a concretização de uma travessia. Sublinhamos, aqui, que o *reconhecimento* desta *passagem* em e pelo *espaço público* estava implicado na eficácia desta operação simbólica. Nossa sociedade ocidental, a partir do advento da modernidade – que, como vimos, deslocou a centralidade da comunidade para a família como referência dos indivíduos – foi, concomitantemente, esvaziando estas cerimônias ritualísticas, marcadamente após a revolução industrial. Em seu lugar instalou-se um vazio, que passou a convocar nova operação psíquica para dar conta da desmontagem da identificação infantil, na qual o sujeito precisa apropriar-se da identificação especular que sustentava seu ser no olhar e na voz do Outro (Rassial, 1997), geralmente encarnado no campo parental. Essa operação psíquica, que, portanto, não pode ser delimitável cronologicamente, é o que a psicanálise chama de adolescência. O que se trata aqui é do trabalho psíquico de constituição de um lugar de enunciação desde uma posição sexuada – convocado pelo olhar do Outro – para substituir os rituais em que o social definia quando e onde a criança se transformava em homem ou mulher. Assinalamos que, nestes rituais, a representação provinha do Outro e precedia a experiência. Isso equivale a dizer que não é porque o corpo muda que se entra na adolescência, mas porque, à medida que este corpo mudou, ele passa a ser olhado e convocado desde outro lugar. Só que agora, na deflagração de uma operação adolescente, a experiência é que detém a autoridade (Costa, 2001) e exige a produção de novas representações, que dêem conta da excitação pulsional produzida por este novo olhar. O reconhecimento do Outro – que, contudo, precisa ser também *reinventado* – continua sendo determinante para a fundação do espaço subjetivo em que o adolescente possa afirmar sua singularidade e, ao mesmo tempo, reconhecer-se como igual perante seus pares. Além disso, ele percebe o imenso fascínio que a sociedade lhe consagra – o que, muitas vezes, alimenta seu narcisismo e lhe serve de trunfo em suas relações sociais. Sabemos todos o quão ambíguas, insolentes ou

perigosas, podem ser as manifestações adolescentes que se dão nesta suspensão da consistência imaginária do Eu e do Outro, e onde novos circuitos pulsionais precisam ser estabelecidos, no trabalho de produção de uma nova *ficção de si mesmo*, suporte da possibilidade de uma posição de autoria (Costa, 1998).

A adolescência vem a revelar, dessa forma, a própria condição dividida do sujeito moderno, sua condição de passagem entre a alienação ao Outro e a autonomia da palavra própria, entre o polimorfismo do infantil e as demarcações do mundo adulto, entre as condições de passividade e de atividade, entre o feminino e o masculino, entre a posição de objeto e a posição de sujeito do desejo. Uma passagem entre dicotomias que jamais termina de se completar devido à continuidade estrutural que liga o eu e o outro, o dentro e o fora – tal qual a imagem da fita de Moebius, referida por Lacan – mas que precisa ser sustentada em novas inscrições no campo do Outro. Por isso, não são características de uma faixa etária, mas, sim, de uma operação psíquica que pode ser deflagrada em qualquer momento que emergja uma ruptura com as antigas inscrições da posição infantil. É sempre uma suspensão na representação significativa do pulsional o que determina o trabalho da operação adolescente (Becker, 2002). Um sujeito pode envelhecer sem nunca ter entrado na adolescência, ou tendo entrado pode acontecer que jamais dela saia. Mas, sem dúvida, a eclosão das modificações corporais pubertárias e seu impacto no olhar dos outros é um momento potencialmente convocatório desse processo.

A travessia adolescente põe em causa, por conseguinte, o que diz respeito tanto ao espaço quanto ao tempo. Enquanto o descolamento da posição infantil não estiver minimamente assegurado, o tempo presente, como tempo em suspensão, regerá a temporalidade adolescente, pois o passado se apresenta como persecutório, encontrando-se a noção de futuro sob suspeita. Por isso, os sujeitos que transitam por esta operação precisam constantemente se arriscar em manifestações que buscam inscrever um traçado, com valor de ato, que delimite novas bordas no corpo ficcional da infância (Costa, 1998) para no tempo voltarem a se

inscrever. A gravidez na adolescência, por exemplo, malgrado todas as campanhas educativas, toma toda sua relevância. Compreende-se também porque, para muitos adolescentes, se torna menos persecutório buscar algumas referências nas gerações anteriores à de seus pais, podendo a busca pela história ser o caminho empreendido por muitos jovens, nesse período.

Não cabe desconsiderar que diferenças de classe também podem determinar algumas nuances importantes neste processo, já que a cultura popular das classes trabalhadoras tende a privilegiar mais o *status* da vida adulta, e a gravidez precoce ou o prematuro ingresso no campo do trabalho estão também imbuídos desta valorização, podendo muitas vezes dispensar o prolongamento do período de adolescência, tão enaltecido na cultura burguesa (Duarte, 1988). Mesmo assim, lembramos que a poderosa influência da mídia tende a homogeneizar todos os valores e nem mesmo a classe popular escapa de suas prescrições. É claro que aqui estamos tratando de teoria, pois os caminhos que subjetividades concretas delimitam estarão sempre sujeitos às vicissitudes da própria história singular, que, inclusive, podem subverter os modos de subjetivação hegemônicos do seu tempo. Aliás, essa é uma lição freudiana elementar, mas, infelizmente, muito esquecida quando se fala em nome do fundador da psicanálise.

Quando a psicanálise propõe o diálogo entre a noção de espaço e a psicopatologia (Melman, 1992), emerge pela noção da fobia a constatação de que o Eu, para se sustentar, imaginária e simbolicamente, depende da possibilidade de referências que limitem o Outro, proporcionando que o sujeito, assim, possa recortar a infinitude do espaço através da construção de fronteiras e territórios que viabilizem a circulação e o estabelecimento de laços sociais. A psicanalista Ana Costa (2001) considera que essa limitação – operada através das “mentirinhas” ou de pequenos furtos que constroem, na tentativa de enganar o Outro, uma incipiente privacidade – é o que permite a subtração da criança ao código privado do familiar e a fundação de um lugar próprio. Na adolescência, este mesmo movimento de subtração será



reproduzido nos *segredos adolescentes*: a porta do quarto chaveada assim como a escrita do diário trancado a sete chaves visam à mesma operação e à confirmação de um lugar de enunciação do Eu entre os pares, como afirmação daquilo foi constituído como *privado*, no âmbito da família, e que agora passa a valer como uma identidade coletiva entre os iguais, uma vez que a *afirmação individual, no caso, é orientada no sentido de confirmar um valor grupal* (p.116). É o caso dos atos de caráter transgressivo, vividos em conjunto com os pares, em que o adolescente só conquista o direito de singularizar o próprio pensamento a respeito se essas vivências adquirirem valor de experiência. É o caso, portanto, também do exercício de construção de um espaço público que implica compartilhamento e transmissão. É oportuno observar aqui, com Maria Rita Kehl (2000, p.42), que *a experiência compartilhada permite a troca de impressões e reflexões sobre o vivido que contribuem para alterar o campo simbólico, já que questionam verdades tidas como absolutas pela cultura.*

Já assinalamos, anteriormente, que a noção de experiência, aqui, não pode ser reduzida a meras vivências psicológicas, diferença que foi devidamente explicitada por Walter Benjamin (1985), em textos que demonstram o enfraquecimento – no sistema capitalista – da experiência (*Erfahrung*), em prol da experiência vivida (*Erlebnis*). A *Erfahrung* se situa na interface entre o que é coletivo e o que é singular, entre o que é do conhecimento estabelecido pela tradição e aquele que irrompe, fazendo um furo no que se afigura como perfeitamente estabelecido. Já a *Erlebnis* é característica do indivíduo solitário da modernidade, pois, como vimos, os modos de subjetivação próprios do capitalismo privilegiam formas de *relação consigo* pautadas em modos psicológicos individualizantes, nos quais o coletivo se constitui como mero pano de fundo. Referimo-nos, aqui, portanto, à experiência enquanto *Erfahrung*, como aquela que permite que *algo nos aconteça*, como diz Jorge Larrosa (2002), quando aponta o excesso de informação, de opinião, de trabalho, e a decorrente falta de tempo, como os fatores que a tornam tão rara hoje em dia. Não por acaso, uma das queixas mais prevalentes nos

consultórios psicanalíticos é justamente a de que *nada me acontece*, mesmo quando os relatos apontam vivências significativas que, contudo, não são percebidas enquanto tais, demandando o testemunho de um terceiro para adquirirem valor. Para Benjamin (Gagnebin, 1994), uma vivência justamente só produz experiência quando envolve sua transmissão a outro, como ato de fala e testemunho que grava a marca singular de um narrador, numa narrativa que carrega o coletivo – o que se percebe em acordo com a acepção de Hannah Arendt, de que apenas o compartilhamento da narração garante um estatuto especificamente humano à vida. Walter Benjamin atribui ao declínio das narrativas tradicionais o empobrecimento da transmissão da experiência na modernidade; mas nos deixou, não obstante, o precioso *conselho* (que não consiste em intervir de fora na vida de outrem, mas em *fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada*<sup>7</sup>) de nos mantermos atentos às novas formas de narratividade que continuam a configurá-la. Pois o fato de reconhecermos a impossibilidade da sustentação da experiência tradicional, oriunda de organizações sociais espontâneas centradas no artesanato, não significa devamos nos satisfazer com vivências individuais que nos privem da singularidade de verdades que só podem se constituir na força de suas relações (Gagnebin, 1994).

Precisando passar pelo corpo, a experiência constitui um saber inconsciente, um *saber que não se sabe*, como define Ana Costa (2001), ao afirmar que este só pode se atualizar na relação com o semelhante, e sustenta o enigma de sempre se reatualizar exatamente onde fracassa e expõe o que é irrepresentável, relançando *ad infinitum* um jogo que explicita ao mesmo tempo nossa insuficiência e a do Outro. A experiência é um ato de corte que produz um intervalo, uma diferença com as formas preexistentes; e, como aponta Edson Sousa (2002b), só o que pode sustentar um intervalo entre formas é o informe, como um momento lógico entre dois lugares.

---

<sup>7</sup> Como recuperado por Benjamin, em *O Narrador* (1995).

Podemos depreender, do que se desenvolveu até aqui, ser a adolescência o que vem a interpretar as fronteiras, as delimitações que vão sendo produzidas na cultura, em sua margem de equivocidade: entre novo e antigo, público e privado, indivíduo e coletividade, fora e dentro. Costa (2001) propõe que sair para a rua, na adolescência,

*é uma espécie de reedição do jogo do carretel. É um exercício de domínio que se encaminha para o reencontro jubilatório – como no jogo da infância – de algo que não se perdeu, apesar da separação. Constitui um momento de reversão, como propõe Freud, de um fazer ativo o que sofreu passivo: de um ser levado de um lugar a outro na infância, para um ‘sair’ – construir um outro lugar (...) mas, como é bastante evidente nesta situação, para ‘sair’ é preciso primeiro ter entrado (p. 112).*

Podemos perceber aqui, os impasses, neste momento específico, para a construção do lugar do Outro, em que *é necessária a apropriação de um determinado saber, para que se torne possível o exercício que o adolescente é convocado. Este vai ser jogado tanto no campo das identidades coletivas, quanto nos amores privados* (2001, p. 113).

Deve ser apontado, ainda, que a adolescência é, como o afirma a psicanalista Maria Rita Kehl (2002), o período por excelência das grandes formações fraternas, pois é no grupo que os sujeitos saídos da infância irão buscar alguma garantia de reconhecimento dos traços identificatórios; é nos laços de cumplicidade que se situa a possibilidade de enfraquecimento do poder de verdade absoluta das palavras dos pais na infância. Portanto, testando esse poder, no âmbito coletivo da fratria, a autoridade pode ser descolada das figuras que a encarnam:

*São estas experiências compartilhadas que legitimam os sujeitos em sua condição de criadores de linguagem – desde gírias e neologismos que se produzem a partir de turmas de adolescentes e jovens, procurando nomear vivências singulares e inscrevê-las no campo do Outro, até a produção de novas narrativas que forneçam sentidos para as experiências que a cultura ainda não classificou (p. 42).*

Estes seriam efeitos de uma função fraterna, exercida como suplência à função paterna fundadora do sujeito do desejo inconsciente. Assinala a autora, ainda, que esse poder contestador e/ou criativo das

alianças entre os irmãos está reconhecido no senso comum, já que, por parte dos pais e educadores, serão empregadas táticas de *dividir para governar*, incentivando a fantasia infantil de que só haveria lugar para o reconhecimento de *Um* no amor parental, o que sustentaria a permanência das grandes rivalidades fraternas. Para a autora, no entanto, isto não constitui uma inevitabilidade.

O argumento de Kehl se sustenta ao dissociar a lei, suportada pela função paterna, que exige dos membros da fratria a renúncia a certas satisfações pulsionais, em nome do amparo que a coletividade deve assegurar a todos, das interdições arbitrárias que partem das autoridades comprometidas com a manutenção dos poderes disciplinares. Assim, a *desobediência civil coletiva, organizada e atuada em nome de ideais alternativos aos vigentes, pode ser transformadora da cultura e se tornar legítima se for capaz de renovar os termos do pacto civilizatório* (2002, p. 44). Assinala, contudo, que a saúde das fratrias depende de sua não-cristalização, pois seu risco seria transformar um campo de experimentação em campo de certezas, o que produziria fatalmente segregação e intolerância. E conclui:

*nem só os adolescentes constituem fratrias, mas penso que a melhor representação da fratria é uma turma adolescente: lugar de passagem, de contestação, de simbolização da Lei e legitimação de experiências de liberdade. Ao testar e contestar a autoridade de pais reais, a fratria produz a orfandade simbólica dos seus membros ao mesmo tempo em que lhes fornece algum amparo, alguma pertinência extrafamiliar. Até que o próprio trato com a liberdade possa conduzir os sujeitos, marcados pelas identificações fraternas, para outros campos da experiência, fora da fratria (Kehl, 2002, p. 45-46).*

Seguindo por esse lineamento teórico, temos agora melhores condições de situar as questões que este trabalho propõe, no encontro com o recorte desse campo que chamamos Julinho, e que tem, como interrogação fundamental, os efeitos produzidos numa operação adolescente pelas experiências de espaço público, quando este âmbito cumpre efetivamente as condições para assim ser chamado, em seu caráter potencial de transmissão e exercício de liberdade. Quando

encaminhamos a questão desta maneira, queiramos ou não, entramos no domínio da política, já que tomamos como profundamente verdadeira a afirmação de Hannah Arendt (2002) de que *o sentido da política é a liberdade*. Esta idéia constitui matéria a ser desenvolvida no próximo tópico.

### 3.3. Juventude e Política: o espaço público

Nos tempos remotos da Antiguidade, política e espaço público eram termos indissociáveis, mas a ruptura desta vinculação original remonta já à Idade Média. Para entendermos como se processa esta transformação, que culmina em nosso tempo, no qual essa relação pode representar apenas uma paródia que escamoteia o jogo em que os interesses privados dominam a cena pública – podendo a política ser tomada apenas como atividade de defesa desses mesmos interesses –, proponho, como questão inicial, pensar o que é, para que serve, e o que pode ser hoje o espaço público. A seguir, pode-se então, estabelecer sua pertinência às questões relacionadas à juventude e à adolescência. Novamente é em Hannah Arendt que primordialmente busco referência para pensar esta tríplice interrogação, já que em seus ensinamentos vou surpreendendo a identificação entre a lucidez das análises e o tema, mais precisamente o campo, que estou empenhada em investigar.

Para Arendt, a *pólis*, na época grega, definia o lugar onde se desenvolvia a ação, a *práxis*, que, para ela, em sua leitura aristotélica, compreende atividades que não buscam um fim e não deixam nenhuma obra, mas são elas mesmas plenas de significação, sendo, por princípio, impossíveis de ocorrerem no isolamento (Kristeva, 2002). Assim sendo,

*A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição (...) de toda vida política (Arendt, 2001, p. 15).*

A *pólis*, nesse sentido, não seria exatamente uma localização física, mas um lugar de *inter-esse*, do *entre-dois*, que se fundamenta no

agir e no falar em conjunto, um não prescindindo do outro, que se explicita em qualquer tempo ou lugar em que os homens se mostrem uns para os outros. Seria o espaço que permitiria, portanto, a revelação de um *quem* na rede de relações humanas, cuja ação dependeria ainda de espectadores que *concluíssem* a história através da lembrança e do pensamento, fazendo da *pólis* uma organização geradora de memória e história. A arte da narrativa seria, então, o que permitiria extrair uma história de um fluxo contínuo, onde um *quem* seria revelado, exigindo, para não se reificar, a ação infinita da interpretação (Kristeva, 2002).

O espaço público seria, dessa forma, a obra humana em construção na *pólis*, que teria, então, como função, sobretudo, proteger os cidadãos contra a futilidade da vida individual e a efemeridade de seus atos, visando, através de uma narrativa memorável, imortalizar um *quem* agindo no espaço político. Pois, *é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato em bruto do nosso aparecimento físico original*, assegura Hannah Arendt em *A Condição Humana* (2001, p. 189), que, algumas páginas adiante também explicita que, sendo a esfera pública *o espaço mundano de que os homens necessitam para aparecer, é, portanto, obra do homem num sentido mais específico que o trabalho de suas mãos ou o labor do seu corpo* (p. 220). Já foi assinalado anteriormente que, para a autora, a liberdade depende da natalidade, do fato de que todo homem, ao nascer, ao aparecer num mundo mais velho que ele e que continuará a existir depois dele, constitui em si mesmo um início, e que lhe é peculiar a possibilidade de tomar a iniciativa e começar algo novo. Este fato, explica ela,

*reafirma o caráter original do homem, de uma forma que a origem jamais pode tornar-se inteiramente uma coisa do passado; ao passo que, por outro lado, o próprio fato da memorável continuidade desses começos em uma seqüência de gerações garante uma história que nunca pode acabar, por ser a história dos seres cuja essência é começar* (Arendt, 2002, p. 52).

Vimos também como, em contraponto com o espaço público, o espaço privado – a *oikia* (lar) – era sagrado porque sustentador da vida,

através do trabalho e da procriação. Mas, por isso mesmo, achava-se também submetido à tirania da necessidade, à desigualdade e ao poder arbitrário. Depreendemos do texto de Hannah Arendt (2001) que a desordem nos assuntos humanos começa quando a linha que separava esses dois domínios se esfumaça e tanto o domínio público é invadido pelo modelo das relações familiares e sua economia (*oikonomia*) – e encontramos as primeiras figuras dessa hibridização nas corporações e confrarias da Idade Média –, quanto declina a família em si, que passa a ser absorvida em nascentes organismos sociais. Uma amalgamada sociedade foi, como apontado, emergindo desse processo, e fortaleceu-se ao encontrar sua melhor configuração na transformação do Estado em *arranjos domésticos nacionais*. Neste ponto, Julia Kristeva (2002) aponta uma aproximação entre o libelo arendtiano de crítica à sociedade submetida à economia

*com a distinção psicanalítica entre a ‘necessidade’, que liga o sujeito ao arcaico e à dependência materna (o que Arendt chama ‘arranjo doméstico’, ‘economia’ e ‘sociedade’ vitalistas), e ‘desejo’, que abre a liberdade arriscada das relações com outrem (o que ela chama ‘espaço de aparência’ e ‘ação política’) (p. 149).*

É assim que a esfera pública vai se esquecendo de celebrar a grandeza da pura energia (*energeia*) do ato vivente e do verbo, contentando-se em contabilizar motivos e resultados, submetendo-se à técnica que domina o processo vital e o dissolve em procedimentos administrativos (Kristeva, 2002). Naquilo que se desenvolveu a respeito das configurações do social, abordadas anteriormente, já foram esboçadas as transformações ocorridas no campo político, em subordinação crescente aos interesses do capital financeiro, e já se falou na caracterização de uma sociedade que foi incrementando dispositivos disciplinares até desembocar na sociedade de controle em que hoje vivemos. Resta-nos agora tentar responder o que pode ser hoje um espaço público, e para isso proponho partirmos de um artigo póstumo de Hannah Arendt (2002), de data ignorada, com o instigante título *Será que a política ainda tem de algum modo um sentido?* Esse texto articula uma argumentação que, acredito, nos dará o subsídio necessário para

prossequirmos na reflexão sobre a relação da juventude e o espaço público no momento presente.

Arendt inicia este ensaio esclarecendo que, para a questão sobre o sentido da política a resposta é simples e conclusiva, por remontar à própria existência da esfera política: *o sentido da política é a liberdade* (p.117). No entanto, a partir de experiências efetivas e desastrosas havidas na política do século XX – e das ameaças que ainda dela podem resultar –, a questão, tal como expressada no título, *soa de um modo muito mais radical, mais agressivo e também mais desesperado*. Ressoam nessa pergunta, segundo a autora, de um lado *a experiência com as formas de governo totalitárias em que o todo da vida dos homens pretensamente tornou-se totalmente politizado* (idem) – e que, acabando com a liberdade, condiciona a questão se, nas condições modernas, a política e a liberdade não tiverem que ser totalmente separadas uma da outra. De outro lado, *o desenvolvimento monstruoso das modernas possibilidades de aniquilação cujo monopólio é detido pelos Estados* (a bomba atômica, no caso) ameaça não apenas a liberdade, mas a própria continuação da existência da humanidade e, talvez, de toda vida orgânica sobre a Terra, o que torna questionável toda e qualquer atividade relacionada à política. Portanto, a falta de sentido que afeta a política em termos gerais ficaria explícita no vazio a que conduzem todas as situações políticas particulares. E, argumenta a autora, quando se parte da lógica que acompanha tais fatores e quando se admite que nada do que seja hoje desconhecido alterará o curso do mundo, tudo o que resta é acreditar que qualquer alteração radical que leve à salvação só pode resultar de um milagre. Para nos livrarmos do preconceito que vê o milagre como fenômeno exclusiva e estritamente religioso, diz que convém recordarmos que

*o quadro inteiro de nossa existência real – a existência (Éxistenz) da Terra, da vida orgânica sobre ela, e a existência (Dasein) do gênero humano – apóiam-se sobre um certo tipo de milagre. Pois do ponto de vista dos fenômenos universais e das probabilidades que os presidem, o próprio surgimento da Terra é uma impossibilidade infinita* (2002, p.120)



O mesmo vale para o surgimento da vida orgânica a partir da natureza inorgânica, ou para o surgimento da espécie humana a partir da vida orgânica. Nesses exemplos, torna-se claro que,

*sempre que ocorre algo novo, esse algo acontece de modo inesperado, imprevisível e, em última instância, inexplicável de um ponto de vista causal, passando a figurar como um milagre na conexão dos acontecimentos previsíveis. Em outras palavras, cada novo início é, segundo sua natureza, um milagre quando visto e experimentado da perspectiva dos processos que ele necessariamente interrompe (idem).*

Existe, contudo, segundo Arendt, significativa distinção entre as infinitas impossibilidades nas quais repousa a vida do homem na terra e os milagrosos eventos que sucedem no próprio território das ocupações humanas, o que atesta a existência, aqui, do *feitor dos milagres*, que é o próprio homem, e seu dom de agir, de estabelecer um novo início, de tomar a iniciativa e começar algo novo. Voltamos, então, à questão recorrente em toda a obra da autora, de que o milagre da liberdade está inserido nesse poder de iniciar, que, por sua vez, se vincula ao fato de que todo homem, ao nascer, é, ele mesmo, um novo início. No entanto, esclarece que a noção que identifica a liberdade com o ato de iniciar não nos é muito íntima, porque

*na linha de nossa tradição do pensamento conceitual e de suas categorias encontram-se a identificação da liberdade com o livre arbítrio e a compreensão do livre arbítrio com a liberdade de escolher entre coisas dadas de antemão, mas não a liberdade de querer simplesmente que isso ou aquilo seja assim ou assado (2002, p.121).*

A essa tradição acrescenta-se a convicção, difundida desde o fim da Antiguidade, de que a liberdade não só não se concentra na ação e na esfera política, mas, ao invés disso, ela só se torna possível quando o homem despreza a ação, abstrai do mundo e se encerra em si mesmo, evitando a esfera política. A autora, todavia, refere ainda que a essa tradição conceitual se opõe não somente a experiência do homem, mas, sobretudo, a lição que vem das línguas antigas, pois o termo grego *archein* tem o significado de *iniciar e comandar*, isto é, *ser livre*; paralelamente, o termo latino *agere* quer dizer *pôr em movimento*, ou

seja, *desencadear um processo*. Conclui a autora afirmando que, se a falta de saída em que caiu o mundo e a expectativa de milagres estão na mesma linha,

*essa expectativa de modo algum nos remete para fora do âmbito político original. Se o sentido da política é a liberdade, então isso significa que nós, nesse espaço, e em nenhum outro, temos de fato o direito de ter a expectativa de milagres. Não porque acreditemos (religiosamente) em milagres, mas porque os homens, enquanto puderem agir, são aptos a realizar o improvável e o imprevisível, e que realizam-no continuamente, quer saibam disso, quer não (2002, p. 122).*

Não posso deixar de registrar aqui minha satisfação diante dessa argumentação, pois ela vem dar lastro a uma intuição minha, já muito antiga, além de justificar o incômodo que sempre me provocaram determinadas leituras teóricas que assumem tom fatalista frente aos acontecimentos de nosso mundo, ao negarem ao imprevisível sua potência de transformação da realidade. Pois, se é verdade que as lógicas dominantes, que nos conformam, indicam poucas brechas para o inesperado, sempre me pareceu que não podíamos saber quais as resistências a elas poderiam estar nascendo, ou mesmo talvez já existam, enquanto se proferem julgamentos cabais com base nos exemplos do crescente empobrecimento da subjetividade em nosso tempo. E, pior do que isso, nessa tentativa de tudo enquadrar para tudo explicar, podemos perceber um efeito colateral de reificação justamente do que se pretende criticar, o que contribui para a estabilização das subjetividades aos parâmetros identitários que vão sendo descritos.

No que tange à juventude, este efeito parece-me ainda mais desastroso, e posso mesmo dizer que a escolha desta pesquisa é minha tentativa de subtrair do campo das certezas o enigma sempre novamente recolocado pelo advento das novas gerações. Nesse sentido, o bordão insistentemente repetido por Hannah Arendt, de que cada início é sempre uma abertura para o inesperado, e que ele se configura pela natalidade, permite-me arriscar um novo olhar sobre a juventude atual, naquilo que esta configura de possibilidades de rupturas com o já estabelecido.

Territorializar este olhar, buscando no existente a emergência de singularidades, pareceu-me imprescindível para escapar da pura lucubração teórica. E o encontro com o campo chamado *Julinho* mostrou-se, para isso, bastante fecundo em sua improbabilidade efetivada, posto que vem a se revelar – como pretendo ainda demonstrar – como um espaço público, *obra da ação humana*, na definição de Arendt, improvável de ser suposto na atualidade. Afinal, de que forma conjeturar espaços para o exercício da liberdade do vir-a-ser e de aparecer como um *quem*, numa sociedade que se caracteriza pela massificação e pelo controle?

Contudo, a fim de precisar distinções que serão de grande valia para a análise do material coletado, a ser apresentado no próximo capítulo, as reflexões de Luis Cláudio Figueiredo (1995), que diferencia participação política de militância – enquanto modo de vida – vem a ser de grande contribuição. Para este autor, e em consonância com o pensamento de Hannah Arendt aqui desenvolvido, se o político se define *como o campo comum e público de encontro das alteridades, que neste encontro se constituem nas e pelas diferenças gerando um processo permanente de diferenciações e mudanças* (p. 118), a militância (sempre como um modo de vida e não enquanto atividade) *é uma defesa sistemática contra o acontecimento; é um dispositivo de vedação* (p. 123). Esta posição, para Figueiredo, figura como sintoma de uma época e de seu sofrimento, em que os modos hegemônicos de subjetivação produzem subjetividades incapazes de tolerar experiências de impotência *senão como catastróficas ameaças de desagregação*, enfrentadas pelo fortalecimento imaginário do sujeito e da vontade. Os discursos de autolegitimação da militância revolucionária que, via de regra, transitam em enunciados de *ação desalienada, movimento inexorável da história e serviços prestados à causa*, reivindicam para o militante, conforme o autor, a condição de *verdadeiro sujeito*, livre dos constrangimentos sociais, intérprete e veículo de uma história que se apresenta como necessária e indiscutível. Um discurso totalitário, em suma – recordando a definição proposta por Hannah Arendt –, que sustenta esta identidade

em dois enquadres temporais: *o do tempo longo dos 'princípios e ideais' e o do tempo curto das 'urgências'* <sup>8</sup> (p.116). Concordando com o autor, entendo que estes poderosos dispositivos só podem vir a ser descongelados pelas passagens e mediações da experiência. E uma bela citação de Heidegger é proposta por Figueiredo, para ilustrar sua explicação: *Fazer uma experiência com o que quer que seja, uma coisa, um ser humano, um deus, isto quer dizer: deixá-la vir sobre nós, para que nos atinja, nos caia em cima, nos transforme e nos faça outro* (1995, p. 123).

Penso que é chegado o momento de tirarmos algumas conseqüências do que até aqui foi exposto. Tendo atribuído à adolescência a realização de um trabalho psíquico que se tornou incontornável na modernidade como condição de acesso ao mundo dos adultos, uma nova questão emerge: afinal, o que é um adulto? Será que o momento de assunção de responsabilidades sociais – entendidas como ingresso no mundo do trabalho ou formação de novos núcleos familiares próprios – é suficiente para defini-lo? Penso que a partir do percurso teórico empreendido podemos interrogar se o que caracterizaria este tal adulto não seria justamente a possibilidade de compreender o mundo humano como um todo complexo que, por ser maior do que a soma de suas infinitas particularidades, reúne as condições de a elas retornar, conferindo-lhes sempre novas significações? Dito em outras palavras: ser adulto não consistiria justamente em ter cumprido um tempo de compreender – no sentido estrito que lhe propõe Lacan (1998) ao desdobrar o tempo lógico, (que interliga temporalidade e referência ao saber) em instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir? Compreender que somos sempre um entre outros, e que essa condição de pluralidade da existência implica que o sucedido aos outros necessariamente me diz respeito? Se assim for, ser adulto dependeria, portanto, do abandono do *eu especular*, narcísico – que busca constantemente se reafirmar na alienação que o sustenta em suas certezas

---

<sup>8</sup> Grifo do autor.

de quem ele é –, para compartilhar a efemeridade de identificações que a passagem pela experiência comporta, pois, como vimos, ela sempre implica o coletivo. E isso equivaleria a dizer que o tempo da adolescência é justamente o tempo de uma travessia entre o assujeitamento a um código preestabelecido – que regula aquilo que se deve ser – e o encontro com este terceiro. Este Outro que é posto em causa na experiência, é que permite furar o código e abrir-se para o enigma (o milagre?) da existência humana, a qual só pode ser pensada enquanto compartilhamento com os outros, mediante a inserção em uma narrativa cultural que, ao mesmo tempo em que aponta *quem* somos, também indica os limites do eu e do Outro. A construção desta brecha, decorrente da passagem pela experiência, recortaria, portanto, para cada um, o espaço de sua liberdade, mas também as suas fronteiras, numa constante processualidade, que encontra no campo político (ou deveria encontrar) sua expressão. Pois, como refere Sousa (2002a, p. 43),

*se por um lado é fundamental resgatarmos na arqueologia das nossas origens uma identidade, mesmo incipiente, mas que nos informe de alguns traços de nossa herança, por outro devemos nos apressar em dizer que ela não é suficiente. É preciso confrontá-la com uma alteridade que a instigue, que a transforme, que a questione. O confronto com a diversidade é fundamental para interpelar as compulsões conservadoras do “si mesmo” e abrir brechas na identidade. Nesse ponto o desenho mais claro é o de uma zona de fronteiras, que nos mostra o quanto nos apropriamos de um sentido essencial quando pisamos na terra do outro. Por isso, Heidegger insistia em dizer que uma fronteira não é o ponto onde algo termina mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente.*

E se a adolescência pode ser compreendida como um trabalho psíquico em *zona de fronteiras*, requer, fundamentalmente – no entendimento que fui construindo nesta pesquisa –, experiências construtoras do espaço público, não só para que os códigos privados possam ser ao menos relativizados em seu encontro dialético com a história, assegurando lugar para uma travessia; nem tampouco apenas pelo efeito de reconhecimento e legitimação de um pertencimento que dele decorrem; mas, também, porque o cumprimento dessas duas

condições fundamentalmente permite que os tais *novos inícios* possam ter alguma chance de se revelarem.

Colocando-se desta forma a questão, não podemos nos furtar a uma constatação dela derivada e de toda argumentação que empreendemos com os autores até aqui. Se é verdade que o mundo atual se define pelo esmaecimento da dimensão política da existência, em consequência da *economização* da vida social e do deslocamento da autoridade da esfera pública para o espaço midiático – que enfatiza e legitima a produção de individualidades e standardizações excludentes da experiência –, decorre daí que a possibilidade de encontrarmos genuínos adultos neste mundo (ou de nele nos constituirmos enquanto tal) vai-se tornando bastante improvável. Equivale a dizer que habitamos uma sociedade infantilizada em seus fundamentos – e talvez esta pudesse ser uma razão para seu fascínio ante a adolescência –, impossibilitada, portanto, de sustentar, através de suas instituições, autoridade legítima frente aos mais jovens. Desta perspectiva, não podemos estranhar que o discurso social na esfera da educação escorregue tão freqüentemente para o destino da queixa e do saudosismo.

Mas se, como vimos, a manutenção da humanidade nesta situação alienada frente à condição de pluralidade da existência interessa sobretudo à lucratividade do capital – ao preço da infantilização do social que nega, paradoxalmente, às crianças seu direito à infância, transformando-as em consumidores precoces –, que nos oferece em troca apenas a ilusão de elidirmos a inevitabilidade do envelhecimento e da morte, talvez tenhamos o direito de esperar ainda o *milagre* de um *despertar* que restitua à esfera pública sua potência de proporcionar o trânsito dos indivíduos à condição adulta, pautada pelo compartilhamento de problemas e soluções que digam respeito ao bem-comum, mas não desconsidere as singularidades que os constituem em sua diferença. Esta potência do campo público é o que acredito que as *improváveis* experiências julianas vêm, precisamente, a confirmar.

#### 4. UMA TERRITORIALIZAÇÃO PARA O IMPROVÁVEL

*Então tu chega aqui ainda um pouco uma criança, quase todo mundo na verdade, e pega aquele período da adolescência que é teu período de desenvolvimento, que tu vai criar mesmo a pessoa que tu tem tendência para ser, mas que tu não é ainda por falta de desenvolvimento, por falta de oportunidade de mostrar tua verdadeira face, digamos assim, e é então que a pessoa acaba se mostrando verdadeiramente, qual o rumo que ela vai tomar na vida dela. No caso, aqui no Julinho, por toda essa liberdade, tu pode mostrar realmente quem tu é (Bia, 17, 2º ano).*

Na construção que realizei até aqui, indiquei já alguns elementos que destacam o Julinho como lugar incomum no contexto contemporâneo, por ainda se configurar como espaço público, no sentido preciso que estabelece a literatura pesquisada: espaço de liberdade para a ação, que permite a revelação de um *quem* na rede de relações humanas, gerando assim memória e história, através da experiência do político enquanto campo de *inter-esse*. A construção deste fio condutor, porém, só adquire toda sua consistência e relevância através das narrações *encarnadas* a que tive acesso durante a realização desta pesquisa – e que configuram meu espanto com a descoberta das *improbabilidades* que se territorializam no Julinho. Contudo, uma vez mais reitero que esta escola, como não poderia deixar de ser, não está livre das vicissitudes de sua época e à descomunal influência da esfera midiática e, portanto, a afirmação de sua abertura para a dimensão pública não pode ser entendida como exclusiva. Mas, nestes tempos atuais, considero que já

não é de pouca importância o fato de que o contrário também não seja verdadeiro, ou seja, a hegemonia do modo de subjetivação calcado em imperativos individualizantes e homogeneizadores não conseguiu abafar de toda a força da tradição ancorada na valorização do espírito crítico e contestador.

É o tempo, agora, de compartilhar a escuta que subsidia esta posição, e, por isso, o espaço deste capítulo será preenchido predominantemente pela transcrição dos depoimentos, que dividi em dois tópicos: no primeiro recortei as falas que apontam mais especificamente para a relação da operação adolescente no encontro dos jovens com o Julinho, que será por eles caracterizado em sua história e potência de transmissão, mas, também, muitas vezes, como palco de contradições e desafios; no segundo tópico constam aquelas falas que situam mais especificamente o pensamento dessa juventude juliana quanto aos temas sociais que nelas emergiram, complementando reflexões já iniciadas no primeiro. Em realidade, apenas uma linha tênue os separa. Um terceiro tópico foi dedicado à reflexão sobre a utopia – colocada em causa, em meu ponto de vista, em toda esta dissertação. Como estabelecido anteriormente, os estudantes escutados foram escolhidos por terem vinculação com o grêmio estudantil da escola e terem no agir político um foco de interesse.

#### **4.1 Julianos no tempo de experiência do agora**

Preliminarmente, devo esclarecer que esta apresentação de depoimentos dos julianos entrevistados não tem a intenção de erigi-los em *casos* para a ilustração de conceitos abstratos. Muito pelo contrário, sua escuta é que tornou possível a reflexão teórica, que foi sendo suscitada por seu caráter exemplar, ou seja, porque esses depoimentos permitem a ultrapassagem do meramente particular e encaminham para possibilidades de revelação do que pode ser generalizável na passagem adolescente destes jovens, em seu encontro com este espaço público em comum. Na verdade, foram estas vozes que abriram os caminhos desta



pesquisa. Qual a melhor forma de apresentá-las? Nunca me agradou muito a idéia de despedaçar o corpo dos depoimentos, porque estes têm um ritmo, uma cadência nos pensamentos que – desmembrado o corpo – não teriam como se revelar. A força desses discursos juvenis está, acredito, em sua própria eloquência e sintaxe: desconsiderá-las poderia trazer como conseqüência o risco de perdermos justamente a riqueza de sua manifestação. Não encontrei, portanto, melhor opção do que transcrever na íntegra os longos (mas nunca enfadonhos) trechos que – para cada um dos personagens que aqui comparecem – situam as experiências transformadoras convocadas por seu ingresso no Julinho.

Como justificativa para esta escolha metodológica, lembro que a palavra *método* está descrita no dicionário como *o caminho pelo qual se atinge um objetivo*, e reafirmo aqui que um dos objetivos desta pesquisa é precisamente rastrear as resistências aos imperativos da ordem hegemônica. Sua metodologia, portanto, em meu entender, tem que necessariamente considerar o circuito dos valores que esta ordem impõe na topologia do que deve ser considerado central ou marginal em sua descrição. Um pequeno grupo de jovens politizados que se dispõe, ainda hoje em dia, a contestar os padrões dominantes, configura uma imagem do mínimo – como se fosse uma mera vírgula num grande texto cuja composição está sobredeterminada por um jogo de forças em que a apatia generalizada é seu mais visível produto e que torna tão escassas as possibilidades de êxito nesta necessária travessia da infância à condição adulta. Pretender dar destaque ao que se defende desta lógica implica certa violência contra o viés pragmático que rege, em alguma medida, a escritura acadêmica, e que designaria o que excede a sua funcionalidade ao campo dos anexos. Mas como aproximar o leitor de minha experiência de escuta, nesta passagem do oral ao escrito, sem buscar restituir o equilíbrio suprimido por esta configuração do social, aceitando o excesso da palavra que faz resistência? Contudo, como forma de facilitar a leitura e a retomada dos pontos privilegiados na minha análise, alguns trechos destes depoimentos foram destacados. Por conseguinte, ainda que

com nomes fictícios – codinomes, eles os prefeririam, por certo –, estão com a palavra, agora, os julianos.

Renata, 18, 2ºano:

*Acho que pra todo mundo quando chega no Julinho é uma experiência diferente, porque na realidade tu sai de uma escola com 300, no máximo 400 alunos e chega aqui, que é quase uma comunidade. E é uma comunidade distinta, porque na realidade **no Julinho tu tem de tudo, tem várias pessoas com vários pensamentos e é isso que torna o Julinho de fato uma escola diferente né**, porque na maioria das escolas, só existe uma certa linha de pensamento, que é a linha de pensamento da direção da escola, e os alunos acabam meio que capitulando nesta linha de pensamento. E aqui no Julinho é diferente, existem várias correntes de pensamento, e eu, particularmente, **quando entrei aqui no Julinho, digamos que eu libertei minhas correntes de pensamento, comecei a ter de fato correntes de pensamento mais à esquerda, mais socialistas.***

*Pra falar bem a verdade, antes de eu entrar para o Julinho, eu vivia uma adolescência meio que diferenciada, porque na realidade, dos meus treze até os meus quinze anos eu namorei um cara, então é como que eu não vivi de fato a minha adolescência, né, era mais aquela coisa do colégio pra casa, da casa pro colégio. Então era toda uma realidade diferente, e depois que eu entrei para o Julinho, aí eu comecei a ver que tu deveria mesmo expor o que tu pensa, agir da forma que tu achas que é correta, tudo isso eu aprendi no Julinho. E ter de fato mais conscientização política, porque na realidade antes de eu entrar para o Julinho, posso dizer que eu era uma alienada, sinceramente (risos): adorava a Malhação, achava tudo o máximo, mas depois que eu entrei pra cá eu comecei a identificar mais a questão da luta de classes, o que de fato incita qualquer jovem a estar querendo transformar a sociedade. Acho que o que mais me marcou quando eu entrei aqui foi ter feito esta distinção entre a classe oprimida e a classe opressora.*

*O Julinho é um colégio meio que atípico, porque, na realidade, aqui a gente ainda encontra vários grupos que querem de fato romper com os padrões que são impostos pela sociedade, isso em colégios menores dificilmente tu vê. Claro que, em qualquer lugar, sempre tem um ou dois que tem, assim, idéias mais rebeldes, quer transformar, quer mudar, é uma coisa que é meio*

*da juventude; é uma fase, digamos que, como a gente denomina, do ‘revolucionário romântico’; é bonito tu querer contestar, tu querer ser diferente, só que nem sempre isso prevalece quando passa a juventude. Eu acho isso muito ruim, porque na realidade, acho que todo mundo começa a ter um pouco mais de espírito crítico e de contestação na juventude. Aqui no Julinho, a gente até tem vários grupos que, de fato, contestam todas as imposições, mas nas outras escolas, mesmo as grandes, isso é bem complicado... Até mesmo eu era uma que andava conforme os padrões antes de entrar pro Julinho. Quando eu vim pra cá é que eu vi que, de fato, eu teria o espaço para ser o que eu sou hoje, minha forma de me vestir, por exemplo; hoje eu estou meio que normal, digamos assim, mas eu sempre fujo um pouco ao padrão, não porque, – ah, eu vou me vestir diferente pra querer fugir do padrão –, é que eu me sinto bem sendo assim, por mais que eu saiba que às vezes eu vou ouvir risadas, algumas pessoas vão olhar estranho, e às vezes até em alguns locais tu não é bem recebido pela forma que tu tá vestindo, independente do que tu é e o que tu pensa. A tua roupa na sociedade que a gente vive hoje é muito valorizada.*

*Acho que se a gente for olhar bem a fundo, pode encontrar diversidade nas outras escolas, mas é que aqui dentro do Julinho, é até engraçado falar, tem uma diversidade de grupos impressionante, mas todo mundo anda em harmonia, ela provoca muito mais uma socialização do conhecimento. Talvez a história do Julinho tenha a ver com isso: antigamente, na década de 60, 70, os estudantes fizeram várias transformações dentro da escola, acho que isso importa porque normalmente quem entra pro Julinho tem aquele sentimento: – ah, eu sou do Julinho, eu sou juliano –, tem aquele sentimento de amor pela escola, entende, acho que isso também propicia este relacionamento bom entre todo mundo. Claro que nem todo mundo sabe de umas das histórias que bem ou mal marcam o Julinho, como a história de alguns alunos nossos terem sido perseguidos pela ditadura e terem sido assassinados. Claro, a gente não pode desconsiderar, também, que isto que a gente fez agora na comemoração dos 60 anos do grêmio, de colocar o quadro de homenagem a eles ali, outras pessoas começaram a ter acesso, porque se tu não leu os livros do Julinho, tu não conversa com os professores que tem mais este amor pela escola e que falam do seu passado, tu não fica sabendo; então eu acho que aquele quadro, que a gente fez dos alunos que foram assassinados, foi bom no sentido de trazer, **resgatar um pouco deste histórico de lutas do Julinho**. Porque, bem ou mal, eles eram alunos do Julinho, e naquela época, seria bem mais fácil eles irem pra casa: – ah, é*

*ditadura, o militarismo está aí tomando conta, vamos deixar como tá –, mas não, eles foram, digamos, que além da juventude da sua época, porque muitas pessoas contestaram e também morreram por isso.*

Desses trechos que escolhi para apresentar Renata já se depreende o impacto que a entrada na escola representou em sua vida. Conversamos em vários momentos e impressionou-me sua capacidade reflexiva, que ia revelando uma pessoa capaz de reformular seus julgamentos, mostrando-se aberta às transformações trazidas pela experiência. Mesmo não abandonando suas convicções, podia ir fazendo a avaliação de que a postura militante demasiado rígida entravava a possibilidade de diálogo com seus companheiros, e não valia a pena de ser sustentada. É oriunda de uma família que se revela bastante compreensiva em relação aos rumos que vem dando a sua vida. Seus pais, inclusive, freqüentam a escola, nos horários de recreio, vendendo lanches para os estudantes. Ativista incansável, é fácil de se perceber porque logo se constituiu numa destacada liderança na condução da política estudantil do Julinho. Contou-me que o artigo que escreveu para o jornal do grêmio questionando os malefícios da maconha, ao contrário da opinião de alguns, não pretendia fazer apologia da droga e sim *botar na roda* temas polêmicos que precisam ser discutidos; num próximo escrito pretende abordar a questão do aborto. Os fragmentos que ressaltei são expressivos, tanto do significado que o encontro com este espaço público produziu, quanto da sua compreensão dos fatores que o constituem: o amor à escola, que vem do orgulho por seu histórico de contestação dos padrões hegemônicos, é o ponto de amarração que permite que a diversidade produza harmonia e socialização porque designa um lugar para que as pessoas possam mostrar quem são. Seu modo de se vestir, em que acentua a caracterização étnica de origem africana, mescla-se a alguns outros ornamentos indígenas. Explicou-me que a bolinha de cipó – do tipo que encontramos em feiras de produtos indígenas –, que sempre carrega consigo, é uma marca da sua disposição de fazer circular a palavra: sempre que se reúne com outras pessoas para a discussão de algum tema de interesse comum, essa bolinha fica se movimentando no grupo para que a palavra circule com alegria.

Manuela, 18, 2ºano:

*No início eu entrei aqui contra a minha vontade, não queria ter saído da escola que eu estudava, uma escola adventista; então vir pra cá, pra mim, foi uma experiência muito diferente, totalmente contrária do que eu estava vivendo. **Ceguei aqui, total liberdade, pra fazer o que quisesse, na hora que quisesse, sem ter que dar satisfações pra ninguém.** Comecei a andar com o pessoal que fazia movimento estudantil, comecei a me interessar até porque no outro colégio eu já tentava fazer as minhas pequenas revoluções, então aqui eu me achei, vi que era o que eu gostava, o que eu queria, e comecei. **Acabei repetindo de ano por não ir muito a aula, notas baixas, algumas coisas assim, sendo que eu era uma das melhores alunas na outra escola; só que no ano passado aconteceu tudo isso, conseguimos ganhar uma eleição pro grêmio estudantil, fora os movimentos fora da escola que também fazíamos; não acho que foi um tempo perdido.** Agora esse ano eu tô mais concentrada, tô no grêmio, **continuo lutando pelo que eu acho certo, mas também estou vendo um pouquinho mais o meu lado de estudante, tô estudando, tô tentando passar de ano e acho que vou conseguir.***

*No Julinho nós temos todas as tribos, sem exclusão de nenhuma, nós temos do punk ao grunge - que ficam no coreto junto, mesmo sendo tribos que não se gostam muito, que têm uma certa rivalidade – tem do pagodeiro ao roqueiro, e todo mundo basicamente se respeita, cada um sabe seu lugar; tem o pessoal dos esportes, o pessoal da política, o pessoal que gosta de tá no grêmio, assim como tem o pessoal que só vem aqui pra estudar e vai embora. **É que existe ainda muita paixão em ser juliano, tanto nossa, quanto de ex-alunos.** O (Moacyr) Scliar é um que dá um grande retorno pra escola, sempre que ele é convidado pra alguma coisa da escola ele se faz presente, se ele tem um livro novo ele traz pra biblioteca da escola, e ele diz: – eu tenho orgulho de ser um juliano. O Brizola é um também que na campanha de 98 veio aqui pra frente do Julinho fazer comício, veio dizer: – eu sou um juliano, eu faço parte desta história. Muitos professores atualmente do Julinho são ex-alunos, inclusive o Julinho tem uma música também, que foi feita pelo Nelson Coelho de Castro, que nem estudou aqui: **é por isso que a gente diz que pra ser juliano não é necessário ter sido aluno. As pessoas sabem a importância que tem o Julinho, mesmo nas condições atuais. Agora também se querem falar de drogas, a imprensa vem pra frente do Julinho; se querem falar de violência, eles vêm pra frente do Julinho, tudo que se***

*refere a pontos negativos do adolescente, a RBS vem pra frente do Julinho. Aí mostra o coreto, mostra o pessoal ali, e aí, diz: um grande ponto de drogas da cidade, o colégio Júlio de Castilhos!. Ficam falando mal do colégio, não vendo as coisas boas que o colégio também oferece pros alunos, e nós pô, e o Julinho?*

*Minha família detesta minha militância, eles são mais de parte da direita, assim, e eu militando pro lado de esquerda, querendo estar sempre ali dando a cara ao tapa. No início foi bem cruel: eles alegaram que eu ter rodado de ano foi culpa exclusiva do grêmio; mas eu não concordo, acho que foi falta de esforço meu, na verdade eu não soube conciliar as duas coisas. Também acho que mesmo quando uma pessoa está fora de aula aqui no Julinho, alguma coisa ela tá aprendendo, e se ela errou em alguma coisa ela tá aprendendo com este erro dela. O Julinho não ensina só matéria de sala de aula, o Julinho ensina pra vida. Que nem tem uma frase, que geralmente está nas paredes da escola 'quem não passou pelo Julinho vai morrer inocente', né, porque aqui tu vive de tudo: de tu ir pra praça aqui na frente tomar um vinho, de tu ir se esconder em algum lugar, fumar uma maconha, aqui tu vive de tudo, assim como tu vive também o esporte, o teatro, toda cultura, né: ele ensina tudo, todas as experiências que ele pode te dá ele te dá. Só que ele diz: tu sabe o que tu faz, tu tem que saber usar a liberdade que a gente está te dando, se tu quer sair do colégio e não voltar mais, ou se tu quer ficar dentro do colégio sem assistir aula, tu vai sofrer as conseqüências de tudo, tu tem que ter consciência disso. Esta liberdade foi a experiência que mais me fez crescer: pra quem estudava no adventista e não podia usar um par de brincos, chegar aqui e poder fazer o que tu quer! O que tu quer, entre aspas, né, só dão liberdade pra tu ser quem tu é, assim, mostrar o que tu é. Isso me fez crescer porque eu comecei a ver as coisas não só por uma lado, eu comecei a analisar outros lados também, comecei a ouvir todas as versões dos fatos, e aqui dentro tem uma diversidade de pensamentos muito grande, além disso os três turnos da escola são muito diferentes um do outro, mesmo a concepção da escola pros três turnos é diferente. E eu, com esta função do grêmio, acabei conhecendo muita gente, tu vai entrando em contato com todo mundo. Em todos os grupos que tu pode te infiltrar tu te infiltra, com a intenção de conseguir um voto pra eleição ou pra saber o que eles querem pro colégio, mas tu acaba te envolvendo também naquilo ali, fazendo parte também um pouco daquele mundo. Eu sou uma pessoa que às vezes tô conversando com os roqueiros, tocando um*

*violão, às vezes eu tô no meio dos pagodeiros dançando, às vezes eu tô no meio das 'patis' que só pensam em comprar um tope da Brasilsul, assim como às vezes eu tô no meio do pessoal que pô, os pais se esforçam pra ter a passagem pra eles virem pro colégio, né, e então tu acaba tendo uma outra visão das coisas, tu aprende muito. Da mesma forma com a religião as posições são bem diversificadas, também. Temos bastante evangélicos, temos católicos, temos umbandistas, os batuqueiros, temos os ateus, tudo dentro da escola. Têm as rivalidades, eu seria negligente em dizer que não; tem uma certa rivalidade, até neste ano ela foi bem acirrada, tivemos algumas brigas. Mas é difícil que as brigas ocorram dentro da escola. O pessoal sabe que a direção vai em cima, sabe que vão chamar os pais, então saem para brigar; até teve uma briga que o pessoal saiu para brigar na Redenção. Então até tem esta rivalidade, mas não é muito frisada, não está tão sublinhada; de uma forma geral, todo mundo sabe respeitar o espaço do outro.*

Manuela foi meu primeiro contato no grêmio estudantil. Muito atenciosa, passou uma tarde explicando-me o funcionamento da entidade, seus ideais, estratégias e impasses. Percorreu comigo os espaços da escola, apresentando-me algumas pessoas que achava importante que eu conhecesse – como um professor de teatro e colegas do grêmio – localizando-me em relação aos grupos de pessoas que encontrávamos no imenso pátio do colégio. Contou-me que o grêmio estava preparando uma comemoração para o aniversário de 60 anos da entidade, que aconteceria dentro de poucos meses, discorrendo sobre fatos que marcaram sua história e sublinhando o orgulho que sentiam em dela fazer parte. Quando retornamos à sala do grêmio, ia me apresentando a todos que chegavam, e uma roda de discussão foi sendo formada, mudando várias vezes seus integrantes, em que todos procuravam me descrever, pela sua ótica, a escola e a pluralidade de sua população. A massificação dos padrões estéticos, a desigualdade social, a falta de perspectivas que os aguardava quando concluíssem o segundo grau, foram alguns dos assuntos que nos ocuparam durante esse tempo. Quando já anoitecia, ao som do sino de uma igreja próxima, o tema da religião e da multiplicidade de crenças foi o que encerrou nosso encontro: o que

constituiu consenso entre eles é que deus existe e nenhuma religião detém seu monopólio.

Da sua vida pessoal, Manuela me contou que é filha de pais separados e que vive com sua avó, mãe de sua mãe. A mãe constituiu nova família, dando-lhe mais irmãos. O pai mora sozinho e é quem melhor compreende suas opções políticas, mesmo não compartilhando delas. A mãe opõe muita resistência ao seu estilo de vida atual, tendo tentado retirá-la da escola quando rodou de ano. Manuela radicalizou sua opção e fez valer seu desejo de continuar no Julinho. Como Renata, acentuou o valor da paixão e da liberdade que circulam na escola, assim como a responsabilidade implicada em seu exercício, que, contudo, é o que assegura a oportunidade de mostrar quem se é. Estes temas são recorrentes e demandam ainda melhor aprofundamento, assim como também as referências à imagem da escola e a crítica à imprensa replicam na fala de todos os outros julianos entrevistados. Estes aspectos serão, por essa razão, abordados em seu sentido geral mais adiante. A menção à sua circulação na escola e à forma com que se deixa afetar pela alteridade contrapõe-se à posição um tanto sacrificial de *querer dar a cara ao tapa*, revelando que é na dimensão do conflito que vai tecendo sua passagem pela experiência. O que longe de desqualificar essa passagem parece-me mais bem valorizá-la, o que Manuela demonstra ao escutar seu desejo de não descuidar de outros aspectos de sua vida. Por último chamo a atenção ao seu elucidativo comentário sobre a questão da rivalidade – que *existe, mas não está tão sublinhada* –, confirmando a presença de um mediador simbólico que perpassa as relações neste espaço, assegurando a predominância do respeito.

Júlio, 20, 3ºano:

*Na minha entrada no Julinho, tipo eu, a princípio não tinha, né, assim nenhum interesse de estar no grêmio. Até que no final de 2001, que foi o ano que eu entrei, teve eleição pro grêmio e foi quando eu conheci e entrei mais na política do Julinho. Já tinha participado de passeatas, mas era mais diversão do que propriamente uma consciência; mas nesse momento da eleição, eu comecei a prestar mais atenção no processo de discussão do grêmio e daí comecei me*



*interessar, e no outro ano comecei já a querer me envolver mais e aí, no final de 2002, eu concorri ao grêmio, e aí nossa chapa ganhou e a gente começou o trabalho. Como a gestão do ano passado teve grandes problemas de roubo de dinheiro - roubaram mais de R\$ 8.000 do grêmio - então a entidade estava em descrédito até com os próprios alunos e também com a direção e com os outros setores da escola, e até fora a imagem do Julinho estava arranhada assim, e daí a gente começou esse processo de resgatar a imagem do Julinho com os alunos, e também para fora. A gente quer tá realmente também mostrando que o Julinho é uma escola centenária, é uma escola que tem uma importância histórica incrível.*

*No Julinho ficou muito incrustado esta questão de ser uma escola de marginal, de drogados. Claro, o Julinho é uma cidade, né, então o consumo de drogas no Julinho é maior do que no Protásio [colégio Protásio Alves], digamos assim, que é uma escola menor. E como o Julinho tem a praça aqui, então a praça é muito exposta, e é o lugar onde os alunos do Julinho fumam maconha, se drogam lá, então associam muito a imagem do Julinho com a praça, como se a droga fosse um problema do Julinho, não um problema da sociedade. Na verdade, a droga não é um problema da Restinga, da Embratel, da Glória, da Cruzeiro; é um problema social, todos bairros têm droga. Tipo a RBS, por exemplo, bate bem nisso, porque sabe que o Julinho sempre teve na linha de frente contra a ditadura, sempre lutando pelos movimentos sociais de esquerda, então tem essa discriminação assim e normalmente passam a idéia de que o Julinho é um colégio de drogados, é uma das coisas que falam, e tu só vê como é grande a história desse colégio quando tu vem pra cá.*

*A experiência do Julinho modificou minha vida porque tu acaba tendo que criar mais tato para lidar com as pessoas quando tu tá, vamos dizer, na vida pública. Num grêmio tu tem que tá lidando com muitas pessoas, tu tem que tá conversando com um patrocinador, tu tem que tá mostrando a importância de um colégio de 5000 alunos para ele te dar dinheiro; tu tem que tá lidando com a direção da escola para flexibilizar horários para o grêmio realizar eventos; tu lida com os mais diversos grupos de estudantes, então tem que ter esta questão de tato, de visão mesmo, e o Julinho abre uma porta assim muito grande e acaba às vezes modificando o que seria o curso normal das coisas, tipo encontrar um trabalho que podia te dar uma vida mais confortável. Aqui tu tá realmente fazendo as coisas que tu gosta, mesmo que para isso tu tenha que sofrer um pouquinho. Antes de entrar no Julinho eu já tinha consciência de muita coisa,*

*sabia que muitas coisas erradas existiam e tinha vontade de fazer alguma coisa, só que não sabia por onde, então eu acho que o Julinho me deu esse caminho né, ou um dos caminhos. Bá, eu não tenho palavras pra dizer como eu gosto de estudar neste colégio.*

*Eu sou ator, faço parte de um grupo de teatro, e no ano que vem tô com a idéia de montar uma peça com poemas do Luis Eurico Lisboa, que é um cara que eu admiro muito porque, além dele ter tido todo um envolvimento na questão do Julinho, na política do Julinho, também tinha a questão de que era uma época de ditadura e ele acabou adotando a luta armada, à condição de guerrilheiro, que era uma condição marginalizada da qual se dizia que era terrorista e não sei mais o quê; no entanto, tu vai ver o que ele escrevia e tu vê que não é nada disso, que era uma pessoa que pensava parecido com o que eu penso, só que tinha outros métodos porque tinha outra conjuntura política que era preciso, acho que era necessário, lutar; se hoje tivesse uma ditadura acho que eu também lutaria. Ele era muito humano, acima de tudo; era apaixonado pela mulher dele e escrevia e tinha sonhos: o que mais se via nas pessoas que adotavam a luta armada era o sonho por um mundo melhor num país em que a miséria estava completamente exposta. E tem aqueles que gostam da ditadura, que defendem a ditadura, que dizem que durante aquele período o Brasil progrediu; só que tem de se ver qual é a base desse progresso, se esse progresso for para ver seres humanos morrendo de fome, esse progresso não me interessa; e o sonho dele era viver num país melhor, com igualdade social. A história dele no Julinho também, sempre à frente dos movimentos, lutando pela democracia e pela liberdade, isso também me toca bastante, ele foi o primeiro desaparecido político a ter seu corpo encontrado; na verdade também isso foi um marco. Têm familiares de desaparecidos políticos que até hoje não sabem seus destinos, e é essa dúvida que corrói as pessoas: tem pessoas que moram no mesmo lugar, não trocaram telefone na esperança que o parente volte, para não correr o risco de perder o fio de esperança que existe ainda de que o filho, a filha, o marido, sejam encontrados; os presos eram mortos e diziam que: foi atropelado, sumiu, fugiu, se matou, coisas assim. Então ele foi uma pessoa que morreu porque tinha convicção das suas idéias e fez o que tinha que ser feito naquele momento.*

A história do Julinho e seus personagens foram recorrentes nas falas de Júlio. Sua transbordante paixão pela escola demonstra seu reconhecimento pelo encontro de um caminho – ou pela abertura de uma

grande porta –, utilizando-me de suas próprias metáforas. Mora com sua família, e seu relacionamento com ela, embora não seja conflitivo, também não se caracteriza pela abertura ao diálogo. A impressão que me deixa é de que o Julinho agora se projeta como sua verdadeira casa, em sua subjetividade. Sua emoção, sempre que me falava de Luis Eurico Lisboa, era evidente, assim como o é sua identificação com o guerrilheiro-poeta. Uma identificação que parece tomar via sublimatória em seu trabalho como ator, indicando a importância do acesso à cultura como possibilidade de transposição de traços identificatórios para o âmbito coletivo, demarcando fronteiras para a fundação de novos lugares subjetivos, que, como vimos, é o fundamento do trabalho da adolescência. Sua sensibilidade às desigualdades sociais não postula um programa de atuação que sirva a qualquer um a qualquer momento, mas é perceptível o desejo de luta, tanto nele quanto na maioria dos meus entrevistados, que expressaram certo pesar por não estarem vivendo um período histórico que configure uma *pauta visível* para o engajamento da ação dos estudantes.

O episódio do roubo do dinheiro do grêmio estudantil, que já foi e ainda será mencionado em várias falas, parece ser inédito na história da entidade. A gestão atual empenhou-se na tarefa de restauração da imagem do grêmio, denegrada por um grupo de alunos desimplicados dos ideais que nortearam tantas gerações: a defesa dos interesses dos estudantes e a sustentação de postura crítica frente a acontecimentos sociais. O Grêmio Estudantil do Colégio Estadual Júlio de Castilhos tem ocupado historicamente posição de liderança no cenário do movimento estudantil do Estado e todos têm muito claro que um fato dessa ordem assume conseqüências que extrapolam os muros do Julinho, acentuando sua responsabilidade neste momento.

Mariana, 17, 2ºano:

*Para mim, o fato de eu entrar no Julinho foi uma experiência muito boa que mudou bastante minha vida, assim, até porque foi um lugar que eu tive mais contato com o que é minha vida hoje. **Eu mudei completamente, não sou mais nem um pouco parecida com a pessoa que eu era antes de entrar aqui. Foi aqui que eu***

*tive um contato maior com a política e eu vi que o mundo não era cor-de-rosa, foi aí que eu entrei no grêmio estudantil, mesmo que este ano eu não fiz parte da diretoria. Eu batalhei muito para mudar o que era, na época, a realidade do grêmio, porque na época que eu entrei no Julinho, que foi o ano passado, era época de uma gestão que roubou do grêmio estudantil; a gente ajudou a destituir esse presidente que estava roubando, a gente criou um movimento de oposição, a gente fez bastante política estudantil dentro da escola.*

*Comecei a ver muitas coisas dentro da própria sociedade a partir do Julinho, entende: o movimento dentro do Julinho, o grêmio estudantil, o movimento social; e eu comecei a ver o que era a sociedade realmente, com suas desigualdades, com seus problemas, seus preconceitos. Isso mudou bastante para mim, eu não consegui mais ver isso e ficar quieta, eu comecei a fazer parte, a batalhar, a lutar, a mobilizar, a ser militante e foi aí que mudou realmente a minha vida. Eu não sou de Porto Alegre, e vim pra cá e caí direto no Julinho; a minha mãe já estava trabalhando aqui, e teve um amigo dela que me conheceu, e disse: essa gurua vai para o Julinho. Antes eu era, sei lá, eu amava os EUA, eu idolatrava os EUA, minha vida era sair do Brasil e morar nos EUA, era meu sonho, eu era fã de uma bandinha americana e aí eu comecei a achar tudo maravilhoso nos EUA, e que no Brasil não era assim, aqui é horrível, é uma bosta, e biriri, biriri. Só que hoje, eu odeio os EUA, porque é o país que mais explora o mundo, é um país ambicioso, horrível, que hoje eu tenho nojo assim; para tu vê, mudou da água para o vinho. A palavra que resume tudo depois que eu vim para o Julinho é mudança, mudou muito.*

*O Julinho é muito grande e tem uma diversidade de pessoas impressionante e isso é uma das riquezas da escola. É como se fosse a sociedade dentro colégio: o Julinho é um mundinho. Só que muitos desses grupos também se produzem dentro do que a mídia coloca, por exemplo, os roqueiros, se alguém quer fazer parte do grupo dos roqueiros veste preto com metal, e quem vai dizer que ele não é roqueiro, agora de repente ele é um roqueiro comprado, não é um roqueiro, roqueiro, vai ver ele nem escuta rock; – ah, quero ser hippie, aí bota um saião com uma blusinha e se diz hippie, mas quem diz que ela pensa como hippie, mas faz isso só para andar no meio dos hippies. Claro que têm alguns que são verdadeiros, mais muitos só compram a identidade nas vitrines. Aí que a gente vê que a ditadura continua existindo, né, porque isso não é uma ditadura? Tu pensa conforme a telinha ali te fala, só que é muito mais difícil de perceber porque o pessoal está*

*gostando. Por isso que eu acho que o Movimento Estudantil é que ainda é o lugar para tu dizer o que tu não concorda.*

*O problema do grêmio estudantil é que o grêmio estudantil não é um sindicato, que tu tá ali só pra fazer política e tu pode gastar todo o dinheiro do grêmio fazendo política, mostrando, conscientizando. Não, a gente tem que perder nosso tempo fazendo festa pra os alunos, fazendo coisinhas pra agradar o aluno, que hoje em dia é muita alienação. Hoje eu imagino que a minha vida é fazer política, mesmo se eu tiver que morar num lugar cheio de gente, assim, eu quero é militar, **minha vida é eu morrer de repente sabendo que eu contribuí para alguma mudança sabe, minha vida é isso, é ter uma vida de militante revolucionária e é isto que eu quero para mim.** Tipo agora eu tive a oportunidade de estar trabalhando, faz duas semanas atrás eu consegui um estágio para mim e eu sei que magoou muito minha mãe, assim, porque eu não fui trabalhar. Porque eu ia ter que parar de militar, assim, sabe, eu não tenho realmente necessidade de trabalhar, a minha mãe ganha assim pra me sustentar bacana, só que para ela era importante ver que eu quero construir alguma coisa, que eu tenho um objetivo maior de vida. E eu fui lá num dia que eu tava meio em crise assim, em crise política sabe, será que este o rumo que eu quero, o rumo que a minha organização está tomando, será este que eu quero? Foi este dia que eu resolvi passar lá no CIEE, ver se eu arrumo uma desculpa para dar uma parada, sabe, e lá eu arrumei um estágio: fiz uma entrevista e fui eu a selecionada e no primeiro dia de emprego eu não fui. Era um emprego para secretária que ia me ocupar das duas da tarde às oito da noite, aí eu fiquei em casa chorando porque iria acabar com meu trabalho de militância – porque não se milita depois das oito da noite, só poderia participar de uma ou outra reunião, e só participar de reunião não conta, é só discutir. E só discutir não muda nada, não muda a realidade.*

Mariana sublinha em sua fala a metamorfose provocada pela entrada no Julinho, potencializadora dos efeitos provocados pela mudança de cidade e de estilo de vida, sintetizada por ela na mudança de opinião a respeito dos Estados Unidos. Talvez como defesa frente ao ainda não elaborado de uma transformação tão radical – *da água para o vinho* –, acentua em alguns momentos a posição do militante em seu discurso. Extremamente crítica, manifestou julgamento severo – e mesmo um tanto irritado – quanto aos descomprometidos com a

transformação da sociedade. O conflito, em seu caso, também me parece visível, entre se sacrificar pela ‘*causa revolucionária*’ ou considerar outros parâmetros que também possam pautar suas decisões – *o que será que eu quero?*. Só o fato de que formule a pergunta já me parece importante para criar um intervalo para o pensamento. Faz uma análise, em meu entender, bastante precisa da juventude de sua época<sup>9</sup> e de sua conformidade aos padrões estabelecidos pela mídia – inclusive dentro do Julinho. E, embora no depoimento gravado tenha decretado como irrelevantes as atividades sociais desenvolvidas pelo grêmio, em diversos outros momentos de conversas informais valorizou este espaço, também por sua alegria, que atraía mesmo os estudantes não comprometidos com a atuação política. De qualquer maneira, acho notável que ela não procure ocultar sua condição *alienada* anterior, o que me parece preservar este tempo vivido do destino do recalque e da sintomatologia que lhe seria decorrente. Sua fala traz o foco também para a importância da constituição de lugares no processo adolescente.

Seus pais são separados. O pai é caminhoneiro e mora em outra cidade. A mãe é agente penitenciária do presídio feminino Madre Peletier. Veio para passar um ano em Porto Alegre enquanto aguardava sua transferência para a cidade interiorana, onde tinha deixado a filha morando com seus próprios pais. Mas Mariana não se adaptou à convivência com os avós e acabou vindo para cá também. A mãe acabou conseguindo a transferência desejada, só que aí Mariana não queria deixar o Julinho de jeito algum; então a mãe desistiu de voltar. Mariana fala dela com muito carinho, que conversam muito e que a mãe vai podendo entender que o tempo da filha não lhe pertence mais. Mas não parece ser um momento fácil para nenhuma das duas.

Leonardo, 15, 1ºano:

*O Julinho realmente mudou a minha vida, porque antes eu estudava numa escola de ensino fundamental com 400 alunos, e que tinha toda*

---

<sup>9</sup> A análise que os estudantes entrevistados fazem da Juventude atual é um dos temas do próximo tópico.

*aquela questão de te olharem com outros olhos porque tu te veste diferente, porque tu tem uma voz ativa, mesmo porque tu tem opiniões diferentes. Aqui no Julinho, por ser uma escola muito grande, todos os grupos são muito grandes, as tribos, então tem esta história de se encontrar em tribos, mas também existe toda uma aceitação entre elas: eu, particularmente, posso conversar com qualquer pessoa do Julinho que não vou ser visto com outros olhos. Claro que no Julinho muita gente tem voz porque é uma coisa que se pede, até; o Julinho já pede que as pessoas tenham mais atitude, sejam mais como líderes, e pra mim isso é bem saudável, porque eu particularmente sou assim por natureza - e na antiga escola me viam com olhos diferentes, porque lá todo mundo é acostumado a sentar, ouvir o professor falar o blábláblá e ir pra casa. Eu me encontrei no Julinho, e no grêmio, particularmente, eu me encontrei mais ainda. O grêmio estudantil do Julinho tem toda uma história e as pessoas que hoje em dia fazem grêmio são mais ou menos - mais ou menos não, são, como eu, têm aquela força, têm vontade, a gente tem afinidades. Bem no começo eu não me interessava em fazer grêmio estudantil, só que daí eu vi toda aquela coisa de primeiro ano, todo mundo querendo entrar no grêmio estudantil, conhecer o pessoal, daí eu meio que fui arrastado por umas colegas minhas, só que elas queriam conhecer o pessoal e fazer festa: eu não, eu tava a fim de trabalhar, de trabalhar mesmo, então eu continuei. Até a metade do ano eu me via mais como um parasita, eu tava só ali brincando e tal, mas eu ainda sentia uma ligação, sei lá, é que até a metade do ano eu não tinha respaldo, eu não tinha confiança em mim, mesmo porque existe aquela coisa do grêmio estudantil versus rádio e eu também andava na rádio. Pelo menos até a um tempo atrás tinha, porque o pessoal da rádio não gosta do pessoal do grêmio, então sempre tinha esta rivalidade e eu andava, ainda ando, nos dois, e o pessoal não confiava em mim - achavam que eu tava só ali, pra no caso, tá absorvendo informações, do tipo; mas a partir da metade do ano eles começaram a ter confiança em mim, começaram a tá me comunicando de certas coisas, me fazendo participar. Daí, sim, que eu me vi dentro do grêmio estudantil de verdade, e eu entrei no grêmio em abril. E agora na nova composição eu vou ser da diretoria, vou ser o primeiro tesoureiro, na verdade é um reflexo do que eu fiz este ano, né, apesar de não ter organizado alguma coisa como o pessoal fez, ou mesmo ter tido tais responsabilidades, pelos meus atos eles confiam em mim agora. O Julinho é um lugar tão legal; na verdade o Julinho é quase uma universidade, porque nas universidades, sei lá, tu escolhe o que tu quer fazer, tem pessoas que querem fazer as mesmas coisas, então já*

*tem uma afinidade maior; e é mais ou menos por aí que eu vejo o Julinho, eu posso escolher várias coisas e tô escolhendo o que eu quero fazer realmente. Claro que não em relação aos estudos, mas em muitas outras áreas; isso me facilita muitas coisas, até aprender, porque eu tô gostando do que eu tô fazendo.*

*Eu mudei muito né, e a minha mãe particularmente tem muita resistência em aceitar que eu mudei, ela ainda me vê como um garoto que vai para escola e volta pra casa e não tem, digamos, uma vida própria, tem estes olhos mais de mãe, né; ela resiste muito, e ela faz de tudo pra me impedir de tá aqui, tanto que ela queria me tirar do colégio, mas eu me impus e falei pra ela: se eu saio do Julinho eu paro de estudar, daí ela meio que viu que tinha que aceitar. Eu tenho um irmão mais velho, tem 19 agora, ele estudou aqui no primeiro ano, mas ficou só três meses aqui. Acho que ele não suportou a liberdade que tem o Julinho, acho que ele é mais aquele que tem que estar em cima, se não ele não vai.*

*O que é mais característico daqui é a diversidade de pensamentos, não é aquela coisa fechada de ter uma mesma opinião de chapa: cada um tem sua opinião. Mesmo sendo uma opinião muito variada e às vezes muito ridícula, tem sua opinião. Porque no Julinho se tu não tiver tua própria atitude tu não vai pra frente, a liberdade faz isso mesmo, se tu não tem um pensamento próprio tu acaba parado, fazendo a mesma coisa que tu fazia no ensino fundamental, ou mesmo vai parar de estudar, vai cair na coisa de matar a aula todo o dia: então precisa ter cabeça pra tá no Julinho. Aqui o pessoal é mais maduro – claro, é uma escola secundarista, mas ainda assim são mais maduros, por exemplo, que outras escolas aí na volta. Eu conheço o pessoal de várias escolas e tenho a visão de que eles estão muitos passos atrás da gente em relação à maturidade. O pessoal aqui é mais aberto em relação a certos preconceitos, tem uma visão mais ampla, não tem problema de falar com alguém muito diferente; eu tenho esta visão de que se cresce mais tendo este contato maior. Eu tenho quase certeza que essa diferença veio pela história da luta dos estudantes, porque todos os estudantes aqui, desde o princípio do Julinho, mesmo por ele ser o maior, tiveram essa visão. E agora, no decorrer das décadas, com os estudantes sempre lutando, sempre se manifestando, sendo contrários ou a favor, isso fez com que no Julinho tivesse um espaço maior. Mesmo porque a maioria dos professores, aqui, já foi aluno do Julinho, sabe, estudou aqui, então também têm esta visão de que a liberdade funciona muito. Até acho que foi o grêmio do Julinho que impulsionou tudo isso; claro, os alunos começaram o grêmio e o grêmio alavancou toda esta*



*liberdade. Eu vejo todo dia que nenhum aluno do Julinho tem medo de ir na Direção e levantar a voz - não levantar a voz num tom mal-educado, mas sim levantar a voz no sentido de mostrar a opinião, sabe, estar discutindo até com os professores ou com a direção, seja com quem for. Por isso que uma vez eu ouvi dizer: **quem não passou pelo Julinho morreu inocente: juliano é sempre juliano.** E este ano houve uma grande mudança, até mesmo porque houve uma renovação no pessoal que esta estudando no Julinho, tem um pessoal mais novo agora, assim como eu, então eles não conheceram o Julinho antes e estão fazendo, digamos, que a revolução agora, mas impulsionados por um pessoal mais antigo que estava acostumado com outro Julinho: este ano foi uma mudança incrível. **Eu tenho a visão de que o colégio tem um grêmio muito diferente, então acho que nas quatro ultimas gestões do grêmio esta coisa do Julinho foi meio que se perdendo, esta coisa toda de contestar.** Pelo que eu ouvi falar, das quatro, três foram muito ruins, não tão em relação ao que fizeram, mas em relação a estar mostrando opinião, e uma foi péssima, que foi a gestão anterior; **e a gente deu uma virada nesta coisa, a gente começou uma luta e obteve novamente respaldo pro grêmio do Julinho, que tava muito queimado, bá.***

***O Julinho tem um diferencial, sabe, e poucos vão ter a oportunidade de viver isso em outras escolas. Eu sempre fui uma pessoa de opinião, mas antes eu não agia muito, me mantinha reservado, mesmo porque eu sabia que não ia ter ninguém do meu lado; porque mesmo sendo uma liderança, se tu não tem apoio tu te enfraquece muito, e agir sozinho é bem difícil, né, quer dizer, se tu não tem respaldo, porque se tu tem, aí tu pode fazer um monte de coisas, mesmo sozinho.** Mesmo que tu não estejas fazendo uma coisa enorme, o contato pessoa a pessoa é o mais importante e o que muda mais, faz as pessoas pensarem de verdade, mas isso também é uma coisa bem difícil.*

*Em relação a mim, eu, hoje em dia, só vejo o presente, assim, não tenho olhos para o futuro. **O máximo que eu faço é sonhar;** é claro, eu sei que eu tenho a possibilidade de tá fazendo muitas coisas, mas eu tento não pensar porque eu acho que eu não tenho maturidade ainda pra escolher qual caminho que eu vou levar; eu quero me situar em alguma coisa, mas tem que pensar muito. Antes eu até tinha muitos planos e metas, mas eu abandonei tudo isso, esse ano eu meio que aprendi que os fins não justificam os meios; eu acho que tudo que eu ia querer fazer **eu ia ter que me vender,** e hoje em dia eu vejo que eu não quero fazer isso, **eu quero ir como eu sou, entendeu, tá me mostrando de verdade, pra repensar o que***

*eu quero fazer, mas com a cara limpa. A escola possibilita que cada um se mostre como é: isso não é pouca coisa, muda a vida, mudou a minha.*

Leonardo, com 15 anos e entrando este ano na escola, é o mais novo dos meus entrevistados. Penso que esses trechos do seu depoimento já dão a perceber a intensidade com que vive a entrada na escola e sua abertura para a experiência, permitindo-me dar relevância a alguns aspectos teóricos relacionados à operação adolescente. Vimos, através da contribuição de Rassial (1997), que a desmontagem da identificação infantil pressupõe a apropriação da identificação que sustentava o ser no olhar e na voz do Outro. Uma preocupação desta ordem parece-me bem destacada em sua fala – especialmente no que diz respeito ao olhar –, na qual podemos observar o processo de descolamento do olhar do Outro em seu desenrolar e também a determinação de Leonardo em levá-lo a termo e chegar à *maturidade*. E é interessante notar que o encontro com o Julinho, pelo compartilhamento que outorga esta possibilidade de que *cada um se mostre como é*, lhe permite justamente reinventar um Outro que lhe pede uma *atitude*, que o convida a *agir* e reconhece o valor dos seus atos – ao contrário do Outro materno, que pede que ele abdique de uma *vida própria*. Percebemos que esta operação tem particular importância no caso de Leonardo, quando tomamos conhecimento de que seu pai faleceu quando ele tinha apenas nove meses de idade e de que ele e seu irmão mais velho foram criados pela mãe, que trabalha como cabeleireira. A referência à história do Julinho demonstra, mais uma vez, que a consistência deste Outro não prescinde de uma transmissão entre as gerações: é justamente Outra paternidade (Ruffino, 1996) que deve ser construída – com o aporte de elementos do social que ressignifiquem o familiar – na passagem adolescente. Uma filiação simbólica que as palavras *quem não passou pelo Julinho morreu inocente e juliano é sempre juliano* parecem bem ilustrar, pois são incontáveis as vezes que as escutei e inúmeras as pessoas que as proferiram durante o tempo dessa pesquisa, assim como a observação de que poucos vão poder viver esta experiência de liberdade ancorada em uma herança – que permite *mudar a vida* – em outras escolas.

Andréia, 18, 2ºano:

*Eu vim parar aqui ocasionalmente, porque já tinha acabado o prazo de inscrição das vagas e eu tive que vir pela SEC. **Eu nunca imaginei vir para o Julinho porque o Julinho tem uma má fama, só aqueles que realmente conhecem sabem que é uma escola boa.** Tu pode chegar aqui até meio assustado, mas depois com tudo que tem aqui dentro da escola tu vai te sentindo cada vez melhor, é muito bom. **Tudo aqui eu gosto:** eu gosto da lancheria, da rádio, do grêmio e do pessoal do grêmio. No ano passado eu não me relacionava com eles porque eu não conhecia muito bem eles, também era uma outra gestão que não foi legal, que era só eles do grêmio, e só; aí tu não tinha informações a respeito do grêmio, se tu quisesse participar tu não saberia como. Aí, no ano passado, quando eu já conhecia bem a escola, e começou a época das eleições, eles foram na sala de aula se apresentar, e depois eles ganharam a eleição e faziam a carteirinha escolar, daí quando fui fazer a minha eu comentei que tinha visto eles no Fórum, e que foi legal ter visto pessoas que eu conhecia da minha escola no Fórum: – eu vi vocês – ah, que legal, colega; a forma de dizer – senta aí colega; eles são bem cativantes, daí a gente conversou um monte. Tá, passou, e ficou naquilo, mas eu passei a conhecer eles de vista, assim de se cumprimentar; aí depois quando houve a passeata contra a guerra, que eles promoveram no dia 28 de março, aí eu fui junto com eles, e eles são pessoas que sempre explicam a causa deles. E quando nós voltamos para escola e eles me convidaram para participar do grêmio, com aquela história, né, de que todo aluno inscrito faz parte dessa gestão do grêmio estudantil, isso me atraiu e eu comecei a trabalhar pelo grêmio, em abril. E, bá, **achei aquela experiência muito legal**, de tá fazendo carteirinha e tá sempre conhecendo novas pessoas, e tudo que é estilo de pessoas. **Porque antes de entrar no Julinho eu tinha uma mente mais fechada, por exemplo, eu pensava assim que roqueiros eram pessoas sem emoção, tinha um preconceito, e daí convivendo com o pessoal eu passei a ver que tem uns roqueiros que são muito inteligentes, passam horas e horas com uns assuntos bem agradáveis, bá, é bem legal.** Na escola tu aprende de tudo, dentro do grêmio, com os professores, com os funcionários, aqui também dá muita lição de vida; numa conversa que tu tem, assim, com uma funcionária, ela passa a experiência dela, os professores também, da forma que podem. **Aqui tu encontra todos os estilos, então é uma grande experiência e que vai servir para toda vida, porque se alguém te disser um dia: – ah, porque aquele maconheiro sem-vergonha, porque assim e assado –, tu já pode ver por outro lado, da mesma forma quando eu achava que roqueiro era idiota e depois eu vi que isso é totalmente errado. Acho que eu é que mudei muito, porque***

*para mim era importante passar uma imagem, eu sempre agia de forma a agradar as pessoas para ser bem aceita. Hoje em dia não, hoje eu sou o que eu sou, e se as pessoas quiserem me aceitar, elas me aceitem ou não; eu não fico explorando a mim para agradar os outros; é bem legal, porque antes eu ficava preocupada: ah, esta roupa não sei o que, porque as gurias vão falar, porque alguém vai debochar. Hoje em dia não, isso causa um amadurecimento, assim, na escola tu pode ver cada um com seu estilo, então isso incentiva tu ter a tua personalidade, porque não tem como serem todas as pessoas iguais: em lugar nenhum, mas as pessoas acreditam que seja assim. Também tem os professores, que são bem amigos e também demonstram esse negócio de serem eles mesmos: tem um professor que é roqueiro, tem um professor que é pagodeiro, tem professor de todo jeito. Tem professor que é amigo, que senta contigo e conversa: – hoje meu dia foi assim, foi assado –; eles estão empenhados em te ajudar. No ano passado, por exemplo, teve uma professora que ela sabendo do meu interesse em atuar na área da saúde depois que eu concluir o ensino médio, ela começou a trazer provas de vestibular para que eu pudesse estudar, para que eu tivesse uma noção de como fosse. Apesar de eu estar no 1º ano, ela me incentivou um monte, e se eu precisar eu sei que eu posso parar ela no corredor e ela vai me atender com toda atenção. Da mesma forma, a professora de história, ela pára, e – ah, caminha junto comigo, vamos dar uma volta –; daí tu tá caminhando com ela e ela pergunta como é que tu tá: – ah, se tu tiver precisando de ajuda vai lá na sala dos professores, que eu te ajudo –, qualquer coisa assim; então eles sempre se preocupam bastante com teu empenho, e o que eles puderem fazer, dentro do possível, eles fazem. Nas outras escolas eu acho que a disponibilidade dos professores, claro que sempre tem professores empenhados, mas não tanto quanto aqui, porque eu acredito que as pessoas gostam muito de estar aqui, porque o Julinho dá liberdade para pensar, para tu viver e tu vivenciar aquilo que tu acredita. Porque se tu acha que tu deve pegar uma turma e sair para a rua para dizer: Bush, pára com essa guerra, os professores te incentivam a fazer aquilo, se é que tu acredita naquilo; então a diretora é a primeira a abrir a porta e dizer: – podem ir. Agora muitas outras escolas, como muitas vezes eu já vi e ouvi, dizem não, por que vocês vão querer fazer isso? Que tem aula, não sei mais o que, dificultam o máximo que podem e então, sabe, as pessoas não podem realmente ver se isto é uma coisa que interessa ou não a elas.*

*Eu não tinha a menor idéia da história dessa escola, e quando a gente chega aqui os professores de história, ou de qualquer matéria, te pedem um trabalho em relação à história do Julinho, e eles apresentam livros,*

*e querem que a gente faça pesquisa. Daí aquilo ali te incentiva a querer saber da tua escola, uma escola centenária que foi a primeira a ter grêmio estudantil, saber o que aconteceu com os estudantes na época da ditadura, que mesmo com a ditadura eles não ficaram calados, que aqui sempre teve uma força política. É sempre interessante tu saber mais sobre um fato histórico, sobre alguma coisa que tu acha legal; é que nem tu saber sobre tua antecendência, a mesma coisa com escola. De alguma forma, essa história está ainda presente, quando eles citam assim - vocês não podem se deixar vencer - eles reavivam o espírito juliano na gente, porque o espírito juliano tem todo esse contexto histórico de tudo que acontece e já aconteceu, então eles sempre citam esse espírito. Eu sinto isso em meus atos, quando eu acredito em alguma coisa e quero lutar por aquilo, daí eu fico pensando: quantas dificuldades muitas pessoas passaram em períodos difíceis em que elas não tinham liberdade para pensar e se expressar, e se hoje eu tenho, por que eu não vou fazer? Isso é o espírito juliano. E as pessoas fora falam do Julinho como uma escola que tem muita violência, muita droga, exageram fatos que acontecem em todos os lugares. Quando eu vim para cá eu imaginava, pelo que eu ouvia, que quando eu entrasse na escola ia ter um cara me oferecendo cocaína, quando eu estivesse indo para o banheiro ia ter um outro já oferecendo alguma outra droga: mil coisas passavam na minha cabeça, porque realmente a imagem que nos é passada, fora, pelos adultos, é essa. Acho que os adultos têm essa imagem porque desde a época da ditadura os estudantes reagiam, não aceitavam quietos o que acontecia e isso era encarado de uma forma negativa, que os alunos do Julinho só querem fazer baderna; então esse mito foi levado adiante, especialmente pela imprensa que só vem aqui para dizer essas coisas, se é para fazer uma reportagem sobre drogas, a primeira escola que eles pensam é o Julinho. Uma vez eu estava na direção e daí tocou o telefone e a vice-diretora atendeu, quando a mulher disse que era da RBS, ela disse: se tu quer vir aqui para falar que o Julinho é uma escola de drogados, se é para ficar ridicularizando a escola ou falar mal, eu nem vou receber vocês aqui, e falou, falou, xingou e falou tudo que ela estava pensando, e aí a mulher falou calma: a gente quer fazer um curta e quer fazer ai no Julinho, e ela: - ah, tá desculpa, mas é que isso sempre acontece. É uma coisa que revolta tu ver na TV falarem mal da escola, a imprensa prejudica muito a imagem daqui, sendo que eles poderiam ocupar esse espaço*

*para dizer o que escola tem de bom. O Julinho é uma escola que eu denomina boa, mas estaria muito melhor se a comunidade escolar estivesse mais presente aqui, porque os estudantes querem conquistar o seu direito de ter mais atividades sócio-educativas na escola, como esses projetos que aparecem na TV, que aqui tem plenas condições de ter muitas oficinas. É muito melhor um aluno dentro da escola do que fora, vagabundeando. Aqui até tem algumas oficinas promovidas pelo grêmio, a gente teve o Julinho em Cena há pouco tempo, teve o Festival de Bandas, a gente tem a FECIARTE [Feira de Ciências e Artes] todo ano, também, que é bem legal, mas eu acho que seria legal se a gente tivesse oportunidade de estar mais aqui na escola, porque a escola é um excelente lugar, ainda mais que se poderia aproveitar de mil formas este espaço imenso dela.*

Andréia chama a atenção ao fato de não querer vir para o Julinho por causa de sua *má fama* e como ela foi desmistificando esta imagem. Aliás, passar do receio à paixão é experiência bastante generalizada entre os estudantes com quem conversei, durante esta pesquisa, e que evidenciavam o mesmo teor dos argumentos apresentados por Andréia para mudarem de opinião. O relato de sua aproximação ao grêmio da escola permite que ele seja visto com a perspectiva de quem estava fora, e ainda dos fatores que levaram a aluna a querer dele fazer parte. Trata-se de experiência que vai produzindo modificações na sua forma de olhar o outro sem o crivo do preconceito. Este dado toma maior relevância quando sabemos que ela vem de família em que o pai, irmãos, tios e tias são policiais brigadianos. Ela própria hesita entre seguir essa carreira ou embrenhar-se na área da saúde, como a mãe, que é atendente num hospital psiquiátrico. Podemos bem imaginar que, para qualquer um destes dois campos profissionais que por ventura venha a escolher, um olhar que relativize os pré-julgamentos – cunhado na *liberdade para pensar* – não é mero detalhe. E penso que esta possibilidade que se abre em sua experiência no Julinho tem boas chances de não se perder, na medida que o novo saber parece se inscrever na mesma ordem de transmissão que o saber da *antecedência* que vem da história familiar.

O encontro com professores que se colocam em disponibilidade para seus alunos e dão corda à experimentação de suas potencialidades destaca a importância desta figura nesse momento da passagem

adolescente. Tal alargamento da visão dos professores é atribuído à capacidade que eles têm de também se deixarem afetar pelo *espírito juliano*, por serem eles próprios ex-alunos ou, mesmo quando são novos na escola, por reconhecerem o potencial deste espaço que lhes permite realizar um trabalho que não se restringe ao cumprimento de prescrições curriculares.

Bia, 17, 2ºano:

*Estou há três anos aqui no colégio, entrei em 2001, e desde que eu entrei aqui, mudou muito a minha vida, em todos os sentidos: no sentido social, no sentido político, tudo mudou completamente. Entrei para cá praticamente uma criança, tinha 15 anos, mas a cabeça era de criança; desde que eu entrei aqui é que eu amadureci bastante e aprendi muita coisa, muita, muita coisa mesmo, que fez eu me tornar até, não uma pessoa diferente, mas eu pude desenvolver as tendências que eu tinha. Até o segundo grau, eu não me importava muito com política, com essas coisas que envolvem a sociedade, e daí quando eu entrei aqui fui criando mais uma consciência das coisas do mundo, tentando entender o porquê das coisas que acontecem. O que mais me chamou a atenção quando eu entrei aqui é a história do próprio Julinho, são 103 anos! Vários fatos que aconteceram aqui, importantíssimos na história do Rio Grande do Sul, do Brasil, muitas coisas aconteceram aqui; também o número de alunos, muita gente em volta: de um colégio de menos de 1000 alunos para o um de mais de 5000, é muito diferente! Até, por exemplo, o grêmio estudantil de lá não podia fazer nada: aqui não, aqui o grêmio estudantil é realmente autônomo. Lá, pra pessoa fazer uma coisinha tinha que pedir autorização, aqui, é uma escola bem mais liberal, tem uma liberdade muito grande, liberdade de expressão, tudo é bem melhor. Então tu chega aqui ainda um pouco uma criança, quase todo mundo na verdade, e pega aquele período da adolescência que é teu período de desenvolvimento, que tu vai criar mesmo a pessoa que tu tem tendência para ser, mas que tu não é ainda por falta de desenvolvimento, por falta de oportunidade de mostrar tua verdadeira face, digamos assim, e é então que a pessoa acaba se mostrando verdadeiramente, qual o rumo que ela vai tomar na vida dela. No caso aqui no Julinho, por toda essa liberdade, tu pode mostrar realmente quem tu é. O que seria muito mais difícil num colégio com menos liberdade,*

*mais burocrático, mais regrado, aí eu não poderia fazer o que eu tenho vontade de fazer de fato: não, eu teria que seguir as regras da escola à risca, e em algumas escolas é assim, né, e se eu estudasse numa escola assim, certas tendências que eu tenho para fazer certa coisa eu não iria fazer, porque eu não teria liberdade para fazer, eu teria que fazer as coisas que eles me impõe; poderia ser uma pessoa diferente talvez; só vivendo, né, pra saber.*

*Só a história do Julinho já bota em ação uma série de coisas, não só nos alunos, como nos professores, como na direção. É que a maioria dos professores foram alunos, sabe, a maioria estudou aqui, fizeram o segundo grau aqui, daí a gente tem todo esse clima juliano, que é um clima que só quem está aqui dentro sabe, né? É claro que nem todo momento da história é igual, né, e esse ano como que reacendeu uma chama de novo. Porque no grêmio, no ano passado, aconteceram várias coisas, a gestão anterior que roubou o grêmio, daí o grêmio fechou; e esse ano voltou com tudo: a gente queria explodir, pegar e mostrar: ó, nós somos o grêmio do Julinho de novo, como sempre foi, isso foi só uma coisa que aconteceu e está já no passado, agora voltou a ser o grêmio do Julinho, aquele grêmio que lutou sempre pelos estudantes, que há 60 anos luta pelos estudantes, e vai continuar sempre lutando se depender de nós. Os verdadeiros julianos sabem que o grêmio do Julinho tem uma grande história, né, foi fechado durante a ditadura militar, inclusive o aluno na época que reabriu o grêmio vai ser agora vice-diretor da noite; o que vai ser diretor-geral também estudou aqui, era do grêmio também: bá, é muita história, é muita coisa. É por isso que a gente diz que ser juliano é um estado de espírito, é um clima de cooperação que existe aqui dentro que eu nunca vi em nenhum outro lugar até hoje.*

*Antes do Julinho eu convivia num ambiente mais familiar, eu não participava tanto das atividades sociais, essas coisas; e depois que eu entrei pro grêmio, principalmente, eu comecei a participar de passeatas, palestras, bá, aumentou mil vezes a minha vida social – e cultural também, assistir teatro, estas coisas que eu não ia antes, assistir o pessoal de bandas de outras escolas que a gente vai sempre. Foi bem legal, né, entrar para o grêmio neste ponto: atividade é o que menos falta. Eu antes só sabia do turno da minha aula, vinha só de tarde, tinha meus amigos na sala de aula, na sala ao lado, e deu: o colégio se resumia só a estudo. Hoje em dia não, depois que eu entrei pro grêmio esse ano aí, tem todo o pessoal do grêmio que é meu amigo, um pessoal do turno da manhã, da tarde, da noite,*



*peçoal das outras escolas, de outras entidades, a gente conhece gente de Santa Cruz do Sul, de Bagé, de muitas cidades do Rio Grande do Sul, e até de Campinas, Salvador, bá, tem muita gente que eu conheci por causa do grêmio; e a gente se envolve diretamente porque o movimento estudantil é um só, que está lutando pelas mesmas causas, pelos estudantes – e nessa união aí a gente conhece muita gente.*

Bastante tranqüila, mas de fala incisiva, Bia foi se revelando para mim aos poucos. Seus pais são separados e ela mora com a mãe e uma irmã. A mãe trabalha como operadora de um serviço de telentrega e, à noite, cursa, também no Julinho, o segundo ano do segundo grau. O relacionamento familiar é descrito como muito bom, inclusive com o pai, que mora em Canoas e trabalha como estofador. Além das enunciações que destacam a transformação de sua vida em função do ingresso no Julinho, Bia focaliza nestes trechos de seu depoimento a importância do elemento histórico na estruturação deste espaço, perpassando todos os níveis da instituição. A compreensão de que *nem todo momento histórico é igual* estabelece a possibilidade de restauração dos ideais norteadores da atuação do grêmio e destina ao passado o infeliz episódio do roubo tantas vezes mencionado. É importante observar que embora este grupo de estudantes que dirige a entidade estudantil do Julinho disponha de tanta energia para *reacender a chama juliana*, eles não se atêm ao discurso do ressentimento que os paralisaria na sua capacidade de agir. Neste sentido, lembro uma fala anterior de Renata que analisava as causas que possibilitaram este episódio concluindo que *foi um mal até que foi bom* porque permitiu dele tirar uma lição importante.

Kaká, 18, 3ºano:

*Olha só, no final da oitava série a gente tem que fazer aquela opção por escola para o segundo grau, e a minha última opção foi o Julinho e eu não entendi porque eles me deram minha última opção. Daí o que aconteceu, **entrei aqui dentro, e me perdi aqui dentro, porque isso aqui é o centro de Porto Alegre, aqui tu vê gente de tudo que é jeito. Eu não preciso ir no centro se é para ver gente nova, diferente, aqui tu vê raças, espécies de gente diferente que acaba se encontrando todo mundo aqui.** Tu sai daquele colégio pequeno de 1º grau, às vezes com os mesmos colegas desde a tua primeira série até a oitava e chega aqui e te expande,*

*acaba conhecendo o mundo aqui; tanto é que se tu for dar uma olhada, tem gente de um jeito, tem gente de outro, e estão tudo junto, acabaram se conhecendo aqui dentro por papo, por jeito de se vestir, né, e isso daí prende muito as pessoas aqui dentro, sabe, tanto é que depois que saem, se formaram, acabam dando aquela passadinha para ver como é que está o pessoal que ainda está aqui, se o Julinho continua sendo o mesmo, né.*

*A entrada no Julinho faz as pessoas terem a cabeça mais aberta para a vida. Claro tem muita gente que entra aqui dentro e não quer saber de nada, e acaba olhando para o lado e vendo que ali também não querem saber de nada, e partem juntos para outras coisas fora do colégio: estou falando diretamente das drogas. Como te falei, para mim isso aqui é que nem o centro de Porto Alegre, não precisa andar muito aqui no Julinho para tu ver tudo, entendeu. **Eu já estive perto de várias coisas, e vi que droga não era para mim: meu interesse foi o teatro e através dele que eu me aproximei do grêmio.** Isso pra mim fez com que eu reparasse o que eles fizeram esse tempo todo, e eles fizeram coisas aqui dentro que trouxe mudanças – que nem esse espaço, assim, de cultura, que eles valorizam muito no grêmio; eles estão sempre correndo para fazerem eventos: essa história do ‘Julinho em Cena’, por exemplo, não teve no ano passado. FECIARTE, que é a escola que organiza, mas todo mundo ajuda, todo ano tem, não é uma coisa nova; mas esse ano, aprimoraram mais, sabe, parece que enriqueceu mais algumas coisas. Tem coisas que eu vi aqui no Julinho nessa semana de FECIARTE, que foi na semana passada, que eu olhei assim, esculturas, que eu sei que foram feitas em aulas de educação artística na parte de cerâmica, e tantos outros trabalhos, sabe, que se eu fosse na Bienal eu ia ver parecida, **quem sabe até aqui eu estava vendo melhor.** É de encher os olhos. Os professores sabem que todo ano vão entrar milhares de alunos novos e que essas pessoas vão, cada uma, seguir seu rumo aqui dentro; uns vêm aqui para estudar, tem seus amigos fazem o que gostam; outros vêm para estudar e vêem seus amigos ali no coreto, então eles acabam acompanhando estes amigos, ou porque gostam ou só vêm mais tarde que não gostam. **Muitas vezes as pessoas abusam, não sabem aproveitar a liberdade.** A cabeça aberta vai de cada um, e a maioria vem com a cabecinha fechada para cá e eles mesmos se surpreendem com eles mesmos, porque isso aqui é tudo da gente, a escola oferece tudo isso aqui para gente, todo material que a gente tá vendo, mais a liberdade, mais amigos. Pelo menos tudo que eu tenho em termos de amizade, de pensamentos mais à frente, se aprimorou mais depois que eu entrei aqui, porque aqui a gente tem relação com muito mais pessoas, muitas mesmo. Quando entrei aqui eu pensei que eu nunca ia*

*me sentir à vontade entre tantas pessoas, sabe, a gente nem percebe que vai ficando amigo de todo mundo.*

*Este ano, não sei se vou passar pelo seguinte, que por motivo de serviço, que eu trabalho no Mcdonalds, eu acabei desistindo de aula, sempre alguma coisa cai, né, e aí acabou conseqüentemente sendo as aulas, assim. Mas é um assunto que ainda está para ser resolvido, **mas o que eu sei é que eu quero continuar com a vaga, para o ano que vem continuar estar estudando aqui**, não só pelo teatro que é uma coisa que me prende muito aqui dentro - que a gente começou no fim do ano passado com a oficina de teatro do grêmio, alguns saíram do colégio, outros continuaram, outros entraram, e hoje o grupo está bem grande. Até aquela peça “Dá licença, por favor?”, que tu assistiu aqui no ‘Julinho em Cena’, era da oficina. **O teatro eu encontrei aqui dentro e para mim isso foi super importante**, vou continuar fazendo, não vejo por que parar porque é uma coisa do gosto de fazer, mas eu gosto também muito de esporte e em princípio minha opção é educação física, mas eu gosto de muita coisa.*

***O que eu sei da história do Julinho foi mais o que me contaram porque eu não gosto muito de ler, eu presto muito mais atenção quando alguém me conta uma história do que se eu baixar a cabeça e ler um livro. Então me falaram que na época da ditadura, acho que foi antes do colégio pegar fogo, tinha, tem dois leões, e diz que no meio daqueles leões tem um tipo de uma passagem, hoje é simplesmente um quadradinho assim, mas que antes tinha uma tampa que ia para o subsolo. E o que acontecia é que ali eram trancados os alunos que não respeitavam leis e normas naquela época, né, então eles eram levados por baixo, que tinha um caminho subterrâneo, e eles eram trancados, trancafiados ali dentro como penalidade. E muitos eram esquecidos ali e acabavam morrendo, né – isto aí são histórias que contam, entende –, e o que acontece, diz que até hoje se passar uma retroescavadeira aqui, afundar um pouco mais, tu vai sentir um tipo dum túnel aqui embaixo ainda, que parece ter sido construído de pedra na época, uma coisa assim, bem embaixo do campo de futebol. Então diz que se tu escavar embaixo do campo tu não consegue por causa desse negócio de pedra. Quando eu ouvi esta história eu fiquei até arrepiada, eu já joguei bola aqui, como pode? Sem contar as histórias que dizem até hoje que tem um fantasma aqui dentro, eu não sei de quem é o fantasma mas diz que tem, vai ver que quando pegou fogo no mínimo o colégio não estava vazio, tinha um monte de***

*gente aqui, pelo menos é o que passa na minha cabeça, eu viajo muito nestas coisas. Tem gente que sonha em passar a noite aqui só pra conferir, deus que me perdoe, neste colégio enorme tem dependências aqui que eu não vou nem na luz do dia!*

Conheci Kaká durante o *Julinho em Cena* quando assistia a peça *Dá licença, por favor?* – mencionada por ela – e da qual era a protagonista. Fazia o papel de uma mulher de meia idade, extremamente rabugenta, que não permitia que a cadeira a seu lado, numa platéia de teatro, fosse ocupada de jeito nenhum. Como todas as outras peças a que assisti nesse evento<sup>10</sup> organizado pelo grêmio estudantil, o texto era criação coletiva dos alunos, feito com a ajuda dos professores de teatro da escola. Kaká trabalhou tão bem seu papel que demorei a reconhecê-la em outras ocasiões. Como ela freqüentava assiduamente o espaço do grêmio estudantil considerei interessante a idéia de entrevistá-la. Dona de grande desenvoltura, tem na espontaneidade e na alegria seu principal traço de caracterização. É filha única e mora com os seus pais em bom relacionamento: o pai trabalha na construção civil e a mãe é carteira.

Confesso que inicialmente fiquei um tanto quanto perplexa com seu relato: parecia-me que, embora valorizasse o aporte da cultura a que teve acesso no *Julinho*, isso parecia não combinar com o último trecho do seu depoimento. Com o tempo, passei a interpretar a confusão dos fatos históricos e a fabulação com que os costura (por parte de alguém que não gosta de ler) como a presença fantasmática posta em cena por uma história tão densa e *poderosa*, digamos assim, como a história desse colégio, quando se passa ao largo de seus elementos factuais. Muito provavelmente, Kaká deve estar longe de ser a única estudante da escola a transitar nesta zona de sombras que os fatos históricos produzem, e essa oportunidade de percebermos seus desdobramentos foi, para mim, se revelando de grande riqueza.

---

<sup>10</sup> As outras peças que assisti no ‘*Julinho em Cena*’ versavam sobre temas como o preconceito étnico ou de classes, as relações professor-aluno, a ambição e o reinado da esperteza, drogas e relações familiares e sociais.

Alexandre, 18, 2ºano:

*Entrei no Julinho em 2000, e era uma escola que eu não queria nem vir, porque o Julinho tinha toda uma imagem de um colégio que tinha muitas drogas, muito crime, muitas brigas, daí eu coloquei o Julinho como uma quarta opção: no final, me escolheram para vir para cá e eu entrei no Julinho. **Eu era um cara completamente diferente do que eu sou hoje, era um guri que só estudava, que só pensava em olhar para professora, olhar o quadro, anotar no caderno, e ir pra casa.** Daí, no meio do ano, teve uma movimentação de um grupo, aqui no colégio, que era meio anarquista e fazia oposição à direção do grêmio estudantil em 2000. Daí eu comecei a me interessar: me elegi líder de turma, comecei a participar de algumas reuniões, e também comecei a entrar nas reuniões desse grupo que fazia críticas ao grêmio pra saber quais eram as críticas que eles estavam fazendo à entidade: eles criticavam a falta de democracia, a questão financeira e todo esse negócio, aí eu me interessei em participar do próprio grêmio para ver como era o grêmio que eles tanto criticavam. A partir daí eu entrei no grêmio em 2000; em 2001 nós fomos eleitos, eu já fazendo parte da diretoria como tesoureiro; **daí começou toda uma mudança de rumo na minha vida de quando tinha entrado no Julinho.** Aí eu comecei realmente a militar politicamente, me filiei num partido e entrei em organizações internas dentro do próprio PT, daí eu comecei a ter toda a movimentação política que o Julinho na verdade abriu, instigou a curiosidade, ele abriu a porta para eu começar a participar ativamente da política. Como nós éramos inexperientes em 2001, daí nós começamos a fazer muitas coisas, e a gente foi mais orientado – porque no Julinho tem muito a questão de que as correntes dos próprios partidos sempre vêm aqui no Julinho uma vitrine para quem quer se promover ou até mesmo entrar realmente a fundo na política: então as pessoas olham pro Julinho, pra ver se existe alguma liderança, algum destaque aparecendo. Em 2001, a gente foi mais orientado pela corrente da Luciana Genro, que depois veio ser a corrente que eu entrei dentro do PT. A Luciana é ex-aluna no Julinho, tem toda uma história de agitação na época dela – acho que foi em 85 –; ela foi uma pessoa que no ‘dia da mulher’ pegou um banquinho, botou aqui no saguão e fez um discurso. Era um período em que as coisas eram bem voluntárias assim, as coisas saíam, a Luciana foi ali no saguão porque não tinha chance de passar em sala de aula, tinha que fazer, no saguão, o discurso. Sabendo de tudo isso, eu comecei me interessar mais pelo Julinho, uma escola que tem uma tradição; como a própria Luciana falava, o Julinho é um centro de agitação política, que é um dos mais conhecidos da juventude. **Então mudou completamente;** antigamente eu era um, digamos assim, não era*

*completamente alienado porque eu sempre admirei muito a administração do PT em Porto Alegre, por mais que hoje eu tenho crítica, mas antigamente eu admirava a questão do orçamento participativo, todo esse negócio, eu sempre acompanhava as coisas, **mas teve um avanço, assim, na minha consciência quando eu entrei no Julinho; eu evolui cem por cento.***

*Este centro de agitação política vem de uma história, de uma tradição que tem no Julinho, da história que ele teve na época da ditadura, por ser já um centro naquela época, uma referência, e **hoje ele continua sendo marcado com isso porque o movimento estudantil dentro do Julinho é completamente diferente de qualquer outra escola, é uma coisa muito única assim.** Por mais que os alunos, quando entram no Julinho, não se interessam por política, eles sabem que o Julinho é um local onde tem um grêmio que faz política, que as pessoas se interessam por política, já chegam sabendo disso. **Até porque o Julinho é uma referência em todas as passeatas, é liderança de mobilizações:** o Julinho sempre esteve apoiando as greves do sindicato de professores, todo esse negócio, sempre teve metido na política, tanto no movimento estudantil como também interferindo mesmo, muitas vezes, nas lutas dos trabalhadores, dos sindicatos. É uma coisa que a gente fez muito, inclusive, no ano passado: a gente sempre esteve nas passeatas dos servidores públicos levando faixas do Julinho, a gente foi na parada livre de Porto Alegre, em março, com uma bandeira contra o preconceito, a discriminação sexual; a gente passou e foi aplaudido em toda a parada livre pelas pessoas que estavam em volta, muita gente vendo: – ah, ali o Julinho, o Julinho continua sendo o mesmo, o Julinho está aí de novo, ah, parabéns. **Então a gente viu que o Julinho continua, por mais que não seja uma conjuntura que a gente tenha que agitar, os estudantes tenham que fazer greve; a gente não tem essa conjuntura, a gente tem uma conjuntura do governo Lula, o pessoal está calmo, \_esperando as mudanças prometidas, então as pessoas não se mobilizam muito, mas sempre o Julinho tem um espírito crítico.***

*Quando iniciei a falar, eu disse que não queria vir para o Julinho pela imagem que ele tinha e que chegando aqui é completamente diferente daquela imagem que a sociedade tem do colégio, uma imagem que só tem drogado, sempre tem briga, sempre tem rebeliões; **durante esses três anos que eu estou aqui eu vi três brigas, no máximo, e que na verdade não foram brigas tão graves assim, foram brigas normais,** o outro pegou um moletom de um, coisas assim. **E aqui realmente a gente tem desde o cara mais da periferia à pessoa que tem mais dinheiro: a gente tem negro, branco,***

*todas as raças praticamente estão aqui no Julinho; a gente tem toda essa diversidade. E eu acho que o Julinho consegue ter essa convivência entre todos esses grupos porque ele já tem realmente essa tradição de ser um colégio que sempre lutou pela liberdade de expressão, respeito à liberdade individual, então as pessoas um pouco mais se respeitam. E muita gente acha, que por ter 5000 alunos, por ser muita gente de periferia no centro da cidade, as pessoas acham que o Julinho é um problema; na verdade, acho que o Julinho é o exemplo de uma solução de convivência dentro da escola. Isso, muitas vezes a gente não tem, inclusive, na periferia, e lá todo mundo é da periferia e muitas vezes não têm respeito entre eles; e aqui no Julinho a gente tem desde a pessoa que tem dinheiro às pessoas que não tem dinheiro nenhum e todos conseguem conviver normalmente, **então é quase uma magia** [risos]. A pessoa entra no Julinho e tem uma certa relação incrível, e é legal de ver, por exemplo, uma pessoa que tem dinheiro ter como melhor amigo uma pessoa pobre, e isto tu consegue ver aqui dentro do colégio, esta relação entre as classes, digamos assim; então eu acho que na verdade o Julinho é muito combatido pela questão da imprensa. O Julinho tem um livro que fala da visão da imprensa sobre o Julinho na época de 68<sup>11</sup>, então **aí tu vê que a imprensa sempre bateu muito no Julinho, e eu sempre falo que na verdade a imprensa bate porque há necessidade de bater, porque é um colégio que é crítico, é um colégio que é uma referência, está sempre organizando manifestações, e na verdade eles têm que passar esta imagem para a sociedade de que é um colégio que só tem drogado, que o Julinho só tem delinquentes, esses negócios. Fala de drogas, eles vêm pra cá; fala de violência, eles vêm pra cá; fala de sexo, eles vão para o Anchieta. Então parece que o Julinho é um presídio grande de jovens, não é uma escola onde tem pessoas normais, em que, inclusive, as experiências de vida das pessoas aqui são mais interessantes que as experiências de vida de um colégio particular; porque as pessoas aqui dão um salto muito grande na vida delas. Elas chegam aqui, até mesmo a questão do uso de drogas, algumas pessoas já chegaram aqui no Julinho, experimentaram, e falaram, eu não quero isso e continuam não usando. Agora tem pessoas que usam e querem, mas porque a droga não é um problema do***

---

<sup>11</sup> Alexandre refere-se ao livro *O Julinho sempre foi notícia*, organizado por COPSTEIN, Cora Schilling; SILVA, Mariana I. de Lima e; SCHÄFFER, Neiva Otero. Porto Alegre: Colégio Estadual Júlio de Castilhos, Núcleo de Integração Universidade & Escola, 2001, que consta nas referências.

*Julinho é um problema da sociedade. Então o Julinho é um universo muito grande, cheio de questões a sinalizar – é uma escola interessante, assim, de se pensar, é um ambiente bem complexo; e é por isso, também, que o Julinho acaba sendo um alvo para muitos governos, muitos já tentaram acabar com ele: na época do Britto, ele tentou vender o Julinho, inclusive o grêmio naquela época por ter essa luta, esta pauta bem visível, assim, eles mobilizaram muita gente. E uma coisa que eles ainda poderiam fazer, e não fizeram, era um chamado não apenas aos alunos se mobilizarem, mas um chamado a todos os ex-alunos que já passaram por aqui. O Julinho tem nomes, assim, celebridades, que já estudaram aqui e que não querem que isso aqui desapareça, que tem amor ainda pelo colégio; tem toda uma família do Julinho fora do colégio hoje, que é só chamar e ela aparece nos momentos difíceis. É assim, por exemplo, que está se construindo a fundação de ex-alunos do colégio. A finalidade com que está sendo criada essa fundação é de arrecadar grana para financiar projetos do colégio; a gente tem uma colônia de férias e isso vai estar na fundação. Mas eu tenho alguma preocupação também quanto a ela, porque eu não sei qual é o poder de intervenção que a fundação vai ter quando estiver organizada num colégio onde ela vai estar injetando dinheiro dentro.*

*O Joãozinho [o novo diretor eleito] vai ser muito combatido se ele realmente fizer aquilo que ele foi eleito para fazer, que é mudar muita coisa, principalmente a questão pedagógica, inverter as prioridades de investimento aqui no colégio. Hoje o investimento no colégio está voltado para os professores, material, limpeza, esses negócios, e o que nós estamos propondo pro Joãozinho é que ele invista em quê? Em Arte, quem sabe uma oficina de comunicação dentro do colégio junto com o pessoal da Ufrgs, vê se a gente consegue fazer uma parceria pra gente ter alguma coisa mais no Julinho e ter opção para os alunos começarem a se localizar melhor. A questão da Arte é muito importante, o Julinho já tem uma tradição política, falta só a gente fortalecer a questão artística: inverter a prioridade de investimentos, investir mais na capacidade de elaboração dos alunos, digamos assim. Até mesmo porque o Julinho, inclusive na época de ditadura, sempre teve seus jornaizinhos dentro do colégio. O Julinho é enorme, então é muito importante resolver o problema de comunicação aqui dentro, porque as coisas acontecem e nem todo mundo fica sabendo; a gente tem um projeto de sistema interno de som aqui, então a gente tem que pensar em investir neste tipo de coisa, trazer Internet, de fato, para os alunos; fazer com que o dinheiro seja investido para a maioria. A verba vem para dois setores, um que é investimento e o outro manutenção do colégio: a*



*da manutenção só pode ser gasta para limpeza e esse tipo de coisa, mas tem outro dinheiro, que eu não sei quanto é, que é para investimento. A biblioteca é uma questão super importante, porque além de ela ser pobre, os alunos têm que pagar uma taxa para se associar, e mesmo assim a gente vê que a renovação dos livros é muito pequena; e é impossível que um aluno do colégio em horário de aula não possa chegar lá e pegar um livro sem pagar, a professora tem que pegar; **sem falar que os horários não cobrem todo o tempo: no turno da noite, por exemplo, ela fecha às 9h e as aulas vão até as 11h.** A qualidade de ensino no turno da noite é horrível, até muitos professores falam que como os alunos não querem ter aula – estão cansados coitadinhos, então a gente não dá aula, a gente relaxa, dá um exercício, lê, e vai embora–: então como é que uma pessoa dessas do turno da noite vai estudar e vai pensar em passar no vestibular? Eu acho que o principal desafio do João é mudar a questão pedagógica do colégio, tirar esse pensamento que aula é uma sala de aula fechada entre quatro paredes com quadro e giz; tinha um grupo de professores aqui no colégio que tentou fazer isso, o grupo Capela<sup>12</sup>, e foi combatido aqui pela direita, que a maioria dos professores são, por isso que muita gente ficou apavorada quando Joãozinho ganhou, chegaram até espalhar boatos de que o grêmio iria dirigir o colégio.*

***A direita não quer mudar o sistema pedagógico do colégio, é um setor que não quer mudanças, que pra eles está bom como tá;** eles conseguiram conviver com o Julinho assim, por mais que seja libertário – que as pessoas tenham liberdade para fazer as coisas –, eles conseguem conviver com isso até porque **sabem que isso é do Julinho**, mas mexer com a sala de aula deles, isso que eles não querem, entendeu. Tem professores que tiram alunos da sala por nada, que não querem uma risada na sala de aula, querem que todo mundo fique só olhando: piscou, vai pra rua. A gente fez uma campanha contra os polígrafos e eles ficaram furiosos: – isso é uma afronta, como é que o grêmio faz isso, campanha contra os polígrafos se nós estamos dizendo que tem que ter, quem são eles para dizer que não tem que ter –; aí a gente pegava a questão de que muitos alunos não têm dinheiro para isso, principalmente no turno da noite; que os polígrafos, eles têm que indicar, mas tem que ter uma alternativa pra que os alunos que não tem dinheiro também tenham aquilo que tem no polígrafo, porque se não eles acabam não tendo a matéria. Aí muitos alunos começaram a não comprar os polígrafos, justamente daqueles professores mais chatos e conservadores, e aí eles, indignados, mandavam os alunos para a rua; **só que nós íamos na vice-direção e botava eles para dentro de novo**, daí eles viram que esse poder deles estava*

12

A experiência do grupo Capela será detalhada no próximo tópico.

*sendo afrontado. Por isso muitas vezes eles faziam uma propaganda de que se o Joãozinho ganhasse, o grêmio é que ia mandar; nós fomos os primeiros a dar apoio para ele, a gente disse: – João, chegou tua hora, é tua vez –; então, eles sabendo de tudo isso ficam indignados. Então, este espaço deles é que eles não querem perder, o conservadorismo deles é que eles querem manter; **por mais que seja uma direita que já está acostumada a viver num ambiente de esquerda**; porque, aqui, por mais que eles queiram barrar, por exemplo, uma greve, não tem como barrar, porque é um fiasco o Julinho não estar numa greve, é fiasco o Julinho furar uma paralisação; eles sabem disso, então eles sempre aprovam, não tem como não aprovar; e se eles não aprovassem, **aqui a direção vai lá e fala: é paralisação**. A Marly [a diretora atual] fez isso uma vez aqui num momento de crise quanto à paralisação. **Então existe um confronto pedagógico, e esse é o confronto que a gente quer que o João banque: a maioria quer mudar, a minoria quer manter**. Tem um setor de professores que a gente tem muito mais relação, muito mais diálogo, que são novos, que entraram nos últimos anos e que querem mudar realmente. Então o Joãozinho tem condições de estar mudando algumas coisas. **É claro que, entre os professores, a direita ainda ganha, aqueles que ficam no discurso nostálgico do retorno ao padrão de excelência juliano. Ainda não teve uma direção firme para fazer valer o projeto político e pedagógico da escola que é muito bom, tem coisas excelentes, só que é só um papel, porque não é aplicado. E não é aplicado por quê? Porque os professores não aplicam; e por quê não aplicam? Porque eles não concordam com aquilo, mesmo que a comunidade escolar tenha aprovado. É a mesma disputa que está tendo agora no governo do estado, o governo não tá aplicando a constituinte escolar que foi aprovada com a comunidade escolar; e eles não querem aplicar porque tem coisas de esquerda, tem coisas que mudam toda a visão da relação professor/aluno, escola/sociedade. A escola passa de ser uma escola fechada para ser uma escola que se integra à comunidade e então isso é uma coisa que a direita não quer, **porque a escola, querendo ou não, é um centro de pessoas que estão pensando constantemente, e o Julinho pensa sempre um pouquinho mais além**.***

A transcrição desses longos trechos do depoimento de Alexandre encerra a apresentação dos personagens cujas palavras me possibilitaram reconhecer no Julinho um espaço público enquanto viabilizador de novas fundações subjetivas. Esta fala de Alexandre ocupou toda esta extensão por me parecer emblemática da singularidade da manifestação do

pensamento crítico favorecida pelo ingresso nesta escola. Muitos dos temas que levantou serão retomados no próximo tópico. Por isso, quero pontuar aqui sua capacidade de análise da situação, não só da sua escola quanto da sociedade em que vivemos, que esclarece o lugar de liderança-mor que Alexandre ocupava entre os estudantes, no momento da pesquisa. A sua personalidade parece conseguir fazer aquela rara combinação entre serenidade e contundência, de quem sabe escutar e ponderar suas impressões – que fala pouco, mas quando toma a palavra o faz com tal segurança e pertinência que produz um profundo respeito em quem o ouve. Alexandre mora com seus pais: a mãe é dona-de-casa e o pai funcionário público. Como ele diz, a entrada no Julinho e o encontro com uma tradição que preza a liberdade de expressão foi o que lhe abriu a porta para que *evoluisse cem por cento*. Em sua fala, a escola é descrita em sua complexidade e em seu agonismo, demonstrando que é no tensionamento entre diferentes posições que a liberdade toma seu sentido maior e apresenta brechas para novos sujeitos se revelarem. Esta liberdade para o embate, que percebi perpassando as relações estabelecidas na escola, foi o que me autorizou a propô-la como um espaço público na acepção original da expressão.

Tenho consciência de que vários níveis de interpretação podem ser propostos, frente à multiplicidade de elementos que emergiram desses relatos. Meus comentários apontaram aqueles que me pareceram melhor sustentar o diálogo com as questões que têm me ocupado nesta dissertação. Quero me deter agora nas considerações de caráter mais amplo promovidas por esta escuta. Inicialmente, gostaria de ressaltar a riqueza das construções narrativas que acompanhamos, tanto no que diz respeito à sustentação discursiva dos argumentos desenvolvidos, quanto pelo entrelaçamento indissociável do individual com o coletivo, que as configura, em meu entender, como *narrativas*, também naquele sentido apontado por Arendt e Benjamin, em que traços singulares imprimem-se – revelando um *quem* – num mundo comum. Um mundo que tem uma história que antecede estes jovens sujeitos, que, contudo, a valorizam exatamente porque esta lhes transmite a possibilidade de renovação,

indicando que não é no seu sentido nostálgico que estão fixados – e que não lhes deixaria espaço para suas próprias intervenções. Ao contrário, sentem-se convidados por essa história para nela deixarem seu registro, suas marcas pessoais, em atos de construção de um espaço público onde a liberdade de *se mostrarem* está garantida pela presença da diversidade dos grupos que o compõem. Por surpreendente que seja, o Julinho – enquanto campo histórico, *obra humana* tecida com fios do simbólico, imaginário e real – sobrepõe-se aos efeitos normatizadores que toda a instituição educativa carrega, por definição, dobrando-os, por assim dizer com Deleuze, com a força da paixão. Expõe a instituição em sua face civilizatória, que, ao exercer interdições dos excessos pulsionais, zela pelo bem comum.

A liberdade que entendo aqui colocada em questão é a liberdade para o vir-a-ser, não é a liberdade de fazer qualquer coisa em qualquer momento: mesmo quando os estudantes escutados se expressam nestes termos, acabam por reformular a sentença para propô-la em estreita relação com a responsabilidade. *O Julinho oferece a liberdade, mas cada um deve descobrir o que fazer com ela.* Situa-se aí a questão do tempo, dos prazos – apontados por Chesneaux – necessários para a maturação de uma situação. Neste ponto, devo apontar a dissonância entre as expectativas da instituição educativa – de não reprovar, por exemplo – e o tempo subjetivo de que os jovens precisam para construir suas possibilidades de travessia. Chamou-me atenção – e não apenas nestes depoimentos, mas de forma bastante generalizada entre os estudantes – que esta experiência de três anos no Julinho, ou não é suportada, ou é insuficiente, em face de toda a riqueza que eles percebem que ela pode lhes proporcionar. Por isso, rodar de ano não é um fato incomum, pois permite aos alunos prolongarem sua permanência neste espaço que lhes garante a oportunidade de usufruírem a liberdade de se construírem enquanto constroem o próprio espaço coletivo do agir: afinal, *agir sozinho é bem difícil, né?* Podemos dizer que estão errados? Não será este um interrogante da estrutura educacional e social em que estão inseridos? Que outros espaços com estas características são oferecidos

aos jovens durante seu período de desenvolvimento? Os *shopping centers*? Sem dúvida, um desafio institucional de grande magnitude está colocado para o Julinho<sup>13</sup>.

Na minha percepção, as experiências juvenis, neste contexto delineado, configuram-se em dois enquadres e merecem análises distintas, já que ambas se relacionam ao político, mas de forma diferente. A primeira, de caráter mais geral, é tributária deste efeito institucional civilizatório apontado anteriormente e envolve toda comunidade escolar, garantindo o acentuado respeito às diferenças que todos os relatos referem – e que são facilmente observáveis quando entramos nesse espaço –, responsável por esta *magia* tantas vezes apontada: o simples fato de se fazer parte de um espaço público que historicamente está referido à liberdade e ao reconhecimento social parece assegurar o direito a um lugar próprio que se reflete no campo coletivo. Esse amor à escola justifica ainda a proliferação dos testemunhos, registrados nos três livros de memórias a que tivemos acesso, em que centenas de ex-alunos prestam seu tributo ao Julinho pelos desdobramentos que se produziram em suas vidas, nos mais variados âmbitos, mas sempre acentuando seu valor de passe para uma condição existencial superior.

Contudo, os efeitos emanados do caráter público deste espaço constituído pela força da sua história não me parecem ter o vigor necessário para destituir a potência dos imperativos da lógica dominante em nossa sociedade, pois – segundo os relatos e minha própria observação – a influência da mídia e seus ideais de consumo é ainda o que rege a pauta de condutas e alimenta os sonhos da grande maioria dos estudantes, mesmo nesta singular escola pública. Estes efeitos só manifestam todo seu vigor quando a ação política – o agir – é conjuntamente exercida, renovando-se no presente a experiência com a alteridade, que garante a liberdade de se iniciar algo novo. Esta é a

---

<sup>13</sup> Esse ponto será aprofundado no próximo tópico.

fronteira que proponho para o estabelecimento da diferenciação entre os dois enquadres citados, que, contudo deve ser considerada em uma condição de labilidade, posto que não podemos esquecer a potência de sensibilização aportada pela via da cultura, que está sempre em movimento. O que me parece fundamental enfatizar é a *atitude política* do engajar-se coletivamente para construir *obras humanas* que resgatem nossa sensibilidade – através das mais diversas inspirações e linguagens – pois não penso a dimensão política restrita a uma ação específica. E se, no primeiro recorte, já constatamos os efeitos positivos da pertença a um espaço público no que tange à passagem adolescente, as experiências compartilhadas em âmbito político – neste largo sentido apontado – permitem, em meu entender, a sua potencialização. As expressões utilizadas para enunciá-las: *salto, mudança, porta que se abre, libertação do pensamento, encontro com o que eu realmente sou*, e outras do mesmo teor, apontam para uma inequívoca *experiência de passagem* entre diferentes condições. É interessante observarmos que os achados da pesquisa de Janice Tirelli Ponte de Souza (1999), que investigou a participação política de jovens em movimentos sociais nos anos 90, também apontam na mesma direção:

*o engajamento em um grupo organizado mudou e tem mudado a vida desses jovens militantes. A discussão dos problemas sociais e o partilhar de seus próprios problemas são educativos, e direcionam referências no coletivo (...) O grupo se torna então formador do interesse pela vida social, de valores éticos, da necessidade de intervir nos fatos, da consciência crítica diante da vida. A convivência transforma o indivíduo e o próprio grupo, desloca o indivíduo de si próprio e o transporta para o universo do outro (p. 161-162).*

O que constato, pela minha experiência com este grupo, é que a revelação de um *quem* – atributo do espaço público do agir político, como visto anteriormente –, recorrentemente sublinhada pelos jovens através de expressões que indicam que *aqui, com outros, posso mostrar quem realmente sou e assim demarcar minhas fronteiras*, tem conseqüências decisivas para a operação adolescente, e merecem ser destacadas, por contribuírem para a desmistificação dessa noção em seu sentido identitário, que tanto dano traz à compreensão do que está em

jogo nesse período: *a necessidade de fundações subjetivas de novos lugares*. Se não estou afirmando que o espaço público, por si só, garante o êxito dessa operação, visto que para se fundarem novos lugares, lugares anteriores devem estar já constituídos, o que implica vicissitudes de toda ordem, ousou afirmar, contudo, que *o caráter público – em seu pleno sentido político – de um espaço para a ação compartilhada é uma das condições fundamentais para a passagem adolescente*, e, ainda, que isso tem conseqüências políticas não negligenciáveis, *se não quisermos reproduzir uma juventude infantilizada e reificada em posição de mercadoria*. E, se a participação política deve ser distinguida da militância, enquanto modo de vida e posição identitária que recusa o acontecimento e a experiência, conforme Figueiredo (1995) nos possibilita compreender, o que percebo no discurso desses jovens é uma experimentação de lugares, própria, aliás, do percurso adolescente que eles trilham. Embora o risco de resvalar para o conforto das identidades já asseguradas esteja constantemente presente para quem se aventura pelos caminhos marginais da contestação às prescrições da ordem dominante, acho notável o trabalho de reposicionamento que estes jovens empreendem para preservar sua capacidade de pensar frente aos acontecimentos com que se deparam. A análise que fazem do governo Lula, por exemplo, já introduzida aqui por Alexandre – e que será retomada por quase todos os estudantes nas falas selecionadas para o tópico seguinte – parece-me ilustrativa deste esforço em não se deixar cooptar por pré-julgamentos.

Como apontado em outro momento, a reinvenção de si mesmo e do Outro é uma exigência deste processo do adolescer, que induz à busca, na história, por elementos que possibilitem lhes dar consistência com novos valores de referência. E é porque o Julinho vem a se constituir num potente referencial que nossos julianos ficam tão incomodados – como todos os depoimentos registram – com a imagem depreciada que a escola tem atualmente na sociedade, veiculada por uma mídia que constrói uma representação social – em cima de fatos descontextualizados – que não se confirma quando conhecemos a escola

de fato. Como se percebe, eles não têm dúvidas das razões para esta detração, na sua interpretação de que uma imprensa comprometida com os interesses das classes dominantes só pode mesmo usar sua poderosa influência para denegrir uma instituição pautada por valores que se opõem frontalmente aos ideais da ordem vigente. Como verbalizou Alexandre:

*a imprensa bate porque há necessidade de bater, porque é um colégio que é crítico, é um colégio que é uma referência, está sempre organizando manifestações, e na verdade eles têm que passar esta imagem para a sociedade de que é um colégio que só tem drogado, que o Julinho só tem delinqüentes. Fala de drogas, eles vêm pra cá; fala de violência, eles vêm pra cá; fala de sexo, eles vão pro Anchieta (!).*

Esta interpretação assume toda a sua relevância quando lembramos que a imprensa pode facilmente se valer de técnicas de redação que transformam problemas estruturais da sociedade em fatos isolados e desenraizados, que se repetem constantemente. Walter Benjamin (1980) apontava como objetivo da imprensa

*excluir rigorosamente os acontecimentos do contexto em que poderiam afetar a experiência do leitor. Os princípios da informação jornalística (novidade, brevidade, inteligibilidade, e sobretudo, falta de qualquer conexão entre uma notícia e outra) contribuem para este resultado tanto quanto a diagramação e a forma lingüística (p.31).*

A recusa desta imagem denegrída para o Julinho, como escola *violenta*, de *drogados*, de *marginais*, um *presídio de jovens* – como ela retorna para os estudantes –, não significa que eles não saibam apontar os problemas de sua escola e não reflitam sobre suas soluções: demonstram saber muito bem o que querem mudar e contra o quê devem lutar para atingir seus objetivos. Isso ficará ainda mais claro somando-se os depoimentos transcritos no próximo tópico.

O fato de tratarmos aqui de experiências juvenis, em sua capacidade de ação política, que não abarcam a totalidade da juventude, representando mesmo uma parte ínfima desta, não desqualifica, em meu entender, a reflexão que nos possibilitam. Muito pelo contrário, por



serem experiências forjadas por uma série de improbabilidades efetivadas – que vão da mera possibilidade da existência, nos dias de hoje, de uma escola como o Julinho, ao fato de que alguns jovens possam resistir ativamente, subvertendo a tendência hegemônica de um modo de subjetivação que se mostra implacável, na sua voracidade de, a todos, submeter – demonstram a profunda verdade contida naquelas palavras já citadas de Hannah Arendt (2002) de que *os homens, enquanto puderem agir, são aptos a realizar o improvável e o imprevisível, e que realizam-no continuamente, quer saibam disso, quer não* (p.122).

Talvez por essa razão, enquanto eu escutava a série de depoimentos arrolados e aqueles que apresentarei a seguir, algumas perguntas retornavam sempre à minha mente: quem seriam estes jovens, se não encontrassem um espaço como o Julinho para reformular sua visão de mundo e canalizar seus anseios de transformação do social? O quanto se rouba da juventude quando nossas engrenagens sociais impedem que se exercitem na construção de um espaço público? O quanto perde a sociedade como um todo, quando se aborta esse processo? Compartilhar essas indagações que se materializam como encruzilhadas no devir de cada ser humano em transição adolescente talvez se constitua mesmo no maior propósito do meu escrito.

#### **4.2. Bricolagem: esboços julianos sobre vários temas**

Embora o foco desta dissertação esteja centrado nos efeitos das experiências em espaço público no que concernem à travessia adolescente, o material que emergiu na investigação permite também a apresentação da *compreensão* que os integrantes do grêmio estudantil do Julinho têm tido das questões sociais a que estão referidos. Acredito que dar visibilidade ao pensamento juvenil sobre temas como *juventude, educação, movimento estudantil e política*, vem a contribuir com nosso estudo em pelo menos três aspectos: primeiro, porque tais temas continuam a enriquecer nosso entendimento quanto ao estabelecimento das fronteiras que fazem marco na passagem adolescente desses jovens;

segundo, porque dão relevância às suas preocupações sociais, permitindo-nos perceber o jovem enquanto elo de compreensão entre as gerações; e, em terceiro, porque renovam nosso olhar quanto às questões que põem em pauta, acentuando o interesse e a pertinência desses temas, que nos ajudam a discernir os embates que estão em jogo no campo político em que atuam.

A *compreensão* é entendida por Hannah Arendt (2002) como o que processa uma atividade interminável, que começa em nosso nascimento e só termina com a morte, alavancada pela necessidade de constantemente termos que nos reconciliar com o mundo, já que nascemos e permanecemos nele como estranhos, por nossa inconfundível singularidade. Para esta pensadora, a compreensão, distinguindo-se da informação correta ou do conhecimento científico, é o que se opõe à *doutrinação* – cujo perigo reside justamente por nascer de uma deturpação da compreensão e não do conhecimento.

A compreensão, assim definida, é uma das condições da ação política, que, como vimos, acompanha as pessoas desde os primórdios de sua vida coletiva. Para Ponte de Sousa (1999),

*A política entendida como meio de formação, de possibilidade de preservação da memória histórica e de negação do esquecimento social que tomou conta da sociedade moderna, distancia-nos de uma visão naturalista de juventude como portadora de uma essência. Ela nos aproxima da idéia de que o poder do jovem está na capacidade de potencializar sua condição provisória (p.28).*

Compartilho também da proposição desta pesquisadora de que o jovem deve ser pensado

*como um elo necessário do presente com o passado, porque transita de um tempo para o outro e porque assimila um conteúdo atribuído pelo tempo e lugar que na história pode ou não permanecer como transformador [...] [e que] seu conceito deve ser formulado dentro de uma concepção de que o tempo incorpora e atribui propriedades aos jovens que são, ora mais, ora menos, elementos mediadores de um processo civilizatório contraditório e conflitivo (p.25).*

Por esta condição de transição, a posição do jovem frente ao instituído é de relativa autonomia, implicando atos de ruptura – interpretativos do social, eu diria – que penderão, ou para uma postura crítica, ou para a engrenagem da repetição no sintoma.

É nesse sentido que queremos introduzir as contribuições dos julianos, que foram aqui organizadas nos temas citados, e que tomam sua relevância nos depoimentos transcritos, que se apresentam a seguir.

#### **4.2.1. A juventude e a ditadura da futilidade na sociedade Mcdonalds**

Bia, 17, 2º ano:

*Com certeza a juventude tem um grande papel na sociedade porque a juventude é o futuro do país, os trabalhadores de amanhã são os jovens de hoje. Mas, pra que ela possa cumprir esta expectativa, **os adultos de hoje tem que ajudar a juventude a tomar o seu rumo**, até porque, bom sempre aconteceu isso aí a vida inteira, **todo mundo quando é jovem tem aquele período de transição, não sabe muito bem o que quer da vida**. E a sociedade inteira tem que estar interagindo pra colocar esses jovens no verdadeiro papel que eles têm, né, de estar construindo o país. E aí entra, por exemplo, uma coisa que eu acho, que a juventude não se preocupa quase nada hoje em dia – e que devia se preocupar –, que é o papel político da sociedade né, porque é uma coisa super importante, **a política decide tudo, né. E eu acho que ainda está muito alienada a juventude**, sabe, podia se interessar um pouco mais, não só por política, mas por tudo que envolve a sociedade; que muitos jovens, eles não querem saber de – sei lá – política, de economia, essas coisas: só querem saber de festa. Claro não são todos né, mas tem uma grande maioria que, se estivessem voltados para a conscientização, eles poderiam estar construindo mais pra futuramente a gente ter alguma coisa melhor do que o estado que hoje em dia gente está. **Mas acho que é a sociedade que causa a alienação**, porque não tem nenhuma influência para estar te conscientizando: **o que tu vê na televisão? Tu vê alguma propaganda sobre conscientização ou coisa parecida? Não, tu só vê sobre consumo, carros, o tênis da hora, só isso, né, a própria sociedade que impõe isso, né; e na verdade, o que a burguesia quer é isso mesmo, que os jovens fiquem alienados para que eles possam fazer o que querem com eles futuramente, quando eles vão ser trabalhadores. E é contra isso que nós os estudantes, que nem do grêmio, o pessoal assim, lutam: contra essa alienação. **Aqui no Julinho é diferente dos outros colégios,*****

*porque a gente tem até o grêmio, a própria direção vai auxiliar para estar conscientização do pessoal, mas tem colégios que são terríveis. Quer ver, a gente tava tirando delegados para o congresso da União Brasileira dos Estudantes, que foi em novembro, e eu cheguei num colégio e a gente mostrou as nossas propostas para o congresso e tinha uma proposta sobre lutar pela conscientização da Alca, aí a guria que estava conversando comigo perguntou: tá, mas o quê que é a Alca? Uma guria na oitava série! E nesse ponto que eu queria chegar, né, no ponto da alienação. **A pessoa não sabe o que está acontecendo no mundo, ou no seu país, e não tem muito como saber, né, a maior parte das influências que ela tem é para cada vez estar se alienando mais.** Aqui no Julinho, eu diria que uns cinquenta por cento do pessoal é consciente, até mais, por exemplo, nas eleições, vota consciente. **Só que muita gente se deixa levar por imagem, por exemplo, vou votar naquele cara porque ele é bonitinho, acontece muito isso, é terrível, né?** Até na eleição no grêmio estudantil, aqui no Julinho, aconteceu isso: o pessoal da chapa 2 veio com o desenhinho do Bob Esponja e muita gente votou por causa do Bob Esponja! **Esse é o problema, as pessoas não pensam: vou votar em quem vai fazer a melhor gestão, no que vai construir; não, eles não pensam nisso, eles pensam: vou votar porque tem um adesivo bonitinho, porque tem um panfleto legal, colorido;** muita gente pensa assim. Eu convivo mais com o pessoal da tarde e da noite, mas meus colegas dizem que é terrível de poder convencer o pessoal da manhã – que é o pessoal mais novo – com argumentos políticos, a votar em alguma coisa: se prometer uma cancha de esportes, eles votam, mas se prometer uma campanha pelo passe livre, eles não votam, eles não vão estar nem aí para essas coisas. De tarde é um pessoal que quer se conscientizar, que gosta um pouco de política, um pessoal assim que tem pai e mãe pobre, trabalhadores, essas coisas, e no turno da noite são os próprios trabalhadores que estudam.*

Leonardo, 15, 1ºano:

*Eu vejo, bá, eu vejo, em geral, **uma juventude alienada**, acho que muito influenciada por vários fatores, que são medíocres pra dar a opinião deles, porque, no caso, **estão sendo influenciado pela mídia, ou mesmo pelos mais velhos, por qualquer coisa, mas não tão, no caso, pensando, refletindo.** Eu acho que isso é o que faz a nossa juventude **tão morna assim.** Fora do Julinho eu vejo poucos jovens fazendo isso, mais em universidades eu acho, e **ainda assim o pessoal universitário não se mobiliza, né;** em colégios particularmente eu não vejo, só em alguns grêmios estudantis, mas nas escolas, como um todo, não vejo. **O principal é estar***

*vendo o mundo com olhos críticos, sei lá, eu vejo que toda geração tem isso, mas eu vejo também que as gerações que já passaram, não que se venderam, mas descansaram. Então, eu vejo que o trabalho pra nossa geração é estar sempre lutando, porque, sei lá, eu vejo muita coisa, por exemplo, eu particularmente sempre fui petista, mas eu vejo o PT hoje em dia como um partido nojento, porque se vendeu, porque seus princípios pra tá construindo algo teve um rumo totalmente diferente do que era inicialmente, inicialmente não, até há algum tempo atrás, há um, dois anos atrás. E eu acho que isso foi, digamos, lamentável, muita coisa mudou pra ruim, pra mal; então é mais isso, nossa juventude está lutando pra não se desmobilizar e ainda ter a sua opinião forte, essa é sua tarefa fundamental. Na verdade a juventude hoje em dia não tem espaço, porque já foi rotulada como revoltada, revoltada sem causa, que é uma coisa toda bem ridícula, e também porque ela não se mobiliza o suficiente, e sei lá, sempre é retirado o espaço de quem tem menos voz, e têm todos aqueles que querem tirar algum proveito no caso da juventude, em todos os sentidos. Só que tem uma hora que não dá, né, tem a explosão, e eu acho que foi o que aconteceu na Bahia<sup>14</sup>, por exemplo, os estudantes estavam tão saturados do que tava acontecendo que alguma coisa tinha que ser feita, e pelas mãos deles. Todos que têm alguma visão de lucro, qualquer tipo de lucro, ganhar pessoas pra partidos, por exemplo, ou mesmo tá usufruindo daquela coisa consumistas ou mesmo das experiências da juventude também, já viram que isso vai trazer alguma coisa de benefício e daí, no caso, vai se aproveitar. Por exemplo, aquela coisa de todo adolescente se encontrar no seu estilo, esta coisa vende muito, né? Todos querem se aproveitar da juventude porque a juventude não pensa muito no futuro, então ela é mais consumista, ela quer mais aproveitar o momento. Eu vejo a juventude hoje alienada, mas ainda assim pensa no seu trabalhinho, tem sua visão do dinheiro, então é dessa forma que ela continua andando.*

---

<sup>14</sup> O acontecimento na Bahia que Leonardo se refere, e outros o farão, foi uma grande mobilização estudantil acontecida em agosto de 2003 que reivindicava o passe livre no transporte urbano para os estudantes. O detalhamento deste fato irá sendo esclarecido nos próximos depoimentos.

Manuela, 17, 2ºano:

*A juventude, hoje em dia, acho que oitenta por cento, tá sendo dominada pela mídia: o que aparece na TV é lei, o que esta na moda é lei, o que as grandes marcas, as grandes empresas fazem é lei, e eles acham tudo bonitinho todo mundo andar de amarelo, vermelho e verde limão. - Ah, tá na moda, é legal usar aquilo ali, aquela guria usa, eu vou usar também -, **estão meio alienados, escravos da propaganda, da publicidade, da grande mídia em geral. Os poucos que escapam são jovens vinculados com um trabalho mais social**, em partidos políticos, em Ongs, em grupos de bairros, em pequenas concentrações, assim, sabe. Eu, por exemplo, não faço parte só do grêmio do Julinho, faço parte de um outro grupo que a gente tá tentando transformar em uma Ong. É o Grupo Ação Periférica do comitê de resistência popular da Restinga, que é o bairro onde eu moro; a gente já tem uma cooperativa que faz alimento pra uma população carente do bairro. O que a gente vê é que, às vezes, tem aquele pessoal que tá ali passando fome, mas conseguindo o que comer tá feliz; mas ali no meio também tem aqueles que querem mudar a situação deles, em invasões, nestas coisas assim, sabe. No comitê a gente tem um grande contato com a população, até pela rádio popular - a rádio comunitária da Restinga - que também faz um trabalho lá. Lutamos um monte pelo Studio Multimeios, que foi prometido há centenas de anos atrás pro bairro, e agora finalmente saiu; não está ainda como queremos, a gente continua lutando, ficou num espaço muito pequeno, de difícil acesso; o certo seria ficar num lugar mais central. Como o distrito industrial da Restinga foi algo que foi feito e não teve muita utilidade - a única coisa que funciona lá é o pessoal que trabalha com a reciclagem - então levaram o estúdio pra lá, e a gente está tentando por numa área mais central do bairro pra que todo mundo tenha acesso. Agora a gente tá tentando formar lá uma Ong pra gente poder buscar o que a gente quer, sabe, pra ter um patrocínio, pra ter meios e fundos pra gente conseguir fazer o que a gente acha necessário. A gente quer pensar um trabalho com as crianças também, porque elas já estão muito dominadas pela televisão; mas ainda tem aquele pessoal que brinca de carrinho de lomba, que é legal de ver. **Acho que estas coisas são importantes pelo menos pros vinte por cento da juventude que eu te falava; pros outros oitenta por cento, ser reconhecido é ser modelo, jogador de futebol, é tu ser ator, atriz, uma celebridade, como estas que saem em revistas como Caras, Contigo, Capricho, que exploram o pessoal, mas não o conteúdo; é a exploração total e geral do superficial**, o carro novo que o jogador de futebol comprou, a casa nova que a atriz está morando. **Isto mostra uma realidade que não é a nossa, não é a da maioria da***

*população. Ai o pessoal só vê o superficial, não vê mais os valores reais, e isso que é o pior. Já aquele pessoal que faz parte dos vinte por cento, **não está nem aí se está com roupa da moda ou não, isso simplesmente não é o mais importante.***

Mariana, 17, 2º ano:

*Bá, hoje em dia é muita alienação; é indignante, porque hoje em dia, em vez do pessoal tá numa reunião participando, se informando, **prefere estar em casa vendo Malhação: a gente fala que a Malhação é o que mais sofre na nossa língua (risos), é que ela é muito alienadinha, da bolsinha nova, da vidinha e do meu namoradinho, essa coisa romântica que distorce a sociedade que a gente tem, e que a mídia impõe para que as pessoas fiquem pensando que a vida é isso e as pessoas fiquem sofrendo por isso, perdendo seu tempo pensando na bolsa de marca, no carrinho novo, ou então alienando as pessoas para que elas fiquem pensando: – ah, eu posso ser que nem aquele ator da televisão. E de repente teu pai não tem grana e o adolescente fica pressionando: – porque eu preciso, porque eu quero –, entende; isso é uma coisa horrível. Isso é assim em todos os lugares, mesmo no Julinho; aqui o grupo mais politizados tá dentro do grêmio estudantil, embora esse ano, com muito empenho, a gente conseguiu trazer muita gente pra dentro do grêmio que não está nem um pouco interessada em política, mas está aqui para ajudar a fazer as festas, e destas uma que outra vai se interessar por política. E se isso é uma minoria mesmo dentro do Julinho é por causa da sociedade que a gente tem hoje e que produz uma juventude alienada, que quer o que está na TV e rale-se o que está acontecendo – se tem tanto pobre azar, a minha mãe tem dinheiro para me dar um tênis de marca –; ou então quer estudar para competir, para ter o salário, não pensa nos pobres e miseráveis. São poucos os que botam a sua vida para a transformação, o que não é uma coisa muito fácil de ser: é por isso que **hoje todos os militantes estão em crise.*****

Júlio, 20, 3º ano:

*Hoje eu acho que tem uma luta social e acho que a maioria da juventude não tem essa consciência de que tem que lutar por uma melhoria, por uma distribuição melhor de renda, por uma educação de qualidade que realmente forme agentes históricos. **Uma das lutas da juventude tem que ser pelo acesso à cultura, acesso à educação, que dizer, a gente vive no mundo globalizado onde as coisas parecem estar muito a teu alcance, mas ao mesmo tempo estão longe** – tipo Internet, mesmo, que eu acho que é um meio mais democrático de*

*informação, mas, também, quem não tem dinheiro, não tem esse acesso, e eu acho que essa é uma batalha, tu ter informação. Acho que falta muito mais humanidade, acho que nossa juventude tem que ser menos violenta. Tem toda essa história de violência por nada, **nosso momento está muito violento, acho que as pessoas estão se matando muito cedo, acho que a gente tem que tomar um ‘se fragol’, assim, tomar consciência de que existem outros meios do que andar por aí largando pontapé, dando soco. O problema é que as pessoas são muito individualistas, tá todo mundo muito preocupado consigo mesmo.** Como os mais velhos já têm, assim, um desgaste com a política, de achar que vai sempre trocar as pessoas, mas nada vai mudar, aí os mais novos acabam tendo essa visão também, e aí acabam sendo poucos que se juntam em movimentos que possam promover transformações – e isso não é suficiente para ter uma verdadeira mudança na sociedade, tem mais uma vanguarda assim, mas ainda não é suficiente. **O problema é que a gente tá numa sociedade muito comercial, tudo é ditado pelas regras do mercado, marcas. É uma sociedade muito McDonalds, muito Capricho – é um nível de futilidade incrível, acho que acaba tendo mais força do que a ditadura teve. A juventude hoje só quer saber de festa, claro que festa é legal, mas não dá para viver só de festa e esquecer que tem um monte de gente morrendo de fome.***

Alexandre, 18, 2ºano:

*Quando falo também que **o Julinho não é uma ilha** – como na questão da droga, que é de toda a sociedade – o Julinho é um reflexo das pessoas também, elas entendem que o Julinho é um ambiente que tem gente que faz política e é um colégio crítico, mas **os estudantes do colégio também não querem se envolver nisso porque está afastado deles, que é que nem a sociedade.** As pessoas falam: - ah, política não presta; elas não se colocam também como agentes construtores da política. Então as pessoas querem ter um grêmio bom, um grêmio político, que faz bons negócios, que faça festa, agora também eles não querem construir isto, **esta ligação entre a pessoa querer fazer, achar que tem que ser feito e construir é que está faltando aqui;** mas isso uma coisa também da sociedade. **É que nem as pessoas cobrarem que o Lula faça alguma coisa, mas também ficam em casa, não são capazes de ir para a rua, não são nem capazes de participar de uma reunião para ver como se organizar para cobrar do Lula.** Porque tem toda a questão política de confronto de interesses que a gente tem que tá fazendo, tem que tá empurrando o governo para a esquerda.*



*Aqui no Julinho é a mesma coisa, as pessoas criticam, falam, querem que façam mais, mas não ajudam, estão paradas; mas entendem que o Julinho é um colégio que tem uma tradição, que é um colégio político, não ficam bravos quando tem uma passeata, quando interrompemos a aula; vão, inclusive, pras passeatas. Agora é um reflexo da sociedade, as pessoas querem as coisas, mas também não querem construir elas; não conseguem ver a importância de pelo menos estar participando, de dar uma idéia, ou até mesmo construindo um ambiente melhor na sua própria sala. **As pessoas se abstem muito até nas questões simples que acontecem em sala de aula, então este é o principal problema.** Como o Julinho é enorme, a gente tenta pegar as pessoas mais interessadas, que são as pessoas que chegam no grêmio, as pessoas que a gente vê que se destacam quando a gente passa nas salas de aula, que dizem: – ah, é isso aí, tem que cobrar, tem que fazer, vamos lá. Ai a gente conversa com as pessoas: – é vamos para o grêmio, aí algumas vão, mas a maioria acha que não tempo pra isso, então a gente convida pra pelo menos participar de uma reunião – pra não perder a pessoa, né. A gente tem líderes de turmas que muitas vezes não participam das coisas, eles compõe o conselho de estudantes e o grêmio faz reuniões com eles de 15 em 15 dias, para discutir as coisas do colégio, as coisas do grêmio, e muitos deles não vão. **Então acaba sendo um espaço menos rico do que poderia, também porque as pessoas pensam, mas não falam, e aí o grêmio fica falando, uma minoria dá sua posição e o resto fica só observando; é bem difícil: sinceramente, a gente não conseguiu elaborar uma fórmula de conseguir integrar mais, trazer as pessoas para falarem mais. A nossa esperança é esse ano com o João, antigamente era só o grêmio tentando mobilizar as pessoas, agora a gente quer que a direção tenha esse papel também. Na verdade, é o que eu falei pro João, e que acho que ele até mesmo concorda: o Julinho tem que começar a ser um padrão, mas um padrão de uma nova escola; como o Julinho é uma vitrine no estado se o Julinho tiver inovações aqui de método de ensino, se estiver dando certo e a gente estiver conseguindo combater a repetência, tiver conseguindo combater a evasão, esses negócios, a gente vai conseguir mostrar uma resistência dentro de um novo método de ensino, dentro de um sistema que o governo do estado não quer aplicar, entendeu; o Julinho sendo um exemplo, que aquilo que foi aprovado pela comunidade escolar, em 99, tem como se concretizar na prática, que é a questão da constituinte escolar, e também avançar na constituinte. (pergunto quais as prioridades da constituinte escolar) Ela é bem filosófica, eu diria, a questão de uma escola aberta para a comunidade, tem vários princípios, qual o papel da escola, que é um papel***

*crítico de criar cidadãos críticos, a coisa é completamente diferente da orientação do governo. Até naquela época que teve as cartilhas que o MST levava para escola, aquilo ali foi o maior auê na imprensa, né? Ô, o MST está doutrinando os estudantes, não sei o que, sendo que na verdade **se mostra um fato, um movimento que existe no país e que na verdade é o movimento mais forte de trabalhadores, que é o MST, por mais que é revolucionário ou não é** – que na verdade não é revolucionário, na verdade ele quer a reforma agrária, uma reforma apenas, não quer um Brasil socialista; por mais que a base queira mas a direção não quer. E então a gente tem que estar trazendo os assuntos da sociedade, mudar um pouco aquela coisa de Matemática, Física, e construir o cidadão para a sociedade, para encarar, sair da escola e saber como agir; não sair da escola, olhar um mendigo e falar: qual é a equação que eu resolvo isso; não existe a equação, existe conseguir pensar uma concepção de sociedade que não está dando certo e que a gente tem que mudar. É nisso que se pauta a constituinte e é isso que a gente acha que o Julinho tem que ser, uma referência. Não sei se exatamente o João vai conseguir ter peito para encarar isso, e não sei também se essa aceleração da fundação não é um reflexo de tentar barrar um pouco isso. Porque o João sempre teve a marca de ser um anarquista, na verdade ele não é um anarquista, mas tem essa marca, ficava todo mundo: – ah, eu não vou votar no João; votaram, agora vamos ver.*

Como o tema da juventude entrelaça-se indissociavelmente ao tema da educação, este último trecho da fala de Alexandre acabou por encaminhar o próximo assunto em pauta. Mas recuperemos, antes, alguns assinalamentos feitos à juventude por seus próprios expoentes. Em primeiro lugar, chama atenção a sintonia de suas análises com a construção teórica que efetuamos sobre o vetor capitalístico dos modos hegemônicos de subjetivação na contemporaneidade e sobre a apropriação da mídia na construção de um modelo de juventude: acredito que este não-intencional acordo mútuo atesta valor de verdade ao que ambas testemunham e revelam em linguagens diferentes. Estes jovens percebem que a autoridade emana hoje da mídia e do capital, e ainda a centralidade que a posição da juventude ocupa neste arranjo de forças. A potência formativa de um seriado como *Malhação*, no ar há nove anos pela TV Globo, não lhes é despercebida. A apatia social e o amornamento de uma juventude que se deixa levar por imagens são

relacionados à estrutura da sociedade; as pessoas reclamam por mudanças, mas não se dispõem a batalhar por elas. Por isso, para eles, vivemos a ditadura da futilidade, produtora de individualismo e violência. Os adultos parecem-lhes que *descansaram*, deixaram de ver o mundo com *olhos críticos* e estão tão preocupados consigo mesmos que se abstêm do necessário confronto político de interesses, que deve ser constantemente feito; contudo não deixam de ser convocados para exercerem o papel que, para estes jovens, lhes cabe: ajudar a juventude a encontrar seu rumo para construir o futuro do país.

#### 4.2.2. *A educação e a sala de aula: quem tem medo de rupturas?*

Renata, 18, 2º ano:

*O motivo principal da nossa evasão é a questão da sala de aula digamos que assim, não é a escola, que aqui o Julinho é uma escola que tem o espaço mais aberto. **Acho que a questão é que a sala de aula não tem um atrativo pros alunos, o principal é isso; outra coisa é que eu acho é que tem uma resistência muito grande de alguns professores aqui do Julinho – que aqui tem professores bem de esquerda e tem professores bem conservadores – então tem alguns professores aqui que têm uma puta resistência de querer modificar toda a questão pedagógica do Julinho. Acho que este discurso com que o João ganhou a eleição pra diretor é tudo o que o pessoal que tem a mente mais aberta quer, de fato, pro Julinho: uma escola mais humana, uma escola mais aberta pra cultura, pro lazer, tudo. Acho que a gente tem que estar voltado pra questão pedagógica, no sentido de que o aluno está acostumado a vim pro colégio e se preocupar só com a questão da média: – tenho que tirar tanto –, ele não está nem preocupado em aprender. Aqui, em 2001, teve um projeto, que foi o projeto Capela, em que os professores – digamos que em algumas turmas acontecia o que o Joãozinho tem a intenção de fazer com o Julinho todo – em que os professores tinham um acompanhamento mais direto, assim, os professores conheciam todos os alunos e os alunos conheciam bem todos os professores. Não era aquele contato tão superficial que normalmente ocorre, que é o professor entrar na sala, fazer a chamada, passar a matéria no quadro – alguns professores, a gente não pode dizer que não, saem pra fumar, outros vão dar uma passeada, tomar um café, depois voltam no final do período, pegam os materiais e vão embora. Com o projeto Capela a gente tinha uma***

*forma de trabalhar bem diferenciada: o professor se preocupava com, digamos, as questões particulares de cada aluno, e aí tinha como fazer ele avançar nos aspectos que ele tem mais dificuldade; fora a questão de que não era uma aula comum. **O meu primeiro mês aqui no Julinho, eu acho que eu nunca vou esquecer, eram 70 alunos dentro de uma sala com três ou quatro professores; era uma forma totalmente diferente de ter aula.** Geralmente colocavam assim Português, Literatura, às vezes, História, algumas matérias que desse pra fazer esta ligação: **bá, era extremamente interessante**, na verdade o pessoal nem sentava nas cadeiras que tinha, era tipo um auditório assim, o pessoal sentava no chão e fazia rodas onde rolava debates sobre algum assunto específico relacionado às matérias, e depois a gente fazia no grande grupo a discussão; era uma forma muito legal, **ninguém faltava à aula, todo mundo queria estar ali participando, ajudando a construir este novo método de aprendizado.***

***Acontece que os professores do Capela tiveram muita resistência dentro do próprio Julinho, não pela direção, mas por outros professores que acabavam em alguns momentos malhando eles, fazendo crítica, mas não críticas construtivas.** Acho que faziam de tudo pra desmotivar, pra que este grupo acabasse meio que desistindo de seu real objetivo. **Ainda existe hoje o grupo Capela, mas não é na mesma intensidade que existia naquela época.** No meu primeiro ano no Julinho eu fiz parte deste grupo, e uma coisa que acontecia muito eram as saídas de campo, volta e meia, pra tá discutindo e tendo aula referente. Muitas vezes, os professores, na realidade, até mesmo perdiam seu sábado, seu domingo, às vezes seu período de folga, pra tá ali pensando e criando. **Acho que isto também é um fator, que o professor tivesse um tempo pra tá elaborando melhor as aulas, e tudo mais, pensando um pouco mais nas aulas.** Acho que quando a gente tiver um método de ensino mais humanizado também vai ajudar um monte. **Se a gente for avaliar o projeto Capela, o índice de evasão nas turmas do projeto foi quase inexistente, fora que daqueles alunos, muito poucos reprovaram.***

*Outro diferencial também é que tinha um professor de cada disciplina no projeto e aquele grupo de professores acompanhava aquelas três turmas, então eles tinham como tá discutindo aquelas três turmas, e quando acontecia Conselho (de Classe) a gente tinha outro tipo de atividade. Um professor ficava com a gente e os outros podiam estar se reunindo pra fazer a discussão. Isto também era bom, no sentido de que **aqui no Julinho são 40 turmas por turno, e isso é complicado pro professor: por exemplo, agora tem a Bienal e tem a Feira do Livro, se um professor quer***

levar pra Bienal, ele tem que procurar um monte de professores espalhados por todo o colégio, sendo que se fosse um número  $x$  de professores pra um número  $x$  de turmas, ele ia saber com quem ele precisava falar e também ia ser mais fácil tá fazendo esta interdisciplinaridade, isto aí influenciaria muito também. É que depois do segundo ano do projeto, tinham alguns professores que não tinham todo aquele espírito do projeto, não tinham toda aquela filosofia que aquele grupo tinha e que o setor de horário aqui da escola acabou botando eles pra turma de projeto. Até os próprios alunos acabaram sentindo, né, porque tinham professores que entraram nesta segunda fase que chegavam em sala de aula e nem cumprimentavam os alunos, faziam a chamada e saíam pra rua, sendo que a gente não estava acostumado com isso, entendeu; bá, os alunos sentiram muito. **Esta foi a forma que os professores mais conservadores usaram pra boicotar o projeto, pressionando o setor de horários pra romper com a unidade do grupo que realmente queria levar adiante a proposta.** Fora isso, acho que a maior batalha que os professores travaram era motivar aqueles alunos daquelas três turmas que não tavam nem aí praquele grupo, praquela nova proposta e tudo mais, e isto dificultou também um pouco o trabalho. Acho que meio que desgastou muito, meio que perdeu o encanto. Mas acho que agora, no ano que vem, o Joãozinho vai bancar de novo esta idéia. Por isso, até, que a gente quer tá colocando um pessoal bem preparado o ano que vem no grêmio, porque a gente já tem esta visão de que no ano que vem vai tá andando tudo em sintonia, o grêmio estudantil, a direção da escola, o centro de professores, o Kaeté, que é um grupo ecológico que a gente tem aqui no Julinho e que a gente quer estar reativando. Este ano o Kaeté não está funcionando, tem até uma cisão, que nós, enquanto grupo de estudantes, a gente acha ruim, que tem agora o grupo Umbu, que é o grupo ecológico dos professores. Por que não se reativar o Kaeté, que tem todo um histórico e foram criar um novo grupo? **Na minha visão este grupo Umbu quer fracionar, professores de um lado e alunos de outro.** E esta gestão que está aí no centro de professores também é meio apática de tudo, não participa, não promove nada, acho que nem pros professores: na realidade, não existe de fato, mas eles também têm eleição anual mais ou menos na mesma época que o grêmio; e acho que este ano vai tá se criando um grupo bom de professores, o mesmo grupo que estava apoiando o João pra diretor, e aí a gente espera que eles vão estar ajudando a construir em conjunto. Até tem que estar vendo, né, porque na realidade tanto no grêmio estudantil, quanto no centro de professores, acho que vai ter uma disputa muito grande este ano – porque **o ano que vem é um ano eleitoral, várias facções políticas vão querer estar dentro do Julinho pra tá, às vezes, até se utilizando, digamos que de má fé,**

*tanto do aparelho do grêmio quanto do centro de professores pra tá elegendo seus candidatos.*

Rafaela, 18, 2º ano:

*Tem professores que te fazem amar eles e amar a matéria deles, fazem com que tu tenha prazer de estar dentro da sala de aula, mas tem outros que te espantam, te fazem correr. Eu posso dizer que a maioria dos professores que eu tive foram ótimos, são pessoas que eu jamais vou esquecer; tinha um professor que eu odiava, mas afinal ele é que me ensinou a fazer uma redação e agora sempre que eu vejo ele eu abraço, eu converso. **Dependendo de como o professor trabalhar o aluno ele transforma quem ele quiser: pode transformar num rebelde, como num cidadão modelo, ele tem esse poder desde que ele saiba utilizar isso; se ele tiver a manha para fazer com que os alunos se interessem, ele consegue.** Mas também tem aquela coisa, tem muitos professores que estão se aposentando e pra eles tanto faz como tanto fez, se tu te interessa ou não o problema é teu, não fazem nem questão que tu estejas ali interessado, para eles é até melhor, é menos uma prova para corrigir, é menos trabalho para eles. Assim como tem professores que estão aí e **pegam o aluno pelo braço e chamam pra sua aula, querem que tu assistas;** aqui no Julinho temos muitos professores que não são só professores de sala de aula, são professores que às vezes tão ajudando o pessoal do grêmio nas passeatas, com idéias do que podemos fazer, que se interessam por isso, **que não acham isso uma besteira, que sabem que aquilo ali é uma formação que o aluno vai ter.** São pessoas que te fazem querer estar na aula deles, que fazem tu querer estar junto deles porque tu aprende com eles muito mais do que só o conteúdo de sala de aula; **acho que é fundamental o papel do professor.** O professor João, que ganhou as eleições, por exemplo, tanto os alunos como os pais que convivem na comunidade escolar sabem do trabalho dele, sabem que ele tenta apaziguar tudo, ele tenta ver o melhor jeito para quem está errado e para quem está certo, e ele tenta fazer com que os dois entrem num consenso. Acho que isso tem a ver com o fato dele ser vice-diretor da noite, que é um turno meio complicado, que mais tem evasão e tem mais matação de aula; como também é um turno que o pessoal vem para levar as coisas a sério, que vem cansado do serviço, não vem para brincar; querem ter aula e ficam bravos quando não têm, e o João adquiriu muita experiência com isso. Além do que, ele é um professor que atua também bastante junto ao grêmio, o que era cabível a ele, ele estava ajudando, sempre deu muito apoio a tudo que gente quis fazer, questão de fazer show de*

*bandas da escola, que a gente fez três este ano – no ano passado teve só um que o bar oferece; este ano teve um no início do ano, um nos 60 anos do grêmio e um agora que foi um festival de bandas para valorizar o pessoal da escola – que tem muita banda de garagem na escola –, e que funcionou nos três turnos: mais ou menos quatro bandas por turno, de todos estilos, reggae, rock, pagode, pop, pop rock, rock gaúcho, hip hop, inclusive teve a banda de um professor que tocou, do professor Mauro que é professor de educação física e técnico de handball, e que é uma banda que o pessoal adora, que também é **um cara que dá a aula dele mas também faz festa com os alunos**, que se diverte: a banda dele é ele e os dois irmãos e eles tocam muito, animam o pessoal, se o pessoal tiver caído eles levantam, botam o pessoal pra cima e todo mundo fica pedindo mais.*

Mariana, 17, 2ºano:

*A educação do Julinho ainda tem muitos problemas, o problema maior é a sala de aula, são poucos professores que realmente dão uma aula que realmente interessa os alunos, se todos os professores fizessem isso a gente não teria evasão, porque tem aula que por mais que tu não esteja interessado o professor te envolve – tem professores de história, por exemplo, que fazem tu te sentir vivendo aquilo que eles contam. **Tem também muitos desses professores aqui, o Julinho ainda é o colégio mais qualificado do estado.** É por isso que a gente acha que o ano que vem a escola tem muitas possibilidades de construir algo novo enquanto proposta pedagógica, porque a gente já tinha uma direção aberta ao diálogo, mas agora a gente vai ter uma direção mais comprometida, que se coloca mais com tudo que acontece, pelo menos é o que a gente espera. Eu não estava no Julinho antes dessa direção atual, não sei como eles eram como professores, se eles se colocavam, como é que eles atuavam; agora esses que estão entrando eu sei que antes deles estarem na direção ele se colocam, e **quero ver como vai ser quando eles estiverem lá porque é muito fácil criticar quando tu não está junto**, agora este que ganhou como diretor, o João, ele era o vice da noite, eu admiro muito o trabalho dele porque a noite é um turno bem diferente, é um turno que tem vários problemas e ele fez um ótimo trabalho, e a gente espera que seja assim em todos os turnos. Acho que o turno da manhã pode ser mais difícil porque é muita criançada e tem que estar pressionando mais porque é muita tentação o Julinho grandão pra tu não ir pra a sala de aula, é mais difícil o diálogo; **claro que se o aluno não vai mesmo aula, ele é chamado pelo SOE.***

Se o problema da evasão, o desinteresse dos professores e as práticas conservadoras *sem atrativos* da sala de aula estão situados numa

mesma linha para estes estudantes, a disponibilidade dos professores, o envolvimento na sua tarefa e a valorização da sua criatividade e do aluno fazem o contrabalanço. Como o Julinho permite que os alunos experimentem os dois pólos, eles têm parâmetro para estabelecer comparações. Para além das vicissitudes que o professor da escola estadual tem que enfrentar atualmente, como a jornada de trabalho extenuante – às vezes de três turnos – que é a forma de tentar minimamente garantir os recursos necessários à sobrevivência, a falta de horário para a preparação das aulas, de suporte em todos os níveis, que devem ser considerados em qualquer análise dos problemas educacionais, o que eu acho que também está sendo abordado aqui, pelos elementos trazidos pelos estudantes é a questão do trânsito do desejo na questão do ensino-aprendizagem. E entendo que o ponto que localiza a diferença, nesse sentido, é se o professor se apresenta como portador de um determinado conhecimento acabado, sem faltas, e do qual apenas espera que seu aluno o incorpore em posição ecológica – o que fatalmente provocará o desejo de qualquer adolescente subtrair-se a ele –, ou se o professor *empresta-se*, através de sua autoridade, como o transmissor de um enigma que também o apaixona, pressupondo nele sua inclusão como um sujeito insuficiente, que convoca o outro a neste enigma tomar lugar.

Todavia, expressei na Introdução desta dissertação que minha intenção com o estudo não é a de proceder à análise da instituição educativa, nem foi este o alvo da investigação e, portanto, não colhi elementos suficientes para realizá-la. Centrando-me na escuta do que os julianos focalizados falam nesta direção, cabe-me mais bem apontar que os discursos não estão enfocados apenas nas cobranças do que lhes parece errado na dimensão educacional em que estão inseridos, mas também conseguem avaliar seus problemas e se incluem como parte pensante na busca das soluções. E se nossa história gaúcha tem reservado ao Julinho um lugar de destaque no imaginário social, o que estes estudantes nos revelam em suas expectativas de construção é que pretendem fazer frente aos imensos desafios desenhados e mobilizar toda a potência juliana para proporem novos horizontes ao campo educativo.



Em vista disso, batalharam para eleger a direção que eles acreditam que pode conduzir esse processo e para reeleger a chapa do grêmio estudantil afinada com essa proposta. E por saberem que a apatia generalizada – que habita tanto os professores quanto os próprios jovens, em sua maioria – é o que sustenta a situação de conformismo em que nos encontramos estão sempre à busca de aliados e prezam tanto o encontro com os adultos que ainda não *descansaram* e que constroem com eles novos caminhos para a expansão do sonho de uma sociedade menos alienada ao supérfluo e, portanto mais humana.

#### **4.2.3. Movimento estudantil: Davi x Goliás**

Renata, 18, 2º ano:

*É que é assim, deixa eu te explicar: o movimento estudantil se organiza em várias entidades: tem a UBES, que é a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas; a UNE, que é a União Nacional dos Estudantes, mas que é mais pro pessoal universitário; a UGES, que é a União Gaúcha dos Estudantes, e tem a UMESPA, que é a União Municipal dos Estudantes de Porto Alegre. A gente até tenta participar de todas, só que a UGES e a UMESPA impedem que mesmo o Julinho, que é uma grande escola, de estar participando. Impedem no sentido de que pra tu participar do congresso da UGES ou da UMESPA tu tem que te filiar à entidade, aí se tu te filia são estas entidades que vão fazer carteirinha escolar, e a única forma de renda que os grêmios estudantis têm são a carteirinhas; e eles fariam a carteirinha deles, aqui no Julinho, a oito reais, sendo que a gente faz a três, então já começa por aí. Mas têm outras questões políticas envolvidas também. Quem tá dentro da UGES e da UMESPA é o MR8, que antigamente era um movimento de esquerda, até quem vê o filme “O que é isto companheiro?” vê um pouco da história do MR8, que era de esquerda, revolucionário, até que houve uma fase que o MR8 entrou pro PMDB, desde então entrou para a direita de uma forma assim inexplicável, e hoje é este pessoal do MR8, da direita, que está dentro da UGES e da UMESPA. A UBES é comandada pela UJS, União da Juventude Socialista, que é do PCdoB, já na UBES tu pode tirar teus delegados, tu vai pro congresso, não tem esta questão de tu ter que te atrelar de alguma forma à UBES pra tá participando. **A grande problemática da UBES é que ela faz política estudantil via acordos de gabinete, sendo que nem todos estes acordos que a UBES faz refletem os estudantes; olha o que aconteceu agora na Bahia: os estudantes fizeram aquele baita movimento pelo passe livre, e cadê***

a UBES, neste momento, pra tá de fato do lado dos estudantes, tá ajudando na luta? A gente não vê essa construção diária da UBES. **Sendo que, como a gente coloca, tu vais numa escola e tu pergunta: quem é a UBES? Ninguém sabe, porque a UBES não chega até às escolas,** e a UBES tem até seu informativo, mas eles não circulam; é meio que colocado: a UBES só existe em SP e RJ, no resto dos estados, ela não existe. Sendo que agora, em relação ao RJ – uma luta histórica da UBES, é o passe livre – o pessoal do RJ esteve muito tempo lutando por isso e conseguiram; agora devido ao imobilismo da UBES eles perderam o passe livre! Sendo estudante tu andava gratuitamente nos ônibus e este ano **a gente perdeu o passe livre, que a gente considera como, bá, uma derrota muito triste pro movimento estudantil.** Porque na realidade, assim como o RJ, que é uma grande capital, tinha o passe livre, imagina, era um puta dum salto pra outras cidades também estarem conseguindo; até porque, como a gente falou antes a questão, alguns alunos acabam tendo evasão escolar pela questão de não ter grana pra passagem. O que a gente tem hoje aqui, não só em Porto Alegre, mas em outras cidades também, é a questão da meia entrada, que até ajuda, mas até por aí: pra uma família pobre que tem dois ou três filhos, meia entrada não ajuda em nada. E sei lá, **a gente acredita também que a UBES não pode ser uma entidade atrelada a governos e partidos;** na realidade a gente não vai ser ingênuo de dizer que não, claro que na UBES, assim como na direção de qualquer entidade estudantil, e até não estudantil, têm pessoas de partidos políticos, só que, agora, **tu priorizar as questões do partido, a gente acha inaceitável, né,** e é o que a UBES faz. **A UBES se coloca escancaradamente como a juventude do governo Lula, sendo que a gente acha que, independente do governo e do partido, se tu tiver que criticar, pra lutar em prol dos estudantes, tem que fazer isso,** e a UBES não vem fazendo. A gente tem que tá fazendo o balanço de que tanto a nível federal quanto a nível estadual foram cortados muitos milhões da verba pra educação, **e cadê a UBES criticando isso?** A gente tem alguns dirigentes da UBES aqui no estado, claro que estar criticando o governo Rigotto do PMDB, tudo bem, a UBES vai lá critica e tudo, agora criticar o governo Lula só porque é de esquerda, é do PT, isso não é feito, entendeu, a gente acha isso uma baita duma falha. Fora a questão, também, que a UBES tem que tá em sala de aula; claro, é complicado tá em sala de aula, mas pelo menos tá fazendo contato com os grêmios estudantis, **o grêmio faz este trabalho de tá em sala de aula pra tá de fato fazendo os estudantes estarem discutindo política, não só política nacional, mas política internacional também:** a questão da Alca, do pagamento da dívida, são pontos que gente acha que é importante de tá discutindo. Por exemplo, em 2001 teve a o plebiscito da Alca: tudo bem, a UBES participou, mas poderia

*tá participando numa dimensão bem maior na realidade: é a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, não é um grêmio estudantil, não é uma entidade municipal; então estas são algumas críticas que a gente tem a UBES. Mas este ano a gente vai tá aí: a gente tem um movimento, que é o Movimento Contestação – até a gente ganhou o congresso preparatório a nível estadual, a gente foi o grupo que levou mais delegados pro congresso –, e a gente conseguiu o vice-presidente da região sul, que é o André, da entidade de Santa Cruz, da UESC, entidade municipal. Eles fazem parte deste mesmo grupo político que nós, que é o Contestação, movimento de juventude. O movimento estudantil de Santa Cruz é fantástico, é uma coisa, digamos, que de outro mundo; todo o pessoal daqui do Julinho, que foi pra Santa Cruz pra estar na eleição pra entidade municipal, viu de fato o quê que é estar fazendo movimento estudantil. É que lá a realidade é diferente, porque, assim, ó: lá a gente tem uma sede, a sede da UESC, e tem uma outra sede, que é a sede de nosso movimento crítico, então o pessoal pode dormir lá, e seis horas da manha, seis e meia, o pessoal levanta – e tem o Sindicato dos Comerciantes, que nos apóia muito lá em Santa Cruz, por considerar nosso trabalho, reconhecer o trabalho de juventude estudantil lá, e ai eles emprestam uma Besta, uma Van, né, que leva todo mundo pras escolas. É uma coisa bem louca, não tem aquela coisa de cada um por si, é realmente todo mundo por todo mundo; ficam às vezes até trinta estudantes na mesma casa pra garantir que todo mundo participe da atividade no outro dia; então tem um diferencial, aí, também. Até na questão do passe livre, lá em Santa Cruz eles encaminharam um projeto pra Câmara dos Vereadores, fizeram um ato como nunca foi visto em Santa Cruz, 800 estudantes lotaram a Câmara; e fazem atos pelo passe livre constantemente: é uma entidade muito atuante e tem todo o respaldo, a ponto de, neste congresso estadual, o André ter sido votado pra ser o vice Sul da UBES, então é também prova do reconhecimento. Lá, até as escolas privadas estão começando a participar, aqui, de escola privada, só o colégio Mãe Admirável vai participar junto. A maioria das escolas particulares recebe, digamos que uma mesada, entre aspas, da direção da escola: – vocês recebem esta mesada, mas vocês não fazem política –, pelo menos algumas pessoas de escolas particulares nos falaram que é assim. Seria muito bom se isso acontecesse em Porto Alegre, porque **na realidade a gente até poderia estar fazendo a discussão de escolas publicas e escolas privadas em separado, mas em vários momentos estaria todo mundo em conjunto.** Da mesma forma que ocorre na UNE – a gente tem um baita contato com a Unisinos –, que estava conseguindo este contato entre universidades privadas e universidades públicas; até meu irmão, que é secundarista, foi pro congresso da UNE: **por mais que a gente não seja universitário a gente vê o movimento estudantil como um todo, e nas frentes que a gente pode estar participando, a gente participa.** Assim como*

na UBES, na UNE é o PCdoB que também tem a maior parte da direção. Na UFRGS, só com o diretório acadêmico de Biblioteconomia e das Ciências Sociais a gente tem contato; até tem o Gilvan que saiu como diretor da UNE, representando as universidades públicas, que é da nossa tese Contestação. Então nosso movimento conseguiu tirar dois dirigentes da UNE, e a gente acha que foi uma baita de uma vitória; mais o André pela UBES, sendo que a UBES não proporciona um real para ele vir, por exemplo, pra capital ou pra qualquer outra cidade do interior pra tá fazendo movimento estudantil, então é complicado. E também nunca chamaram o André pra participar das reuniões da UBES: se ele quiser, ele vai, mas tem que pagar as passagens do dinheiro dele; quer dizer, é complicado mesmo que tu ganhe um congresso. Eles não fazem questão, a gente acha isso muito ruim porque, na realidade, **quanto mais plural for, melhor**, mas nem propiciar esta discussão interna eles fazem. A gente vai ver o quê que a gente consegue este ano.

Bia, 17, 2º ano:

*Eu acho, em primeiro lugar, que **quem tem que estar no poder de qualquer entidade estudantil são os estudantes, e não o partido político. É difícil, eu não digo impossível, mas é difícil que só os estudantes, sem partido nenhum, ganhar alguma entidade estudantil: vem aí o lado financeiro da coisa. É que um partido político tem dinheiro para patrocinar, por exemplo, uma chapa deles, que possa ter muito panfleto, muito adesivo, muitas coisas, e ganhar qualquer eleição; é isso que acaba acontecendo muito. Por exemplo, agora na UBES – pegando uma entidade nacional –, quem está lá dentro é o pessoal do PCdoB, porque eles têm dinheiro pra patrocinar as coisas. É que é assim ó, no caso na UBES: no congresso existem as teses, que são tipo chapas, e que precisam tirar delegados, representantes pra levar lá pra votarem na sua tese, na proposta. Nós somos pela tese Contestação, e a nossa tese é mais estilo grêmio do Julinho, tu viu aqui como é que é, isso é o que a gente pensa, essas são as nossas idéias. A idéia principal é lutar pelo passe livre, essas coisas que são do interesse dos estudantes, e que a gente acha que a UBES tem que estar atuando e não atuou nas últimas gestões. E esse pessoal do PCdoB, a União da Juventude Socialista, a UJS, eles têm grana, né, porque é um partido que financia eles; eles têm dinheiro pra poder, por exemplo, ir tirar delegados nas escolas de moto, e é claro que eles convencem esse pessoal a votar a neles, é óbvio. **E a gente, aqui, ia tirar delegados a pé nas escolas aqui de Porto Alegre pra nossa tese e eles tiraram a nível nacional, então é difícil tirar eles do poder.** Porque eles vão para as escolas e convidam pessoas do grêmio para serem delegados e defender a tese deles, aí eles propõe ajuda financeira aos grêmios estudantis, essas coisas. A gente também propõe ajuda, só que a gente está ajudando mesmo os grêmios estudantis que a gente***

dá apoio. Por exemplo, o grêmio da minha irmã do colégio Leopoldina, a gente dá apoio lá pro grêmio deles: eles não têm liberdade nenhuma lá dentro da escola, daí a gente vai lá e dá uma prensa na direção: – olha aqui, no grêmio do Julinho a gente pode fazer, por que vocês não vão deixar eles fazerem aqui, eles querem os mesmos direitos que nós, né; **a gente bota uma prensa na direção, até para conscientizar o pessoal de dentro da escola.** E como grêmio do Julinho, a gente tem o direito de entrar dentro das escolas, a gente se apresenta para direção e diz: – nós somos do grêmio do colégio estadual Júlio de Castilhos e queremos falar com o pessoal do grêmio aqui da escola –, daí eles, – ah, tudo bem pode entrar; e a gente dá palestra sobre como se manter um grêmio estudantil para ajudar mais o pessoal. Num colégio que eu fui, de 2500 alunos, só de primeiro grau, bá, foi super difícil; o presidente do grêmio é uma pessoa super boa, só que ele não conseguia fazer sozinho no meio de 2500 alunos. **Nós fomos lá para tirar delegados e ele solicitou ajuda, e o Julinho tem moral para propor uma discussão, aí as coisas começaram a acontecer.**

Para o congresso da UBES, por exemplo, o pessoal da Contestação, que é o pessoal aqui do grêmio, junto com o pessoal de outras escolas, que fundou um movimento e fez uma pré-tese que é mais ou menos nossos ideais para UBES; aí, com todos os delegados que conseguimos, a gente escreveu a tese. A gente combinou: – tal dia, tal hora, a gente vai se reunir, daí vocês lêem isso aqui e na reunião tu fala o que tu achou certo o que tu achou errado – daí conversou, conversou, até ter um consenso com todo mundo, e daí tiramos a tese definitiva; e das 40 pessoas, mais ou menos, que formam o movimento, foram oito defender nossa tese no congresso. E são vários movimentos aqui em Porto Alegre, são várias teses, a maioria é partidária – por exemplo, o Movimento Cultura Socialista é uma tese que o pessoal do PSTU que fundou – claro eles têm todo direito de entrar no movimento estudantil, embora eles sejam do PSTU, não tem nada a ver, né, eles são estudantes e tem direito de atuar; só que como eles têm dinheiro do partido eles levaram mais ou menos uns cinqüenta delegados para o congresso nacional, então, com certeza, na hora de votar a tese deles, eles têm muito apoio. **Então é por isso que dificilmente a direção do movimento estudantil fica realmente na mão dos estudantes e aí o movimento estudantil acaba mais defendendo interesses partidários do que propriamente os interesses dos estudantes. A única forma de romper essa lógica é a união de todos estudantes e é por isso que a gente luta, pros estudantes se unirem todos e lutarem contra esse negócio de partidos; porque se é só os partidos quem ganham, então não tem mais nem graça de competir com eles, porque é injusto tu**

*lutar com um cara que tem muito mais grana que tu, que pode sair de carro e fazer o que quiser; ele tem grana, né, ele tem máquina; a gente não, a gente é só as pernas mesmo, tem que ir como pode, né, é bem injusto. Aqui em Porto Alegre a gente tem a UMESPA que é a entidade que deveria estar representando os estudantes de Porto Alegre e esta entidade, na realidade, é dirigida pelo PMDB, a juventude do PMDB, que é o MR8, e só tem interesse partidário lá, eles não fazem nenhum tipo de movimento estudantil: tu nunca vê a UMESPA em passeatas, essas coisas, eles nunca estão presentes. Eles tão há muitos anos lá dentro, o MR8; o congresso deles é limitado só às escolas que fazem carteirinha com eles – uma coisa super fechada, em que eles até pagam um salário para quem trabalha lá dentro: quer dizer, não é movimento estudantil, é um movimento partidário, né? Então isto é o que acaba acontecendo, só interesse partidário sem nenhum interesse estudantil; e isso aí acaba afundando as entidades.*

Mariana, 18, 2ºano:

*Essa nossa crítica às entidades nacionais do movimento estudantil é porque elas são muito pelegas, estão muito com a política do governo, porque acham que o governo Lula tem que dar certo para não dar chance para direita. A gente também quer que o governo Lula dê certo, a gente também quer mais quatro anos de governo, porque é uma experiência que pode tocar nas massas, mas nem por isso a gente vai deixar de cobrar o que a gente acha que deve cobrar; porque senão acaba dando na mesma experiência da direita, fica tudo a mesma coisa, então vamos cobrar alguma coisa, vamos conquistar alguma coisa. E a gente acha que as entidades não fazem isso, porque a maioria da juventude é petista e não quer bater no seu partido, e o governo Lula está fazendo seus militantes falarem a favor da burguesia. Por exemplo, o PT sempre lutou contra a reforma da previdência e agora, por causa de suas alianças burguesas, nega o que sempre defendeu. E esta é pra ser a tarefa da juventude, por isso, aqui no grêmio nós temos um trabalho com as outras escolas, porque a maior parte dos outros grêmios estudantis ficam restritos a fazerem as festas, ou ainda nem existem; e a gente tenta ir propor uma discussão política, mas é muito difícil porque a juventude está cada vez mais alienada. Então, ao mesmo tempo em que tu tem que estar organizando o movimento estudantil do teu grêmio, tu tem que estar pensando na festa – porque se tu não fizer a festa tu vai ter um ano só de gestão, tu não vai ser reeleito –, tem que pensar na política dentro da escola para conquistar alguma coisa, no grêmio estudantil que está formando em outra escola, no governo que está tendo uma medida reacionária, sei lá, sabe, e a*

*gente quase não têm tempo nem de ler um jornal para ver o que está acontecendo a nível internacional. É muito difícil, e além do que a família ainda reivindica muito, porque a vida familiar fica muito restrita. Minha mãe, bá, ela entende que eu faço política, mas ela também quer estar comigo. Então é difícil, tu não tem tempo mesmo, tu acaba esquecendo de coisas simples do dia-a-dia como lavar a tua roupa.*

Alexandre, 18, 2ºano:

*A realidade do movimento estudantil é que a gente vai pro congresso da UBES e a gente vê uma diretoria de uma entidade, a maioria da diretoria da entidade, que **não tensiona para que haja a mobilização** e a conscientização dos estudantes que vão ao congresso. **O congresso praticamente é uma grande festa; os estudantes vão lá, fazem um ato, participam de uma plenária, mas as pessoas, chamada boiada, que são dirigidas pelo PCdoB, não tão nem aí.** Então é difícil, porque ao invés de estar construindo a mobilização do movimento estudantil, passando nas escolas, organizando, mostrando que a UBES está presente e construindo a política pro movimento estudantil, eles fazem o contrário, entendeu. **Como a gente está num governo Lula, então eles preferem ficar calmos porque o PCdoB está no governo;** então é o que a gente fala: eles estão freando a mobilização. Teve o exemplo em Salvador, que teve a mobilização do ‘agosto do busú’, como ficou conhecida nacionalmente, e toda a diretoria da UBES do PCdoB foi pra lá fez um acordo com a prefeitura e barrou a mobilização, sendo que os estudantes queriam passe livre na cidade; teve um momento que eles não queriam só a redução da passagem, eles queriam passe livre. **Aí, em vez de continuar a luta pelo passe livre, a UBES foi lá e fizeram um acordo para manter a passagem e dar meia entrada, não sei se eles não tinham ou era só para poucas pessoas, não sei muito como é que foi a negociação com a prefeitura, eu sei que eles foram lá – inclusive a UBES foi rechaçada em várias plenárias de estudantes de grêmios, que não deixavam entrar com a bandeira da entidade, tinha um certo preconceito com a entidade – porque ela foi lá realmente para parar com as mobilizações, porque aquilo ali poderia se estender para outras cidades, porque os estudantes vendo que estão se mobilizando lá podem também querer se mobilizar, por exemplo, em Porto Alegre, como em algumas cidades pequenas isso começou a acontecer. Tanta radicalização que teve lá em Salvador, e a UBES, em vez de acompanhar o ritmo dos estudantes, ela deu o ritmo que ela quer dar para o movimento estudantil, que é parar, aguardar.** Então a realidade do movimento estudantil é mais ou menos assim, estão esperando se confirmar o governo Lula; as entidades, a UNE, a UBES, estão tentando fazer negociações com o governo; a reforma universitária vai vir agora, então a posição é apenas de diálogo com o*

*governo não de enfrentamento e até mesmo de denúncia com o que eles vão fazer; em 2005 vão assinar a Alca, e o movimento estudantil está parado. Mas nós aqui no Julinho não, nós aqui no Julinho permanecemos o ano que vem. A gente foi para a UBES, e eu vou ser diretor da UBES o ano que vem, conseguimos uma vaga na diretoria, são 35 vagas para todo o país. E a nossa idéia é tentar construir uma outra referência de UBES aqui no estado, e a gente pretende dar uma cara de UBES mais que luta, que mobiliza né, fazer um contraste ao que o PCdoB tenta fazer a nível nacional; pelo menos aqui no estado quem sabe a gente tem um pouco mais de influência, a gente foi a segunda maior força no congresso estadual, a gente levou muita gente para lá e conseguiu fazer um certo auê. Aqui, o PCdoB perdeu o congresso estadual pra nós, a gente conseguiu montar uma chapa da esquerda contra o PCdoB e foi o único estado que eles perderam em todo Brasil; aqui no estado sempre há uma radicalização mais à esquerda, o pessoal tem mais mobilização, o que confirma uma certa tendência histórica do Rio Grande do Sul; então é esse tom assim que a gente está tentando dar pro movimento estudantil, não deixar ele estagnado nesse período, que se não ele desarma; e a gente acha que este é um momento mais do que propício justamente para a gente cobrar algumas mudanças.*

Manuela, 17, 2ºano:

*Além do Julinho, as outras escolas que fazem movimento estudantil em Porto Alegre são: o colégio Aplicação, o Inácio Montanha, que está com um pessoal do grêmio bem mobilizado e tiveram muito contato com nosso grêmio; o pessoal do Protásio Alves também; o pessoal do Parobé; o pessoal do Padre Rambo; do Padre Réus; do Emilio Massot; do Caldas Júnior, fora as escolas menores. Todas essas escolas estiveram sempre ligadas ao Julinho, as reuniões com os presidentes de grêmio eram feitas aqui, e incluíam os alunos interessados em discutir política estudantil, grêmio estudantil, mas também política de uma forma geral, guerra, Alca, reforma da Previdência, o governo Lula, essas coisas.*

A escuta desses relatos foi o que me permitiu melhor compreender o que vem tolhendo o movimento estudantil, e confesso que fiquei um tanto estarecida de constatar a eficácia desta face do controle e neutralização da potência juvenil, pois a política partidária do mundo adulto invade aquele que é (ou seria) o território por excelência para o exercício político da juventude. Não posso senão achar admirável que



uma resistência ainda se manifeste e que um pequeno grupo de estudantes, de, no máximo, uma dezena de escolas públicas, insista em se mobilizar frente a uma máquina que usa todo seu poder para, em nome de procedimentos democráticos, legitimar interesses alheios ao mundo estudantil. O esforço que eles têm que empreender é enorme, assim como o preço que pagam por esta escolha: a fala de Mariana explicita o tanto de coisas de que precisam abrir mão para levarem seus objetivos adiante. Dispõem-se a percorrer a pé, como explicou Bia, as escolas de Porto Alegre para conseguirem obter um número de delegados que será sempre inúmeras vezes menor do que conseguem aqueles que têm a máquina partidária a seu dispor. E mesmo assim atingem pequenas mas significativas vitórias, como eleger alguns dos membros da sua organização política, para fazerem parte da diretoria das entidades que dão os rumos da política estudantil. Isso, no entanto, não parece representar nenhuma garantia de sucesso no seu empreendimento de mobilizar os estudantes para a defesa dos interesses que lhes seriam próprios – e *quanto mais plural, melhor*, como diz Renata –, pois lutam não apenas contra este dispositivo específico, mas contra todos os outros mecanismos sociais que distanciam o indivíduo da ação coletiva. E é de se pensar que este esforço que exercem comporta o risco de produzir posições militantes mais dogmáticas, como defesa frente a uma impotência inevitável nesta situação. E, ainda, que o saber derivado da sua experiência, por comportar a alteridade, seja o único que possa ajudá-los a diferenciar o que vem da ordem da compreensão do que vem da doutrinação.

#### 4.2.4. *Política: campo de embates*

Mariana, 17, 2ºano:

*Para mim, **militar é ter atitudes que são consequência da tua ideologia**, atitude é tu tomar um rumo cada vez mais à esquerda, até régar numa estratégia maior. O importante é que tu faça a tua parte; no caso, eu, hoje, no movimento estudantil, é fazer a minha parte para estar garantindo esse rumo no movimento estudantil. Então de repente os movimentos sociais, os movimentos sindicalistas, tudo tem que andar junto,*

entende, é isso que tem que fazer; tem que se organizar num nível muito maior do que se imagina. Às vezes: – ah, tão brincando de grêmio estudantil –, **não é brincar**, o grêmio estudantil é um lugar onde reflete a política que a gente precisa a nível nacional, internacional. O que poderia dar uma melhoria na política hoje do nosso país seria, sei lá, construir um bloco econômico forte com os países da América latina que estão quase na mesma situação que nós, bem quebradão assim, sabe, para fazer um bloco econômico forte em contraponto à política imperialista do EUA, um fortalecimento da América latina. O governo Lula eleito foi uma experiência muito grande nas massas; **é uma experiência grande e ao mesmo tempo é um problema porque é onde as massas estão vendo que a direita não é alternativa e a esquerda também não está sendo.** Justamente porque a esquerda que a gente tem hoje é uma esquerda com milhares de alianças com a burguesia, é um governo que ganhou com o aparelhão do PL, entende, não é o Lula da época de 1980, e então a esquerda sofreu todo um dano, então, sei lá, **é uma experiência grande que ao mesmo tempo dá espaço para a direita voltar ao poder novamente; ao mesmo tempo que o fracasso do governo Lula daria espaço para a direita também, esse é o problema.** Ao mesmo tempo, se o movimento popular fosse fortalecido com as massas querendo uma outra alternativa, aí sim a gente ia ter o movimento de implantar o socialismo, implantar uma coisa mais a esquerda, **só que acho que para este tempo chegar demora muito, tem todo um período bem longo de lutas, de lutas de classes.**

Júlio, 20, 2º ano:

Acho que **o problema mesmo é a distribuição de renda**, tem gente que tem um monte de dinheiro e tem gente que não tem dinheiro para as passagens. Têm uns caras, os ‘Racionais MCs’ (um grupo de rap oriundo da periferia de São Paulo), que perguntaram para eles se o ‘Racionais’ é radical, e eles responderam que não, o ‘Racionais’ não é radical, o que é radical é tu vê um cara de Mercedes e neguinho não ter dinheiro nem para pegar ônibus; radical é um cara comer caviar, botar caviar fora, e outro tá comendo comida do lixo, isto é que é radical. **Eu acho tudo isso muito triste.** Tem uma história que, em 99, o pessoal do grêmio distribuía sopa embaixo das pontes, aí um cara, o Maurício, me contou uma história: que quando eles começaram a distribuir sopa tinha três irmãos que sempre vinham pegar, passou um tempo veio dois, perguntaram onde estava o outro e eles disseram que ele tava no viaduto cheirando cola, caiu lá embaixo e morreu; passou mais um tempo, veio só um, e ele perguntou: – e teu irmão? E ele disse que tinha sido morto pela polícia – a polícia matou ele e inventou que eles tinham reagido porque o guri tinha tentado atirar neles, e era mentira porque o guri estava só de calção; aí

*passou um tempo e não veio nenhum, daí ele tentou saber o que tinha acontecido com este outro guri, e ficou sabendo que num dia que eles foram entregar a sopa, eles saíram um pouco antes e um outro cara não conseguiu pegar sopa, e aí matou esse guri com uma garrafada no pescoço por causa de um prato de sopa: **isso é radical, não é?** Talvez as coisas melhorem com o governo Lula, não sei; acho que este é um governo que tu tem que pressionar, e que pode ter um diálogo maior. Acho que não só a juventude, mas a sociedade em geral tem aquela esperança no Lula ainda, apesar de ter mudado completamente o discurso, **mas acho que as pessoas ainda vêem o Lula como esperança**; as vezes, eu mesmo tô muito puto da cara, com as histórias que tão rolando na Previdência, essas coisas assim, mas quando eu vejo ele falar, é uma coisa que me toca ainda, me acende as esperanças ouvir o cara dizer assim: a gente vai começar fazendo o necessário, depois o possível e de repente a gente vai tá fazendo o impossível por esse país, e que se acabar o mandato dele e todos os brasileiros estiverem comendo três refeições por dia ele terá feito a missão da vida dele; **isso também são coisas que me dão esperança, me acendem a esperança que eu ainda tenho no Lula e que as coisas mudem.***

Manuela, 17, 2ºano:

*No coquetel que nós fizemos em homenagem aos 60 anos do grêmio, fizemos uma homenagem aos três alunos do Julinho que morreram durante a ditadura, em especial ao Luis Eurico Tejera Lisboa, irmão do Nei Lisboa. A Suzana, que foi mulher dele, se fez presente e deu um depoimento que emocionou todo mundo. Ela falou da época que eles estudaram aqui, como ela conheceu o Ico, como foi a vida deles dentro do Julinho, a história que eles tiveram aqui dentro, a tensão que foi quando ele desapareceu, como a família ficou, todas estas coisas que nós não conhecíamos. A gente só sabia que ele morreu durante a ditadura, que ele lutou contra ela, **agora estas pequenas coisas assim mais pessoais, pra nós faz diferença, nós que estamos aqui lutando também**; tá certo que nós não estamos numa ditadura, mas mesmo assim, **pra nós significa muito saber que, pô, o cara morreu na ditadura e estudava no nosso colégio!** Inclusive o nome do auditório da escola foi posto em homenagem a ele: era uma pessoa que tinha suas idéias, sua ideologia, e botava em prática. Na realidade, nesta época houve uma grande resistência não só dos alunos, mas dos professores também, agora os professores estão até mais parados, mas tem professores que lecionam atualmente no Julinho, que dizem: – pô, eu estudei no Julinho, tinha todo aquele teor revolucionário, aquela paixão por querer mudar, por querer fazer diferente, fazer o melhor. **Agora tem professores que não vão nem em assembléia de professores, que não lutam nem por seus***

*próprios direitos, então a gente tenta recuperar este teor do Julinho, mas é difícil. Depende da força de vontade de cada um, mas também indiretamente dos pais, de deixarem com que o filho faça isso; depende dos professores, de incentivarem seus alunos, que não é o que a maioria faz porque prefere ter um aluno alienado em sala de aula, que acate o que eles pensam. São poucos os professores que incentivam o pessoal a ler, a ter uma cultura não só pro vestibular, mas uma cultura geral, saber mais o que acontece. Porque, hoje em dia, quanto mais áreas tu dominar melhor, o mundo te exige muito isso hoje, o mercado de trabalho, tudo te exige que tu saiba tudo, e tu tem que ser rápida, se tu não sabe, tu tens que aprender rapidamente, tu tem que ser flexível, tu tem que estar aberto a novas experiências, novas tecnologias, porque as tecnologias não param: quando a gente pensa que tá vendo um computador atual, já tem outro muito melhor e assim vai, tem que estar sempre atualizado, com as coisas do mundo, com tudo, correndo atrás sempre; quem pára perde. Acho que o que tem que mudar é esta desigualdade social, é algo que é possível se os governantes quiserem, eles tão lá, prometo isso prometo aquilo, prometo aquilo outro, em época de eleição; chega na hora não sai nada. **Todo mundo pensou que o governo do Lula ia ser algo totalmente revolucionário, mas não tá sendo tanto, ele voltou atrás com coisas que ele defendia muito; mas já foi uma grande mudança ter um presidente de esquerda, conseguimos um que tem um pulso mais firme.** A gente depende de governantes que não queiram roubar do povo, que queiram realmente fazer; na verdade, na política tinha que ser feita uma limpa de todos os corruptos, que bem ou mal é por ali que a gente começa a mudança, né. Mas isso depende do pessoal que esta votando, pra não se votar em alguém porque ele prometeu uma cesta básica se ganhar a eleição; o político chega na vila distribuindo galinha: – ah, vou votar nele porque ele vai me dar comida –; passou a eleição, pum, acabou, até esquece; acho que tudo depende da conscientização do povo quanto a seus políticos e de políticos que não queiram só engordar o bolso e a conta bancaria deles.*

Alexandre, 18, 2ºano:

*Como as pessoas conseguem ter um avanço político participando de um grêmio, é aquela coisa falei no início: quando entrei aqui eu decidi militar num partido, também me envolvi numa corrente do partido. Muitos aqui também militam comigo nessa corrente, que não é mais a corrente da Luciana Genro, porque a gente entrou na corrente da Luciana, e no ano passado, uma coisa que abalou muito nós é que teve um racha dentro da*

nossa corrente. Todas aquelas discussões dela, que ela quer construir um novo partido imediatamente, e a gente acha que não tem que apressar, então a gente rachou e a gente foi assim massacrado por práticas stalinistas horríveis por parte dela; **as mesmas coisas que ela está sofrendo pelo PT, ela aplicou contra nós que tínhamos um pensamento diferente dela, coisa que ela critica que o PT está fazendo com ela.** Para tu ter uma idéia, a gente tinha uma sede da nossa organização na (Rua da) República, que nós conseguimos junto com ela, e daí como a gente teve esse racha – que foi uma coisa muito marcante para nós, eu por exemplo que era o mais velho da corrente fiquei completamente desmoteado, queria parar de militar, depois superei essas crises; então como a gente tinha essas críticas à ela, ela começou a ter as práticas do leste europeu – quando digo, ela, é o grupo dela – ela começou, por exemplo, a não deixar a gente usar a sede. A gente foi descobrir num domingo que eles tinham trocado de sede e não tinham avisado onde seria a próxima sede, sendo que a gente não tinha saído da corrente ainda. Chegamos lá, batemos na porta, e tinham trocado de sede. Isso abalou muito nós e abriu uma crise grande, isso lá por junho e julho que começou a aprofundar as brigas, e isso nos atrapalhou um pouco aqui no Julinho, **refletiu na gestão que a gente estava fazendo aqui no Julinho.**

Todo mundo dentro do MES (Movimento de Esquerda Socialista, corrente da Luciana Genro) tinha avaliação de que **era necessário construir um novo partido no Brasil, só que como construir? Qual o período de construção? Tem que ter um período, a gente não pode chegar agora com dois ou três deputados, fazer uma reunião com cem pessoas e ir lá solicitar num cartório a oficialização do partido. Não existe um movimento real hoje exigindo um novo partido, não existe mobilização no Brasil para sacudir agora; a movimentação que teve até agora foi muito pela questão dos servidores públicos, o restante está em espera.** Tu conversa com o tio do cachorro-quente e tu vê que ele tá – ah, tomara que o Lula consiga me ajudar –, tá esperando as coisas ainda, por mais que a gente vá pro segundo ano de governo. O PT foi criado numa época de efervescência política no país, e o **quê que a gente vai fazer hoje? Criar mais uma seita novamente? Criar mais um novo PSTU, um PCO? Isso nós não queremos.** Por isso que a gente foi à Brasília, porque a gente quer se aproximar um pouco mais da Heloísa Helena, e ela notou claramente que a gente tem o mesmo pensamento dela: que é necessário acumular, trabalhar com quem está dentro do PT e com quem está fora do PT. **Este é um momento de espera, de compreender, de acompanhar qual o processo de cada corrente.** A Heloísa Helena, por exemplo, foi expulsa do PT, mas ela não

*saiu da corrente dela, que é a democracia socialista, a DS, porque ela sabe que a DS é a maior corrente de esquerda do país dentro do PT, sabe que tem muita gente crítica ao governo Lula e que tem que acompanhar; porque ela sabe que vai chegar um ponto em que muita gente da DS vai querer sair, muita gente das outras correntes vão querer sair, e a partir daí a gente vai poder realmente pensar em agitar a construção de um novo partido, este período pode ser daqui a um mês, pode ser daqui a dois meses, pode ser daqui a um ano ou dois anos, a gente não sabe o período que pode se concretizar o novo partido. A gente sabe que é necessário fazer política nesse período, e a nossa política, neste momento, não é agitar um novo partido, demarcar um novo partido e ir lá no cartório registrar um novo partido com dois deputados; então esta é a principal divergência. Fazer política para nós é tentar unir a esquerda do PT, unir os socialistas do país, é tentar construir uma frente de ação, um bloco social capaz de estar pressionando o governo Lula – e nisso a Heloisa Helena é uma das principais figuras –, que os trabalhadores consigam ver que a Heloisa é uma referência, que aquele movimento que existe lá, Novos Rumos pro Brasil, ou alguma outra coisa, é uma referência que pode, sim, ser um novo partido. A gente tem que começar a pensar nisso, nas universidades isso tem que começar estar na boca dos estudantes, que há necessidade de construir um novo partido; hoje não tem isso, hoje a Luciana quer construir um novo partido, e a gente discorda disso porque é uma atitude unilateral, não é uma atitude que acompanha todo o desenvolvimento que a classe trabalhadora está tendo com uma direção petista que chegou agora ao poder. Não tem como tu chegar já dizendo que o PT não vai responder, a gente não sabe, a conjuntura ainda é muito confusa, tem dias que o Lula parece tão neoliberal, e tem dias que o Lula parece dar pontos progressivo ao extremo. Aquilo que ele faz a nível internacional é uma política um pouco mais progressiva, como em Cancun na OMC ele representou isso, então são coisas que a gente tem que saber trabalhar, com uma conjuntura que é complicada de se definir uma política, não dá pra chegar e dizer: vai ser isto. E a gente acha que a corrente da Luciana teve um desvio sectário ao extremo, aqui no estado foi o MES que dirigiu a greve dos professores contra o governo Olívio, todo aquele combate que teve – que a Luciana foi referência – e que foi importante para o período, mas que hoje eu já vejo com ressalva porque o setor que dirigia o governo era a DS, e se o Lula tivesse fazendo o governo que o Olívio fez aqui eu estaria um pouco mais feliz, até porque foi um governo mais de enfrentamento, um governo que, pelo*

*menos, não mandava prender José Rainha e outros líderes do MST. Mas é um governo contraditório, então tem que ter muita calma para ver isso e o que a Luciana faz é pegar o livro do Trotsky sobre programa de transição e aplicar hoje numa conjuntura completamente diferente. Mas futuramente a gente vai estar juntos, eu espero.*

Renata, 18, 2º ano:

*Pra mim, fazer política é jamais deixar o meu sentimento revolucionário morrer porque acho que enquanto eu tiver este sentimento eu vou tá lutando, eu vou estar querendo de fato transformar a sociedade. Acho que não tem como tu querer transformar pela superestrutura; por exemplo, não adianta a gente querer sonhar que – oh, elegemos o Lula, agora ele está lá em cima e agora tudo vai mudar; tem que mudar pela base, fazer trabalho de base nas escolas, nas comunidades, nos movimentos sociais. Acho que são estes os focos que a gente deve estar trabalhando, pra que estes grupos possam de fato estar incitando a quem esteja lá em cima a estar transformando, porque eu não acredito muito que a gente vai mudar a realidade da sociedade pelo voto.*

Leonardo, 15, 1º ano:

*Na verdade, eu acho que o mundo voltou a estar em disputa entre as pessoas e o dinheiro, acho que isso esta mudando muita coisa, acho que neste momento as coisas estão brigando mais, entendeu. Eu vejo que as pessoas não querem mais viver esta vida medíocre, mas querem ter toda a coisa do conforto: então é um mundo de disputa. Mesmo muitas pessoas que já atingiram este conforto têm já uma visão que não estão sozinhas no mundo. Acho que uma certa preocupação com o outro, apesar da alienação, cresce a cada dia, porque as pessoas estão se cansando, elas vêem muita coisa horrível neste mundo, muita desgraça e saturam: eu vejo muita luta; liberdade e oportunidade para todos é a luta que tá mais presente.*

O que o pensamento desses jovens nos revela, em sua posição crítica em relação à sociedade em que vivemos, é que estão conscientes da alienação que a caracteriza, não se deixando enganar pelas armadilhas propostas pela lógica capitalista dominante, mesmo que nem sempre consigam evitar suas contradições. Indicam também que a prática

política por parte da juventude em nossa contemporaneidade não pretende negar a presença do sujeito em sua singularidade e que, por isso, podem respeitar melhor a diferença do outro e celebrar a alegria nesse convívio, que tanto me chamou a atenção, e que está destacada também por Ponte de Sousa (1999), ao apontar como referência para a compreensão do comportamento político da geração de jovens dos anos 90: *que o prazer e a satisfação pessoal, possíveis na vida privada, devem estar presentes também na prática coletiva* (p. 163).

Para mim, a eloquência desses discursos é de grande impacto, visto que transportam sujeitos em compartilhamento, e não egos locupletados em si mesmos. Chamam atenção pela multiplicidade de versões singulares para os temas abordados, que, mesmo assim, incidem numa mesma direção de compreensão política. Distanciando-se da massificação, estas diferentes versões falam, em meu entender, de uma apropriação subjetiva que faz com que cada sujeito valorize as nuances que demarcam o encontro da própria biografia com o campo coletivo. Ajudam-me a esclarecer também que *a força do campo Julinho não vem de se constituir em um espaço onde o ideal esteja realizado*, mas, sim, de se propor como *lugar de autorização e reconhecimento para o pensamento em sua potência crítica*, por vir embebido no caldeirão histórico que lhe fornece os ingredientes necessários para alimentar a ação coletiva.

Na ponta da língua, os jovens julianos analisam a conjuntura em que se inscrevem. O primeiro ano do governo Lula é o grande assunto em pauta nessas considerações marcadas pela ambigüidade dos pontos de vista. As críticas que tecem aos rumos governamentais ainda não os autorizavam, no momento em que falavam, a conclusões precipitadas. Defendem que um *tempo de compreender deve ser aguardado antes de se concluir*. No episódio relacionado à Luciana Genro, foram os mais jovens que se preocuparam em não atropelar os acontecimentos: como não reconhecer o brilho da sabedoria nesta posição, que não vê a solução na proposição de novas *seitas*, a que a pressa poderia induzir? Esta prudência, contudo, não reflete nenhuma desmobilização, nem localiza



adversários eternos; ao contrário, indica que este é um tempo em que *construir a união* – reconstruir laços sociais, eu diria – é o trabalho dos que se dispõem a reinventar novas utopias em nosso contraditório mundo em disputa.

### 4.3. Utopia: Estação Julinho

O uso do vocábulo *utopia*, na atualidade, implica que se assuma o risco de enfrentar más interpretações. Afinal, é uma palavra que adquiriu conotação quase pejorativa na linguagem contemporânea. Tendo ficado de alguma forma colada à decepção com as ditas experiências socialistas efetivamente realizadas no último século, leva-nos a suspeitar de que *utopia* possa ser sinônima de ilusão. É interessante observarmos que, das três definições descritas pelo dicionário Aurélio, a terceira, *projeto irrealizável, quimera, fantasia*, sobrepujou amplamente a segunda, que é *descrição ou representação de qualquer lugar ou situação ideais onde vigorem normas e/ou instituições políticas altamente aperfeiçoadas*, e que deriva da primeira, *país imaginário, criação de Thomas Morus 1480-(1535), escritor inglês, onde um governo, organizado da melhor maneira, proporciona ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz*.

Por que usá-la aqui, então? Vejamos: procurando por sua etimologia encontramos que a palavra *utopia* vem do grego: *ou* (elemento indicador de negação) e *topos* (lugar); significa, portanto, *não-lugar, lugar nenhum*. A ilha imaginária de Morus, que inaugura a divulgação da palavra, foi concebida como prosa satírica à situação social e política da Inglaterra do início do séc. XVI e se enraíza em duas idéias centrais: a inexistência da propriedade privada e a proposição de que os interesses individuais só podem ser viáveis se secundarem as necessidades coletivas, ou seja, a vida pública deve estar refletida na vida privada (Silva, 2002). É, portanto, obra que tem a função de crítica aos primórdios do capitalismo na Inglaterra de seu tempo; e podemos dizer que, de forma geral, todas as utopias modernas que se seguiram, tiveram

essa mesma função: denunciar as distorções sociais e as injustiças inerentes a esse modo de produção que passava a organizar a vida social.

Fredric Jameson (1997), aponta dois significados para a palavra *utopia*: o primeiro como percepção transfigurada da sociedade ou da realidade coletiva; o segundo, como um texto, um livro, uma representação ou escritura do discurso utópico. Sua proposta é de que estes sentidos se coordenam, e na análise de sua premissa, de que nosso principal problema político é o debilitamento do impulso e da imaginação utópicos, distingue a utopia da distopia exatamente pelo que tange a sua estrutura narrativa: isto é, enquanto a distopia se desenrola como novela, partindo de um traço sinistro isolado do presente e projetado como catástrofe iminente, a utopia seria mais propriamente uma forma mista de discurso, na qual se justapõem materiais narrativos e não-narrativos. Para ele, o texto utópico não conta uma história, mas busca descrever a construção de mecanismos sociais e materiais que possam desbloquear a liberdade. No texto utópico é necessário ir mais além da existência individual de personagens narrativos e assumir o ponto de vista da espécie, o mais puro da nossa inserção na grande cadeia das gerações, que Jameson afirma no que chamamos de morte. O que a utopia demonstra, para esse autor, é que a estrutura social é determinante do individual, uma vez que o antecede, pois a individualidade, nos diz ele, não é uma categoria significativa auto-suficiente.

A defesa que faz Jameson da construção utópica não nega, contudo, seu caráter ambíguo, pois afirma que, justamente por ser devida ao anseio por transformações coletivas, ela está presente em qualquer parte, mesmo lá onde esse anseio *é mais apaixonadamente desacreditado e denunciado* (p. 66). Além disso, o autor afirma o caráter utópico de toda experiência coletiva, inclusive a fascista ou a racista, e observa que o texto utópico *manifesta uma vontade de poder sobre todos os indivíduos para os quais planeja uma férrea felicidade coletiva, e o conseqüente diagnóstico, em tempos muito recentes, adquire uma dimensão estética péssima* (p.64). Essas considerações, aparentemente,

levam-nos a um caminho sem saída; contudo, sua afirmação de que *a vocação da Utopia é seu fracasso* permite que nos ressitueemos. Entendo essa colocação como justamente sinalizando que a direção da utopia não é sua realização, mas a explicitação daquilo que não somos capazes de trazer para a figuração da fantasia utópica, em cada época:

*[...] o seu valor epistemológico [da utopia] está nas paredes que ela nos permite perceber em torno das nossas mentes, nos limites invisíveis que nos permite detectar, por mera indução, no atoleiro das nossas imaginações no modo de produção, a lama da época presente que se gruda nos sapatos da Utopia alada, imaginando que isso é a própria força da gravidade. Como nos ensinou Louis Marin em seus 'Utopiques', o texto utópico realmente nos dá uma vívida lição daquilo que não podemos imaginar: só que não o faz pela imaginação concreta, mas sim por meio dos buracos no texto, que são nossa própria incapacidade de ver além da época e de suas conclusões ideológicas (p. 85).*

Essa questão do fracasso da utopia encontra-se com o contexto anteriormente abordado, sobre a transmissão na experiência, que apontava para a direção de que aquilo que se transmite é justamente aquilo que falha; e isso, porque que o sentido escorre por frestas, pois o ato na experiência legitima-se na dimensão do corte, ao produzir um intervalo que dissolve momentaneamente as configurações da certeza. Por isso penso ainda a utopia, enquanto não-lugar, como a alegoria da ruptura com formas preestabelecidas e como a fundação do novo, por ter suas condições de possibilidade justamente na suspensão dos sentidos já dados. A figura da utopia carrega, portanto, um valor ambíguo e polêmico, pois podemos reconhecê-la por sua face prescritiva ou propositiva. Na esteira de seu efeito propositivo, Roger Dadoun (2000) reabilita o conceito, sugerindo pensá-lo na contramão de seu sentido usual, direcionando a seta da utopia não para a realidade, para a efetividade de sua realização, mas para o inconsciente, do qual ela seria exatamente uma das formações, por romper o plano seqüencial esperado e exprimir movimentos pulsionais ignorados – funcionando como um reverso do trabalho do sonho, que está mais voltado à face interna da realidade psíquica individual, enquanto o trabalho da utopia mais re-voltado para a externa. Ambas as formações, no entanto, estão a serviço

da sustentação do enigma do desejo, de dar lugar ao não já realizado. Na mesma sintonia, Edson Sousa (2002a) aponta que

*Se vivemos em nossos dias o impasse do descrédito atribuído à função das utopias, não podemos esquecer que a utopia sempre teve na história da humanidade uma função de crítica social, funcionando muito mais como um convite a não tomar as formas de vida que se apresentam como definitivas, irreversíveis e naturais. Neste sentido ela poderia cumprir com a importante missão de arrancar os sujeitos do pântano do senso comum, que institui os sentidos aos quais deveríamos nos curvar. A utopia tem aqui uma função de convite à imaginação. Elas permitem que os sujeitos possam fazer dos espaços que vivem um lugar. Abre, portanto, lugares para imagens possíveis. Todo ato criativo traz em si uma utopia (2002a, p.44).*

Para este autor, as perspectivas utópicas nos colocam sempre diante de outros possíveis, *num claro esforço de esburacar o tecido repetitivo com o qual nos cobrimos para enfrentar as intempéries da vida* (p.40). É certo que precisamos de alguma ousadia e um pouco mais do que de sorte para podermos abrir mão dos velhos desconfortos a que estamos já apegados. Aliás, entendo que esta perspectiva só é concebível na medida em que nosso olhar, escandindo o já conhecido, possa focalizar novos horizontes desenhados pelas benjaminianas *figuras inéditas inventadas de memória*, que se compartilham nos mundanos laços entre os seres humanos. E não é esse o alcance que uma experiência como a do Julinho propõe, quando, apoiado num efeito de transmissão, oferece a liberdade, na aposta que do informe possam surgir sujeitos – tolerando o inesperado que vem com cada nova geração –, numa atitude eminentemente política e na contramão absoluta do discurso dominante? Isto tem me feito refletir que as figuras utópicas que atravessam os tempos só podem se atualizar em imagens dialéticas, que buscam, a cada época, encontrar os terrenos propícios para uma escritura singular. Proponho que o campo delimitado como Julinho possa ser pensado como uma dessas territorializações, viabilizando-se como uma estação da utopia, por suas peculiares condições já analisadas, e ensinando-nos que, se queremos à escritura utópica dar visibilidade, é na

tessitura urdida pelas pequenas utopias compartilhadas no cotidiano dos laços humanos que o olhar deve buscar seu horizonte.

## 5. CONCLUSÃO

Enquanto escrevo, no momento em que devo concluir esta dissertação, ressoa mais um terrível atentado terrorista no mundo, agora em Madri. Frente à desesperança e o medo que se vão disseminando nos corações humanos dos quatro cantos do nosso planeta – promovidos com a mesma virulência pelo terrorismo de estado –, qualquer contribuição que possa vir de nossa atividade intelectual parece se esfumçar. Com efeito, a brutal radicalização da intolerância e da violência que testemunhamos nos mais diversos âmbitos da vida coletiva, neste início do século XXI, parece reduzir a nada qualquer tentativa de a ela se contrapor. E essa tendência de destruição segue seu curso, indiferente ao rastro de dor e revolta que semeia indiscriminadamente em seu caminho, num desprezo equiparável apenas ao do deus mercado, que, frente aos acontecimentos humanos, acena impassível com sua aprovação ou desaprovação. Absolutamente indiferente ao drama social que impõe aos segmentos que lhe desagradam, ele aprofunda incontestavelmente sempre mais e mais o abismo que protege a riqueza de poucos da miséria do resto.

Por outro lado, sabemos que a violência tem início onde termina a palavra – matéria-prima do pensamento e instrumento por excelência da ação política. A ela cabe iluminar o campo das possibilidades e esperanças que nascem do compartilhamento do desejo de transformação, face a uma realidade que se mostra inaceitável. E é por acreditarmos na força da palavra que continuamos a escrever, mesmo sabendo que ela

circunscreve também espaços vazios, pontos de hesitação, que se constituem, contudo, em convite para que a palavra de outro tome lugar, e assim sucessivamente. Esse é o princípio da *transmissão*, conforme desenvolvido neste trabalho, que procurou sobretudo dar visibilidade a um território cuja lógica de organização se contrapõe à lógica dominante, indutora de violência e massificação. De fato, avaliando o caminho trilhado nesta dissertação, constato que a atividade intelectual nela predominante é o esforço de chamar o olhar e a escuta para a existência de alternativas concretas à ordem hegemônica; alternativas que são propiciadas quando a esfera pública não está esvaziada de sua potência, como reafirmado nos depoimentos que situam as experiências neste âmbito como referente fundamental para a constituição de sujeitos em que a singularização advém da pluralidade do campo coletivo.

Não deixa de ser surpreendente que o lugar que nos revela esta potência da esfera pública seja uma escola. De uma instituição educativa poderíamos esperar, ao contrário, que os dispositivos disciplinares se sobrepusessem em primeiro plano, confirmando o consenso geral. Mais insólito se torna este fato quando a escola em questão carrega a fama de ser a mais violenta da cidade, contradizendo tanto o modo como ela é falada por aqueles que nela convivem, quanto o que eu própria presenciei, em mais de um ano de visita. Essa contradição foi já analisada pelos julianos como estratégia de esvaziamento das manifestações juvenis, com o que concordo integralmente, mas penso que podemos refletir ainda sobre o baixo índice de violência, apontado para o Julinho, como resultante de um olhar diferenciado para a agressividade. Para desenvolvermos um pouco melhor esta idéia, precisamos antes distinguir violência de agressividade.

De forma sucinta, podemos dizer que, em termos psicanalíticos, a agressividade é tida como constitutiva do sujeito, pois relacionada à alienação primordial ao Outro, que o funda, e a sua tentativa de diferenciar-se. Durante a operação adolescente – como é compreensível – essa necessidade de diferenciação está hipersensibilizada e, por isso, quanto mais o discurso que cerca o jovem apontar para o *eu sei o que é*

*bom pra ti*, destituindo a manifestação agressiva de seu valor subjetivo de afirmação de um lugar próprio, mais radical terá de ser a resposta do sujeito. Como afirmamos anteriormente, a violência se manifesta na ausência da palavra, e, diferentemente da agressividade, aqui não há a suposição de um saber ao Outro. Neste ponto, Melman (1997) faz uma distinção importante entre as manifestações adolescentes que se constituem como *atuações*, que considera como pedidos de reconhecimento, e a passagem ao ato, que define como um estado sem transferência, quer dizer, quando não se espera nada de ninguém e o mundo é percebido como um caos, mesmo que as instâncias encarregadas de representar a lei possam estar ainda libidinalmente investidas, o que poderia contribuir para a explicação da cronificação de uma passagem delinqüente.

A partir desta distinção entre agressividade e violência, podemos pensar que, se no Julinho o índice de violência é tão baixo – não que esta não exista, mas *não está tão sublinhada*, como definiu Manuela –, é porque essa agressividade intrínseca ao adolecer não precisa ser recalçada, designando aos sujeitos um espaço no social em que seu exercício não encontra pré-julgamento. Quanto a isso, acredito que a história do Julinho tem peso decisivo, pois nela a agressividade das manifestações juvenis esteve sempre enlaçada com a ação política, implicando o reconhecimento de valor por parte de uma comunidade escolar que se caracteriza pelo respeito à diversidade e à liberdade de expressão. E se as peculiaridades do Julinho, referidas principalmente à singularidade de sua história, não autorizam que o proponhamos como modelo de instituição a ser multiplicado como solução para a convivência humana, podemos, contudo, dele tirar alguns ensinamentos, sobretudo das condições que o viabilizam. Afinal, nestes tempos em que o fenômeno da violência na escola pipoca em pelo menos 23 países do planeta – e o nosso não é exceção –, condensando o efeito das crises econômica, social e política (Santos, 2003), uma escola pública brasileira que matricula todo ano 5000 estudantes, nos convoca a falar da esperança. Sua contribuição maior, em meu entender, é focalizar a



questão do espaço público como fundamental, não só para a operação adolescente, mas para o estabelecimento de laços sociais. Como diz Hannah Arendt (2001, p.62), *conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens*. Radicalizando este pensamento, teríamos que considerar que uma política que priorizasse a constituição de espaços públicos atingiria bem mais fundo nas questões sociais do que as usuais políticas assistencialistas, que etiquetam os indivíduos em grupos segmentados. O espaço público, por sua vez, vem a ser a possibilidade de territorializar o que diz respeito a um qualquer e a qualquer um.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. Compreensão e política. In: \_\_\_\_\_. *A dignidade da política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002. p. 39-53.

\_\_\_\_\_. Será que a política ainda tem de algum modo um sentido? In: \_\_\_\_\_. *A dignidade da política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002. p. 117-122.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAVCAR, Evgen. Um outro olhar. *Correio da APPOA*, Porto Alegre, n. 93, p. 17-23, ago. 2001.

BECKER, Ângela Lângaro. *Adolescência e instituições: a mimesis como transmissão possível*. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Abril, 1980. Col. Os pensadores.

\_\_\_\_\_. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1.

\_\_\_\_\_. O narrador; considerações sobre a obra de Nicolai Lescov. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1.

\_\_\_\_\_. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAILLOIS, Roger. *Le mythe et l'homme*. Paris: Gallimard, 1938.

CHESNEAUX, Jean. Uma outra relação com o espaço e com o tempo. In: \_\_\_\_\_. *Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 17-40.

COPSTEIN, Cora Schilling; SILVA, Mariana I. de Lima e; SCHÄFFER, Neiva Otero (Orgs.). *O Julinho sempre foi notícia*. Porto Alegre: Colégio Estadual Júlio de Castilhos, Núcleo de Integração Universidade & Escola, 2001.

COSTA, Ana. *A ficção de si mesmo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

\_\_\_\_\_. *Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão de experiência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

COSTA, Jurandir Freire. *A subjetividade exterior*. Disponível em: <[http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia\\_e\\_Educacao/9/Artigos/subjetividade.html](http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia_e_Educacao/9/Artigos/subjetividade.html)>. Acesso em: 27 jul. 2003.

DADOUN, Roger. Utopie: l'émouvante rationalité de l'inconscient. In: BARBANTINI, R. *L'art au XX siècle et l'utopie*. Paris: L'Harmattan, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

DUARTE, Luiz Fernando D. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ERICKSON, Eric. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

EU vivi esta história no Julinho. Porto Alegre: Ed. Didática Sul, 2000.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. *Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos*. São Paulo: Ed. Escuta, 1995.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. 1996. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

\_\_\_\_\_. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*. Fundação Carlos Chagas. São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

\_\_\_\_\_. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 83-94, maio/ago 2002.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France 1970 – 1982*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. La ética del cuidado de sí como práctica de la libertad. In: \_\_\_\_\_. *Estética, ética y hermenéutica*. Barcelona: Paidós, 1999. Entrevista com H. Becker; R. Fernet-Betancourt, A. Gómez-Müller, 20 de janeiro de 1984.

\_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

HOBBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. São Paulo: Ática, 1997.

JULIEN, Phillipe. *Abandonarás teu pai e tua mãe*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

KEHL, Maria Rita. Existe uma função fraterna?. In: \_\_\_\_\_. *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

KRISTEVA, Julia. Hannah Ahrend. In: \_\_\_\_\_. *O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. v. 1.

LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LIMA, Otavio Rojas (Org.). *Memórias do Julinho*. Porto Alegre: Sagra, 1990.

LIMA, Otavio Rojas; LEDUR, Paulo Flávio (Orgs.). *Julinho: 100 anos de história*. Porto Alegre: Ed. AGE, 2000.

MACHADO, Nara H. N. *Uma nova arquitetura em Porto Alegre: o Julinho*. Porto Alegre: [s. d.]. Mimeografado.

MANNONI, Maud. Apresentação do texto de Octave Mannoni. In: CORRÊA, Ana Isabel (Org.). *Mais tarde... é agora!* Salvador: Ágalma, 1996. p. 78-100.

MELMAN, Charles. *Alcoolismo, delinquência, toxicomania; uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta, 1992a.

\_\_\_\_\_. O nó borromeu na fobia. *A Fobia*, Associação Freudiana Internacional, Trimestre Psychanalytique, n. 3, p. 111 –125, 1992b.

\_\_\_\_\_. Os adolescentes estão sempre confrontados ao Minotauro. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. *Adolescência: entre o passado e o futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. O eterno retorno. In: *Nietzsche*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. v.2. Col. Os pensadores.

PASOLINI, Pier Paolo. *As últimas palavras do herege: entrevistas com Jean Duhok*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RASSIAL, Jean-Jaques. *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

RUFFINO, Rodolfo. Fragmentos em torno da epopéia do sujeito sob a operação do adolecer. In: CORRÊA, Ana Isabel (Org.). *Mais tarde... é agora!*. Salvador: Ágalma, 1996. p. 78-100.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. A superação da violência na vida de uma juventude fraturada. *Jornal da Universidade*. Porto Alegre v. 5, n 62, maio 2003, p. 5.

SILVA, Rosane Neves da. *Cartografias do social: estratégias de produção de conhecimento*. 2001. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SILVA, Uiran Gebara da. *Admirável mundo novo: comentário sobre Utopia* de Thomas More. Disponível em: <[www.klepsidra.net/arquivo-data.html](http://www.klepsidra.net/arquivo-data.html)>. Acesso em: 5 jan. 2002.

SOUSA, Edson. Por uma cultura da utopia. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Unicultura*. Pesquisa e organização Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2002a.

\_\_\_\_\_. Quando os atos se tornam formas. In: BARTUCCI, Giovanna. *Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2002b.

SOUZA, Janice Tirelli Ponte de. *Reinvenções da utopia: a militância política de jovens nos anos 90*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SCHERÉR, René. Conferência proferida no Seminário *Clínica, Política e Modalidade do Subjetivo no Contemporâneo*, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 5 dez. 2002.

TIMM, Liana. Ima(r)gens. In: FONSECA, Tânia Maria Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Org.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

VIRILIO, Paul. *A máquina de visão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

\_\_\_\_\_. Entrevista. *República*, jun., 2000. p. 96-102.